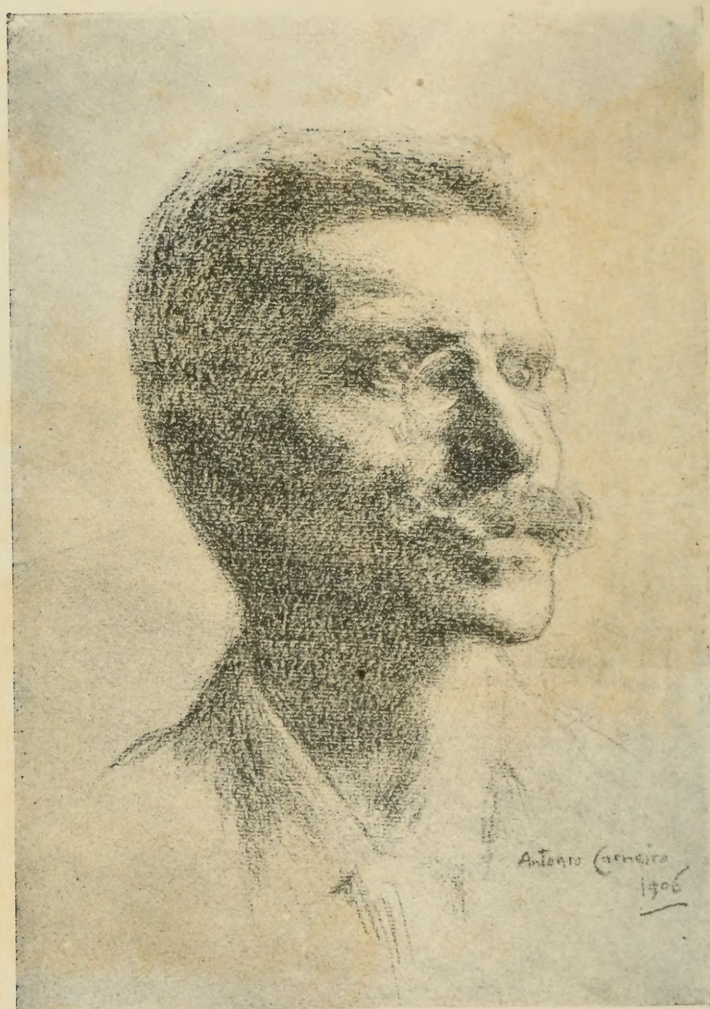
Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Redactor

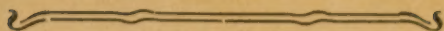
Em troca d'esta publicação pedimos a V. Ex.ª o favor d'uma noticia no seu conceituado jornal.

Agradecem e respeitosamente se assignam

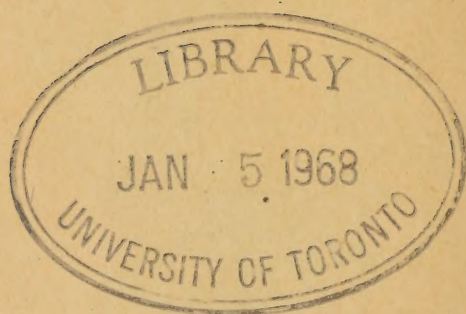
De V. Ex.ª
att.^{os} cr.^{os} e obr.^{os}

Lello & Irm...

I. Passionarias
II. Visões e sonhos
III. Illuminuras
IV. Livro das illusões

Antonio Carneiro
1906
Coelho Netto

Coelho Netto

ROMANCEIRO

Edição definitiva consideravelmente augmentada

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de LELLO & IRMÃO, editores
—
1906

Passionarias

Fragmentos do jornal de um noivo

I

Foi á luz maravilhosa de um limpido luar de Abril.

Falaste; que me disseste? Já te não lembras: palavras vans, sem amor. Amor... nem tal podia haver, se era a primeira vez que nos viamos.

Mas, como explicar o caso extranho de haveres ficado, desde então, indelevelmente viva nas minhas pupillas como o arbusto, que nasce á margem da ribeira clara, fica, por toda a vida, nella reflectido? Foi á luz maravilhosa de um limpido luar de Abril.

No terraço, sob um jasmineiro em flor, conversavam senhoras e cavalheiros quando a tua pequenina mão, tremula e fria, escondeu-se na minha como se esconde a estrella em uma nuvem.

Nada disseste e eu não me lembro de haver pronunciado uma palavra e foi como se nos houvessemos jurado, diante do ceu estrellado, um amor eterno.

Ainda hoje quando pergunto se te lembras do nosso primeiro encontro e do juramento que nós fizemos:

—Sim, respondes sorrindo, recordando essa adoravel noite de mudez—foi á luz maravilhosa de um limpido luar de Abril.

II

—E' pontual, disse minha amada sorrindo. Cabia-me o louvor porque, justamente, á hora aprazada para o encontro, eu sorria, dentro das suas pupillas, e ella corava, timida, nas minhas.

—Pontual, affirmei beijando-lhe as mãos delgadas. Possúo um regulador sem igual em todo o mundo. E' possivel que, ás vezes, se adiante; ainda assim não o tróco pelo famoso relogio da cathedral de Strasburgo.

Trago-o sempre commigo, todavia foi necessario que me apparecesses para que eu descobrisse o valor inestimavel d'essa preciosidade.

Lindamente, nos labios de minha amada, desabrochava um sorriso curioso. Sem lhe deixar as mãos continuei falando para os seus olhos:

—Não pára. Disse-me alguem que só ha um meio de o fazer parar... Fitei-a com amor, e, enternecido: Mas tu has de ser sempre minha... dize?

—Sempre! affirmou n'um suspiro. E tens comtigo esse regulador? mostra-m'o, pedio. Pousei a sua pequenina mão sobre o meu peito:

—Sentes?

—E' o coração, disse ella com os olhos risonhos.

—E' o meu regulador. Não pára nunca, a menos que tu... E, beijando-lhe as mãos, ia para dizer-lhe palavras que a maguavam quando, a rir, ella irrompeu muito vermelha:

—Ah! bem me parecia... Por isso é que acórdo agóra tão cedo! Por isso é que me não chamam mais a preguiçosa...

E, emquanto eu lhe beijava os dedos ajuntou jocunda: Acertei o meu coração pelo teu—é elle que me acorda tão cedo e me não deixa dormir mais... Por isso... por isso... Ah! bem me parecia...!

III

Sorriste quando te disseram que eu atravessára tristemente toda a triste noite em claro. Choraste sabendo que eu sorrira. Explica-me o motivo d'essa contradicção singular.

Ciumenta cruel, sorriste porque comprehendeste que foste tu só a causa da vigilia melancólica. Veio ficar á minha cabeceira a visão indelevel dos meus olhos, tu. E, pensando em ti, no isolamento, achei a tua imagem em minh'alma como uma santa dentro d'um relicario mas... teus olhos? e o teu sorriso?

Choraste quando sorri... Pensaste talvez, que uma nova alegria illuminára o meu coração... e foi. Advinhaste, noiva presaga; advinhaste. Sorri, e era quasi manhan — vinha nascendo a luz. Expirava o tempo do meu desterro: eu vinha ver-te e sorria. Ciumenta cruel e incoherente que sorri quando eu soffro e chora quando eu sorrio.

IV

Os astros claros moram no ceu remóto, a luz, entanto, desce a alumiar-nos e segue-nos a toda a parte: tão longe assiste o sol e o dia de ouro explende; tão distante apparece o plenilunio e o luar prateia e suavisa a noite; as estrellas alem e brilham em todas as aguas da terra. O amor é como a luz dos astros.

Longe de mim pensas, talvez, que a luz dos teus olhos não me acompanha? segue-me e, ai! de mim se me desamparasse. Ceu é teu rosto e astros são teus olhos. Dá-me — e não te peço mais — dá-me a bemaventurança do teu coração, que é o Paraiso, para que minha alma nelle viva.

Se á crença é mistér a prece, teu nome não me sahe dos labios, nelle resumo toda a minha fé, a minha anciosa esperança nelle se concentra. D'elle somente faço a minha oração de amor... d'elle somente e é muito.

V

Não pódes comprehender o texto santo, ris das palavras biblicas... e não ha verdades mais limpidas do que as que foram escriptas pelo patriarcha do exodo.

Perguntas como poude o Senhor tirar das trevas a terra e os astros, os astros principalmente. Queres a explicação do mysterio? fecha as paginas da Biblia e contempla teu rosto ao espelho.

Teus olhos... O Cháos, de certo, não era tão ferrugineo. E' possivel que exista maior treva? dize: já viste noite alguma comparavel ás tuas pupillas negras? Todavia, repara como scintillam, vê quanta luz espalham.

Teu olhar... teu olhar... que luz d'astros ha mais fulgurante? Se o meu amor tira dos teus olhos tanta claridade como duvidas de que Deus houvesse do Cháos tirado o sol das madrugadas e as estrellas nocturnas? Que treva tão densa existe como a dos teus olhos e que mais explendor queres do que o do teu olhar?

VI

Voluvel! Achas que sou voluvel porque, de quando em quando, olho outras mulheres? Não, não sou voluvel como dizes: olho-as com o grande orgulho de um triumphador vendo desfilar vencidas.

Examinando-as, analysando-as cheguei á convicção de que sou o mais feliz dos homens porque sou amado pela mais bella das mulheres.

Como queres tu que eu prefira aos teus olhos limpidos e prefira á tua bocca immaculada olhos sem lume das que me não conhecem, boccas onde têm repousado tantos labios?

Como queres que eu te esqueça por outras se és minha, inteiramente minha, como minh'alma é tua e para o sempre.

Voluvel!... sim. Minh'alma é voluvel porque nunca está commigo, vou encontral-a sempre — ou nos teus olhos, ou nos teus cabellos, volteando, voluvel e fremente, em busca de tua alma, no ádyto do teu coração.

Voluvel, porque varío de hora em hora. O amor. no meu coração, sóbe como a luz do dia: cada vez mais ardente e mais impetuoso.

Voluvel, sim, porque o meu amor não pára. A culpa é tua que me enlouqueceste e me fazes andar de sonho em sonho ou da esperança para o desespero e outras vezes, mimosa, do desespero para a esperança.

VII

—Delicioso arôma! disse alguem, tomando-me das mãos o lenço que eu trazia. Delicioso arôma! Achei curioso: eu, nesse dia, não perfumára o lenço. Para convencer-me cheirei-o tambem e sahio-me expontanea a mesma exclamação: Delicioso arôma!

Fiquei a pensar: teria eu mesmo perfumado o lenço? não, tinha certeza. Demais aquella essencia, tão delicada, tão subtil, tão branda jámais eu possuira. Que flôr teria tão estranho arôma!? Não me constava que tal flor houvesse entretanto, por força, ella existia.

De repente lembrei-me: Meu lenço, nesse dia, roçára levemente pelas rosas do teu rosto.

VIII

Não as invejes, não. Effectivamente parecem duas flores nascidas na mesma haste — entre ellas não ha a mais estreita vesga por onde se insinúe o raio de outra estrella, quasi que se confundem, tão unidas d'aqui nos parecem estar as altas estrellinhas claras que são, talvez, grandes mundos melancolicos. Não as invejes, não.

Se pudesses imaginar o espaço immenso que as separa, não as dizias tão felizes: entre as duas podem rolar folgadamente planetas maiores do que este em que nos amamos.

Quantas mil leguas o nosso olhar reduz a menos que uma linha!

Pobres estrellas! como vivem solitarias...

Como as estrellas que vês ha na terra casaes: encontramol-os unidos, braço a braço, seguimol-os na

turba, invejando o amor que tão estreitamente os une: vemol-os com os mesmos olhos com que contemplamos as estrellas claras.

Se pudessemos dissipar a hypocrisia, veriamos a verdade triste: o grande vácuo que separa os que parecem quasi confundidos, espaço maior do que o que aparta as estrellas, porque entre os astros medeia apenas o vasio e, entre os que se não amam, alarga-se a indifferença, que é a mais vasta e a mais lugubre das distancias.

IX

Para que me seguisse a toda a parte e sempre a protecção da Virgem deste-me a pequenina venéra que trazias, dizendo-me: «Anda sempre com ella porque é benta». E trago-a e hei de trazel-a sempre porque sinceramente o digo, repetindo as tuas palavras meigas: «E' benta». E, como não o seria se, continuamente, teus labios ungiam-na de beijos, se, continuamente, a medalhinha estava no baptisterio purificador da tua bocca e morava perto do coração, sobre o altar do teu seio, que é mais puro do que a ara das capellas.

Trago-a e hei de trazel-a sempre commigo, a pequenina venera que trazias, e nenhum amargor me entrará n'alma nem mais a melancolia fará ninho em meu coração, porque tenho, junto ao peito, o escudo onde gravaste, com os teus beijos, o defensivo distico do amor, mais forte do que todos os exorcismos.

Mas, pensas que é a Virgem que me acompanha e me protege? Não, quem me acompanha e me protege é o teu amor, querida.

Tu é que és a Virgem das minhas orações.

Nas horas de saudade é o teu nome que minh'alma invóca e todas as minhas preces, que as faço de minúto em minúto, enchem-me de uma bemfaseja esperança e de um consolo benefico — mas, não são feitas á Virgem, nem á medalhinha santa: são feitas ao meu amor, a ti, sacrario de minh'alma, senhora e dona do meu ser, porque és tú que me dás o sorriso — e o ceu, que tanto ambiciono, não será a Virgem que m'o dará, senão tu minha muito adorada.

Entretanto, para obedecer-te, trago e hei de trazer sempre commigo a pequenina vénera que trazías.

X

Perguntas sempre: «Quando estás longe tens saudade de mim?» Respondo-te sinceramente:

— Não. Não creias que a distancia separe, o que separa é o esquecimento.

Tem-se saudade dos que já não vivem, dos que já se não vêem. E, como queres que a saudade me atormente se estás sempre em meu coração?

Saudade, não, porque vives commigo, porque a toda a hora sinto que palpitas em mim, dentro em minh'alma.

A saudade, amor, é o fogo fátuo das venturas mortas, pairando sobre o coração.

XI

Caminhavamos os dois muito unidos. falando baixinho. tão baixo que as flores do caminho e as abelhas. que procuravam anciosamente a tua bocca, nada ouviram.

Iamos vagarosamente compondo venturas, trabalhando em mil castellos: tu muito vermelha. eu pallido.

Disseste-me tantas palavras de felicidade que, francamente, cheguei a duvidar de ti. Caminhavamos.

Falavamos no futuro e, quando trocamos o juramento sagrado de eterno amor. uma brisa traiçoeira levou as nossas palavras e, a fugir, as foi repetindo ás aguas. aos ninhos, ás flores. aos raios do sol, de sorte que todas as cousas ficaram sabendo que nós juramos eterno amor.

E tu. muito vermelha, d'olhos baixos. murmuraste:
—Quantas testemunhas...!

—Quantas testemunhas! repetí sorrindo.

De sorte que. se me trahires, as flores, as limpidas aguas, os raios do sol, os passarinhos correrão a dizer-me: «A tua amada trahio-te! A tua amada trahio-te!»

XII

De onde vêm as lagrimas? Ha duas versões, curiosa; faze tu mesma a escolha.

Vêm da alma, para uns, para outros, vêm do coração.

A alma venturosa tem o sorriso, que é a luz: a alma soffredora tem a agonia, que é a tréva.

A noite desfaz-se em orvalho, a melancolia dilue-se em lagrimas. As flores vivem do rócio nocturno e a poesia desabrocha molhada pelo pranto. Entre uma gotta que roreja a corolla e uma gotta que humedece a palpebra ha a affinidade da origem: ambas baixaram da sombra, em ambas, porém, brilham centelhas: de estrellas, na gotta de orvalho; de pupillas, na gotta de lagrimas.

Outros dizem: vêm do coração, que é uma clepsydra — relogio sempre a marcar as horas do longo dia e da noite longa, instilla. gotta á gotta, os minútos de magua.

24.

Pela quantidade do teu pranto posso saber quanto por mim soffreste. Dá-me as tuas lagrimas que eu te direi o tempo exacto que me dedicaste.

Achas pequenino o coração para contar tantas lagrimas, pois ouve e guarda esta triste verdade: Mais depressa verás o leito do oceano enxuto do que um coração esteril de lagrimas.

Cada um de nós traz dentro de si a fonte amarga que abebera os olhos e desedenta a alma.

Lagrimas... Falemos do teu sorriso.

XIII

Mal nos sentavamos naquelle lindo terraço, que foi demolido pelo proprietario da casa em que nos amámos — ah! esses proprietarios que nada respeitam e só attendem aos seus interesses — logo ouviamos os arrastados e vagarosos passos da velhinha que chegava, umas vezes com o seu *tricot*, outras vezes com o seu rosario, sempre sorrindo, com mais rugas na face encarquilhada — porque a alegria nos velhos é como o sol nas ruinas: torna ainda mais flagrante a devastação do tempo — e sentava-se perto, pertinho de nós, quieta, cabisbaixa, os olhos na tarefa ou nas contas que lhe passavam pelos dedos.

Pobre velhinha! como errava o *tricot!* e quanto tempo gastou naquelle trabalho que uma creança faria no espaço d'uma manhan!

Estou hoje convencido de que a boa velha, posto que nunca houvesse lido Homero, imitava Penelope na astucia — desmanchando de madrugada o que fazia no serão só para ter pretexto de buscar-nos, á noite.

E as suas rezas?... iriam ellas a Deus? repassaria a velha, com fé, as contas do rosario? Não creio — o que ella repassava eram as suas reminiscencias.

Tu não lhe perdoavas a curiosidade e, mal a sentias, amuavas, resmungando contra a intrusa, contra a indiscreta que vinha para ouvir o que diziamos e, uma vez mesmo, revoltada, quizeste fazel-a voltar e foi necessario que eu interviesse defendendo a pobresinha.

Bem sabia eu que ella não tinha intenções perversas, pobre velha! o que ella queria era agazalhar-se, aquecer-se ao nosso amor, chegar á nossa mocidade feliz o seu mirradinho coração gelado.

Ah! os velhinhos...! Quando vem o inverno lá vão elles, tremulos, para a beira do fogo, inclinam-se, as mãos estendidas, e alli ficam gosando o calor que é, para os miseros, a vida.

E a alma? julgas que não sente frio? Ai! de nós. O inverno, no coração, é triste — as neves são as saudades que o enchem e a melancalia é a escuridão que o entrevece. A arvore das illusões perde toda a sua verde folhagem e tudo se torna em neve e sobre a neve passam e repassam, como espectros, os bandos merencoreos das recordações.

Imagina a tristeza da velhinha... quasi oitenta annos. coitada! que frio devia ella ter nalma.

O que ella queria era aquecer-se. Buscava-nos como se buscasse um lume, aconchegava-se á nossa mocidade amorosa como a uma lareira e revivia.

O fogo do lar aquece e alegra como o sol do céu e nós eramos, para a velhinha, como a viva chamma. Mas, deixando-nos, recolhendo á solidão do seu quarto, reentrando no silencio e no frio, como devia tiritar, a misera.

Nós, quando nos apartamos, soffremos, mas logo a esperança de nos revermos tranquillisa-nos — é que a nossa separação é como a sombra transitoria da noite, mas, para a velhinha, a sombra que a separava dos amores era a eterna tréva da morte.

Não te lembras d'aquella vez em que a sorprehendemos chorando? Tu, com pena, perguntaste: «Porque chora?» Que respondeu a triste? sorrio sem parar de chorar e as lagrimas rolavam-lhe no collo, grandes como as contas do seu rosario.

Era o degêlo do coração miserrimo... Degêlo sim, porque, nessa noite, as nossas boccas... e ella ouvio e tremeu.

Pobre velhinha! quem sabe se não foi essa emoção que a matou? Era como um monte de neve que um sol forte fundio.

Eu bem te dizia que o nosso ardente amor podia ser fatal á pobre velha... rias... e ella? lá se partio, coitada! e tão engelhadinha que todos pelas ruas, á passagem do enterro, lamentavam que tão cedo a morte houvesse arrebatado aquella que, pelo tamanho do caixão, coberto de grinaldas brancas, imaginavam que era uma creança.

XIV

Sim, porque te julguei indifferente, clamei, no meu desespero: «E' preciso esquecel-a! E' preciso matar esse amor que me allucina. Porque heide viver escravisado a um rochedo que me não attende e só me retem como o poste retem o prisioneiro? E' preciso esquecel-a!»

E resolvi abrir uma cova bem funda no coração para enterrar o teu nome.

Chamei o Amor, o Amor negou-se. Chamei o Ciume e elle, prompto, solicito, acudio vingativo. Disse-lhe o que desejava. Toda a tarde — ó! o sinistro coveiro — toda a tarde o Ciume trabalhou cavando a sepultura funda em que devia ficar o teu nome adorado. Eu olhava a terra que sahia... a terra!...

Eram os nossos protestos, eram os nossos ideaes felizes, palavras tuas, palavras minhas, promessas, sonhos, queixas e sorrisos...

A's vezes, na pá, rolavam gottas diamantinas — eram lágrimas tuas, as tuas lagrimas ciumentas: e flores, eram os nossos beijos e a cova afundava, escura como um abysmo.

«Agora sim, dizia eu radiante, agora sim, vou viver tranquillo, sem a lembrança d'esse amor, esquecido d'aquella que me não ama.»

Tomei, á flor dos labios, o teu nome (oh! como me custou arrancal-o!) fil-o baixar á cova e logo o Ciume se poz a cobril-a com a terra feral que retirava. E o Amor sorria ao vêl-o atarefado naquelle sinistro empenho.

Cobrio a sepultura, cobrio-a bem, bateu a terra até endurecel-a e, ainda, por cima lançou, como uma pesada lage, o meu despreso com este curto epitaphio: «Aqui jaz uma ingrata.» Depois minh'alma, saciada com a vingança, alegrou-se e cantou o seu triumpho. Como me julguei feliz!

No mesmo instante, porém, — não é tão rapida na terra a germinação da semente — senti que me crescia o coração.

Sobresaltado, mandei minh'alma ao tumulo e, oh! desventura venturosa, teu nome fendia a terra, rebentava a lage, subia com um viço prodigioso, não um, como fôra enterrado, mas multiplicado, como as folhas nas arvores, tantos, tantos eram os que me vinham, em tumulto, á bocca que passei toda a noite a redizer teu nome e ainda a manhan veio encontrar-me redizendo-o arrependido, feliz, extasiado.

Ahi tens o que me succedeu por haver querido esquecer-te; nunca em ti pensei tanto como nessa noite, amor.

XV

Não te illudas — ama-se uma só vez: o amor é como a vida e como a morte. Aquelle que se refere a amores jámais conheceu o amor.

Dizes, sorrindo, que o amor é um habito que nasce da convivencia — é mais que um habito, é um destino.

Vi, uma vez, dois velhinhos pararem tremulos, um diante do outro, fitarem-se, estenderem-se as mãos e ficarem muito tempo mudos, enternecidos, enleiados d'aquelle encontro. Não se conheciam e apartaram-se penalisados.

Caminhando em direcções oppostas voltavam as cabecinhas brancas e os sumidos olhos demoravam-se em fitar-se ternamente. Quem eram? perguntas.

Eram duas almas que se completariam se a má sorte não as houvesse apartado sempre... só á beira da cova se encontraram e foi esse para os infelizes o unico instante de verdadeiro amor.

Amores... Aquelle que se refere a amores jámais conheceu o amor.

XVI

Se a saudade crescesse como cresce a planta bem regada, já as estrellas teriam lá em cima a flor tristonha do meu soffrimento.

A saudade dilata-se como a ramaria frondosa, como as raizes que alastram, e assim faz sombra á minh'alma e crava os seus tentaculos no meu coração, sugando-lhe toda a alegria.

Mas quando de mim te approximas, doce amada, a arvore toda se illumina á luz dos teus olhos suaves e os teus sorrisos vibram como rouxinoleios d'aves que a povoam e, o que era d'antes luto e dôr logo se transforma em alacridade e em goso.

Rejubila minh'alma, meu coração exulta, como se alegra a terra depois que se funde o inverno aos calores dourados da primavera florida.

XVII

Desde a entrada, como se um grande vento houvesse soprado á noite, desfolhando as lindas rosas, brancas e vermelhas, o saibro do jardim era um tapiz aromal de petalas fanadas.

Que pena tive do rosal despido!

Nem uma rosa, ao menos, numa haste escondida, para ornar e perfumar o lindo collo de minha amada.

Eu contemplava, sentido, aquella devastação, quando o riso, que alegra minha alma, annunciou a presença d'aquella por quem vivo. Vendo-a, tomando-lhe as mãos pequenas, notei que baixava os olhos. Perguntei-lhe, então, mostrando as petalas dispersas:

—Que houve aqui? A noite foi de luar e serena. Que mãos crueis terão assim desfolhado as lindas rosas? Ella, sorrindo, estendeu-me as mãos dizendo, corada e meiga:

—Aqui as tens: castiga-as...

— E que mal te fizeram as flores inoffensivas?

— Mal nenhum... Dizem que, perguntando-se á rosa, á medida que se vae desfolhando se o nosso amor não mente, a flôr responde e eu... duvido tanto de ti que, para convencer-me...

— Sacrificaste todas as rosas...?

— E, ainda assim, não creio no teu amor.

XVIII

Perguntando-lhe eu de quem ouvira palavras taes baixou os olhos sorrindo e balbuciou: «Nunca as ouvi de labio algum, tirei-as do coração.»

O apologo do ciume nasceu na alma de minha amada como o perfume nasce na corolla da flor.

Vê lá, sisuda Critica, se lhe pões as mãos em cima — o que encontras aqui não é da tua alçada, cumpre o teu fadario, mas não exorbites — isto não é litteratura, é carinho. Ouve como eu ouvi, uma noite, emquanto a chuva do inverno fazia chorar o arvoredo. Ouve e passa.

O principe agonisa.

Leves, cautos, de manso os passos mal se accusam. Qual foge a correr, qual a chorar — um que conduz os balsamos, outro que precede os magos; e passam, num desferir de sombras; mal um fremito deixam quando passam. Não murmuram palavra, apenas os olhos falam.

Choram; lagrimas brilham nas lages dos corredores. O silencio é quasi absoluto. As aguas dos rios foram desviadas para que o murmurio não perturbe o

somno do moribundo. Os passaros, tomados em grandes redes, foram transportados para longe. Apenas o vento soluça nos tristonhos cyprestes.

O principe agonisa.

Arautos percorrem as terras vastas do reino promettendo cargas de pedrarías, minas de ouro, harens de formosuras, provincias com os seus haveres e habitantes a quem salvar da morte o principe moribundo e ninguem se atreve a concorrer a premios taes.

Pelas tendas e pelos palacios os subditos balbuciam: «O principe agonisa. Pobre princeza noiva!»

Pobre princeza noiva que não deixa o beiral do leito amado. Quem salvará seu noivo?

Correm magos e solitarios, astrologos e marabutos e a morte não se arreda.

Subitamente pagens e janisaros precipitam-se na camara merencorea annunciando que uma formosa mulher bate ás portas do palacio promettendo a vida ao meribudo.

—Que entre asinha! Que entre a salvadora! E a guarda silenciosa abre passagem á peregrina estranha. E' formosa, maravilhosamente formosa! Velhos soldados murmuram á sua passagem:

—Não é mais linda a estrella da manhan.

Abre-se a cortina do leito: o principe livido, os olhos amortecidos, as mãos crusadas no peito, mais branco do que os linhos alvos, é quasi cadaver frio. E a princesa soluça:

— Trazes a vida, linda peregrina? indaga, mas com ciume porque, através das lagrimas, seus olhos vêm e admiram a graça e a formosura da estrangeira.

— Trago-lhe a vida, diz a mulher formosa. E os olhos do principe reaccendem-se e fulgem. Basta que meus labios toquem, de leve, a polpa de seus labios e logo despertará no seu coração a vida que vasqueja. A princesa estremece e o principe estremece. Pasmam todos de vel-o revivendo e a peregrina, desnastrando os cabellos, vae, a mais e mais, ganhando maior graça.

Já seus braços nús recurvam-se, brancos como dois crescentes, aureolando a cabeça desfallecida; tremem-lhe os labios, accendem-se-lhe as pupillas. Vai a pousar a bocca sobre o labio morno do principe que morre quando a princesa, assomada em ira, investe repellindo-a:

— Não! custe-lhe, embora, a vida! Nunca outros labios sentirão o sabor do seu beijo.

Expulsa a peregrina. Logo a morte envolve em silencio e em frio o corpo do moço principe.

— Antes a morte! profere a princeza em soluços e, para acompanhar o noivo, abre no peito, com o ferro d'um punhal, o caminho á Morte.

. . . .

— Se a minha vida dependesse de outros labios, dize, terias a fria coragem da princeza cruel?

— Antes a morte! affirmou minha amada chorando.

XIX

Pensando em ti, ao claro luar, ouvi a voz dos trovadores.

Desciam vagarosamente a larga e silenciosa estrada, ao som das guitarras languidas.

Um d'elles cantou. Dizia assim, em versos delicados, a tonadilha de amor:

«Se toda a vez que a minha amada mentisse morresse uma estrella no céu já não haveria, não direi estrellas, mas nebulosas que são a florescencia sydeal.»

E o outro, com a mesma melodia, respondeu:

«Se toda a vez que a minha amada perjurasse desapparecesse um grão de areia do mar já as aguas verdes não teriam leito nem as longas praias alvejariam.»

E minha amada, sorrindo, os olhos fitos em mim, perguntou com malicia:

—Quem era o outro trovador?

XX

Fiz uma fogueira com todas as lembranças da minha mocidade, para que nada ficasse do passado morto: a cinza levou-a o vento.

Do tempo que se foi não resta a mais leve memoria: o fogo consumiu o que era material, o que havia em minh'alma lancei ao esquecimento.

Posso agora receber-te com a pureza de que és digna.

Durante toda a longa noite um sinistro clarão illuminou o meu jardim solitario e de longe, quem voltasse o olhar na direcção do meu retiro, julgaria que um incendio devastador arrazava aquella parte da cidade tão cheia de vergeis e era eu, eu só que destruia todas as minhas illusões de moço.

E tu, meu amor, em que empregaste a ultima noite de solteira? E minha amada, descerrando o cortinado d'um pequenino berço, mostrou-me a sua boneca, loura, vestida de branco e azul, que parecia dormir quietinha entre rendas e fitas; e, com os olhos rasos d'agua, disse:

—Em vestil-a e acalental-a pela derradeira vez.

Visões e sonhos

Duvida

—

Deus meu! pois é possivel que não tenha comprehendido ainda? E' possivel que, ao passar por mim, não ouça as pancadas fortes do meu coração? Se lhe tomo a mão delgada acho-a sempre impassivel. Jamais estremeceu dentro da minha essa pequenina mão, lyrio nevado, de cinco petalas, que perfuma o adeus.

Olho-a quando a vejo distrahida; mais d'uma vez seus olhos me têm sorprehendido nessa contemplação sem, todavia, demonstrarem haver percebido o que se passa em minh'alma. Que hei de fazer para que ella saiba do meu amor? Como dizer-lh'o?

Se a vejo andar sigo-lhe os passos, as flores de que ella fala são as minhas flores, o que ella festeja eu amo. Deus meu! pois é possivel que não tenha comprehendido ainda?

Sem vel-a, sinto a ausencia de mim mesmo, faltame tudo e tudo me aborrece; mal a encontro estre-

meço e soffro mal a encontro. Penso em evital-a, penso em esquecel-a mas... como se pode esquecer a propria vida?

Tudo tenho tentado... Quando ella fala inclino-me para ouvil-a e, se a vejo em silencio, os olhos baixos (ó presumido coração!) chego a cuidar que ella, indifferente e fria, pensa em mim.

Deus meu! que hei de fazer para que ella me comprehenda?

Seu nome não me sahe dos labios, não o pronuncío alto — aspiro-o, levo-o á minh'alma, como um canto, para acalental-a e, no meu coração, como em um berço, minh'alma adormece embalada por esse canto. A's vezes tenho impetos de confessar-lhe tudo — olho-a, mas encontro o seu olhar tão frio que... Deus meu! pois é possivel que não tenha comprehendido ainda?

Á noite enche o meu pensamento essa gélida estatua: são os seus olhos, é a sua bocca, são os seus cabellos, é o seu sorriso, é a sua voz, é o seu andar... Como cabem tantas seducções em uma só mulher e porque não tens força, coração, para resistir aos sortilegios d'esse formoso e desejado inferno? Vives na Thebaida do peito... faze-te forte, ascéta! faze-te forte para que te não seduzam mais os seus encantos. Mas não — apenas ouves os seus passos, ficas submisso e humilde e, para que te contenhas, as mais das vezes forças-me a evital-a.

Certa manhan achou-me pallido: falou-me. Que lhe disse eu? não sei. Melhor fôra que lhe houvesse dado a razão da minha pallidez doentia.

Se lhe falasse? Mas... quem sabe? Quem sabe se ella tambem não soffre em silencio? se tambem não procura em minh'alma o seu segredo?

Por vezes tenho-a sorprehendido com os olhos negros fitos em mim... Quem sabe se ella tambem, á noite, recolhendo-se, não terá, muita vez, soluçado fremente: «Deus meu! pois é possivel que não tenha comprehendido ainda?!»

O velho ourives

—Pobre de mim! Pobre de mim! gemia o velho ourives vendo vasias todas as encarnas da corôa real em que, com tanto esmero, andava a trabalhar desde os dourados sóes do estio. Pobre de mim! Quem m'os terá furtado, os clarissimos diamantes, os púrpuros rubís e as opalas mais alvas do que as espumas do mar?

Ai! de mim, vendidos todos os meus haveres não darão o preço do menor dos diamantes da corôa.

Foi, com certeza, hontem á noite, emquanto sahi a recolher um pouco de ramalho para avivar o lume —o vento impellio a porta e algum ladrão entrou levando as pedras.

Ai! de mim, gemia o velho ourives debruçado sobre a banca de trabalho pensando no supplicio inevitavel quando ouvio uma voz que sahia do fundo lobrego da cella taciturna:

— Não te afflijas, lhe disse, se tens caridade nalma sahe um momento á porta e encontrarás, senão as gemmas que te furtaram, outras mais raras. Vai, para que não haja no dia do Senhor um homem triste no mundo.

Ouvio o velho e, reagindo contra o pavor que lhe causara a voz mysteriosa, tomou o bordão e sahio. Mal chegara ao limiar da casa eis que lhe appareceu uma pobre mulher macilenta, andrajosa, aconchegando ao collo uma creança.

Chorava e tremia de frio, toda encharcada. Ao dar com o velho a miseranda prostrou-se de joelhos e, quatro a quatro, cahiam-lhe dos olhos fundos grossas gottas de lagrimas.

— Vê se eram mais puros os teus diamantes, disse mysteriosamente a voz mysteriosa.

Em verdade — attentando nas lagrimas da misera vio o ourives que eram mais claras que as pedras que perdera e, com pressa de avaro, aconchegando as mãos, risonho, poz-se a aparar as lagrimas que, mal cahiam no concavo das mãos, logo se crystallisavam rutilas, fulgindo.

E a mulher, a chorar, sentou-se sob o telheiro e, desabotoando o casaco, expoz o seio flaccido que a creança avidamente procurava.

Poz-se o infante a mamar com tanta gula que o leite lhe escorria pelos cantos da bocca e, de novo, mysteriosamente, falou a voz mysteriosa:

— Vê se eram mais bellas as opalas que te furtaram.

Effectivamente as gottas de leite eram muito mais alvas e tinham um reflexo mais azulado.

Mamava a creança e a mulher ia, aos poucos, desfallecendo como se tivesse a sugal-a a bocca de um vampiro e o ourives, da propria bocca da creança, foi recolhendo o leite que, como as lagrimas, logo se crystallisava.

O pequenito, que não se saciava, ia sugando com mais ancia até que se lhe encardio a bocca como uma ferida aberta e o sangue entrou a escorrer-lhe dos labios. De novo, mysteriosamente, falou a voz mysteiosa:

— Vê se tinham tão linda cor os rubís da corôa.

Não se conteve o ourives de alegria — avançou com as mãos ambas e, retirando a creança do seio materno, poz-se a recolher o sangue que manava.

Nevava; o vento, ululando, revolvia a poeira brumal do dia triste. Branqueavam os telhados das casas, o campo era uma immensa lápide que reluzia.

De quando em quando manchava a neve a sombra de um corvo errante.

*

*   *

Tornou o ourives á velha banca e, cantando, tomou a corôa real e poz-se a engastar o pranto, o leite e o sangue, deslumbrado com a belleza das novas pedras, quando o vento começou a uivar trazendo mais densa neve e fóra, sob o telheiro, a creancinha chorava no collo gelado e murcho da mulher transida.

Disse então mysteriosamente a voz mysteriosa:

— Porque não recolhes essa pobre mãe que soffre exposta ao frio, e desfallece de fome? O velho, cravando as pedras, encolheu ligeiramente os hombros e foi fechar o postigo por onde o vento entrava aos silvos e foi ateiar o lume no fogão.

De novo, mysteriosamente, fallou a voz mysteriosa:

— Porque não agazalhas a desgraçada que soffre no limiar da tua casa? Não te deu ella os diamantes, as opalas, os rubis, a fortuna, a vida, emfim, porque serias levado á forca se não achasses as pedras que te furtaram?

O velho poz-se a cantar indifferente continuando a trabalhar na corôa real. Que lhe importava a misera! La fóra o vento gemia, lá fóra crescia a neve mas, alli dentro, ardia um bom fogo e, com a esperança dos dias afortunados, o velho ourives sorria.

Quando entregasse a corôa e recebesse do rei a recompensa compraria uma granja fertil, teria arvorêdo e rebanhos, uma casa de muros novos, sem trinchas por onde o nordeste entrasse, coberta de telhas novas. O seu trigal dar-lhe-ia pão para todo o anno, o olivedo daria o azeite, o parreiral daria o vinho, a lan elle mesmo tosaria das ovelhas gordas, o mel as abelhas o fariam nos colmeaes dispostos em torno da casa e, como elle havia de gozar, á tarde, á hora do recolher, quando visse os rebanhos virem vindo devagarinho, ao canto dos zagáes, sob o olhar cláro das primeiras estrellas...

Lá fóra gemia o vento, crescia a neve.

*

* *

Subito, um dos mais claros diamantes, quando elle o ia encravando na corôa, diluio-se-lhe entre os dedos como um crystal de neve.

Pasmado, maravilhado o velho ourives ficou a olhar os dedos gottejantes e viu que todas as pedras se fundiam escorrendo em pranto, em leite, em sangue pelos florões da corôa.

Esgazeado e livido entrou o velho a tremer, mas uma idéa accorreu-lhe: Affastou impetuosamente o

anco em que se sentava e, com ancia, soffregamente, orreu á porta onde deixára a mulher. Achou-a estenida e gelada, morta e sem pranto e sem leite e sem angue e, sobre ella, a neve crescia amortalhando-a e, m torno d'ella, o vento uivava tristonho.

O velho cahio de joelhos, desesperado: Ai! de nim, ai! de mim, poz-se a gemer arrancando as falipas. Que ha de ser de mim?! Miseravel que sou!

Ao rumor do vento estremeceu levantando a caeça e, d'olhos escancellados e ouvido attento, ficou sperando que fallasse a voz mysteriosa mas só havia o ar o ululo do nordeste sinistro.

De repente, como uma estropeada de muitos cavaleiros apressados, rompeu na rua calada um precipite arulho. O velho alongou afflictamente os olhos que hammejavam e distinguio ao longe, na estrada orlada 'arvores sem folhas, brancas, cobertas de neve, um ando de fidalgos que se encaminhava para o seu tuguio: era a gente do rei que chegava para buscar a corôa.

O ourives, numa derradeira esperança, inclinou-se obre o cadaver: abrio-lhe os olhos sem pranto, espreneu-lhe os peitos exhaustos e então, vendo a morte isinha, exclamou rojando-se na fria neve: «Porque ão a recolhi, Senhor!? Porque não a recolhi ao calor o meu lar?!»

Os cavalleiros apearam sobe o telheiro em ruinas...

Foi então que, no ar tristonho, passou mysteriosanente um riso mysterioso.

Coração mareante

—

Enfermara o piloto e, como não houvesse a bordo outro homem que conhecesse aquelles mares arriscados, grande foi o terror na fusta.

Já o barco singrava sem governo, as velas frouxas trapeando e a maruja cercava a maca onde o moço enfermo jazia, quasi a extinguir-se. O gageiro alongava os olhos anciosos sem divisar um ponto no horisonte. O ceu fechava o mar e nuvens acastellavam-se annunciando borrasca.

Alguns, mais timoratos, sentindo a morte proxima e querendo acabar em graça — porque não esperavam salvamento — andavam pelos cantos balbuciando rezas e promessas; outros, ainda com animo, iam, de instante a instante, prescrutar a distancia e tornavam suspirando.

O mar encapellava-se e, tumido, espumoso, fazia andar a fusta sem governo. Já os vagalhões assalta-

vam as bordas quando o moribundo, fazendo um derradeiro esforço, chamou para junto do leito os companheiros.

Acudiram todos precipitados julgando que a vida lhe voltára, mas o mancebo, ajuntando todo o alento, poude apenas dizer enfraquecidamente:

— Não desespereis. Em verdade já vos não posso levar em rumo á patria, mas vós outros não deveis ignorar que, d'esta volta, dependia a minha ventura porque ha alguem que me espera em terra com o mais leal dos amores. Bem sabeis que sou noivo. A companha, que ouvia, affirmou pesarosa sem aturar com a razão d'aquellas descabidas palavras em transe tão perigoso. E o moço continuou com ancia:

— Bem sei que morro, mas não vos dê isso cuidado. Lançai ao mar meu corpo e mais alliviada ficará a fusta, mas tomai o meu coração e deixai-o á prôa porque elle vos levará, como uma bussola, á terra da patria que o attrahe. Disse e expirou.

A maruja, tomando por insanas as palavras do moço piloto, não quiz profanar o seu corpo e ia alijal-o intacto quando um velho marinheiro observou:

— Porque não havemos de executar a sua vontade? Se o conselho houver sido um producto do delirio logo teremos prova. Tomemos o coração. E assim foi feito. Tanto que o expuzeram na habitacula logo o coração voltou-se para um ponto e em tal rumo velejaram.

Singraram com fortuna através da procella até que, ao alvor de uma manhan, avistaram torres que pareciam emergir d'agua e logo, alvoroçadamente, reconheceram a terra da patria. Foi grande o clamor de festa e os que se julgavam perdidos ajoelharam-se no convés alagado agradecendo a Deus o salvamento.

Só um homem foi grato subindo á prôa para beijar o coração do morto que os havia conduzido áquelle termo: foi o velho marinheiro.

Tanto, porém, que a fusta entrou no porto o que levava veneradamente o coração, sentio-o tremulo e, á medida que se approximava de terra, mais tremulo o sentia.

Já ouviam os repiques festivos dos sinos e, como a capella ficava num outeiro, um dos marujos, que ia a olhar agudamente, disse com alegria:

— Olhem lá! E' uma bôda que sahe da capellinha.

— Felizes noivos! disseram. E o coração desfez-se em sangue na mão callosa do velho marinheiro. Houve espanto a principio, mas o marinheiro disse:

— E' natural que acabe porque cumprio a sua missão. Agora peçamos ao Senhor pela alma do que morreu.

Só mais tarde souberam a razão do caso estranho quando lhes disseram quem era a noiva que sahia da capellinha do outeiro quando a fusta, por milagre, ancorava no porto.

O vagalume

—

Foi ao principio, disse o velho Azael aos zagalejos que, todas as noites, no pouso da montanha, á volta do fogo, emquanto as ovelhas sonhavam com as hervas tenras e com as aguas limpidas, cercavam-no pedindo historias. E ninguem as sabia tão curiosas como o solitario Azael que se recolhera á montanha depois que levara a noiva ao tumulo.

Foi no principio, disse o velho Azael — tudo era sombra e silencio e Deus, na altura, lapidava os astros, que são os diamantes do ceu, lapidava-os e a poeira luminosa que d'elles se esparzía ficava espalhada formando a Via Lactea e as outras nebulosas.

Logo que um astro fulgurava, Deus, deixando-o engastado, tomava um pouco de treva e punha-se a brunil-a e assim conseguio fazer todas as estrellas que brilham, o sol que é um topazio enorme e a lúa que é uma grande opala triste.

Mas, lapidando os astros, não podia o Senhor pensar que parte da poeira micante viesse parar á terra, mas tendo de crear os animaes e o Homem desceu ao mundo deserto e, caminhando, de vagar, pela sombra, vio, de repente, fulgir entre as arvores virgens uma chamma fugaz. Deteve o andar e pensativo, ficou acompanhando a viagem aerea e volteante da fagúlha de origem desconhecida.

Vendo-as ir e vir e vendo que outras surgiam o bom Deus, não querendo que o demonio astúto puzesse malefício em sua obra e julgando as chammas erradías creações do Máo Anjo — porque não se lembrava de as haver creado — tomou, no espaço, uma das que passavam e, com o seu alto poder, fez com que a centelha falasse e, entre os seus dedos, a centelha falou:

— Senhor, deixai-me ir livre. Não me julgueis provinda de origem má. Chamma, não fui gerada nos braseiros infernaes, venho das claras estrellas que fulguram no ceu. Quando as lapidaveis d'ellas sahia uma luminosa poeira que se espalhou nos espaços formando estradas largas, succedeu, porém, que alguns grãos pequeninos d'essa poeira rutilante vieram cahir na terra e porque nelles havia tocado a vossa mão logo se animaram e, á noite, á hora em que as estrellas brilham no ceu, a poeira das estrellas vive e brilha na terra.

Bem vêdes que de Vós venho. Deixai-me ir, Se-

nhor! Deixai-me ir por entre as arvores que cheiram e por cima das aguas brancas que murmuram.

E o Senhor, enternecido, abrio os dedos deixando partir o vagalume. E ahi tendes porque não é fixa, como a das estrellas, a luz do vagalume — é que ella esteve, algum tempo, abafada entre os dedos de Deus e, até hoje, o insecto guarda essa instantanea impressão.

No pouso o fogo triste morria e Azael levantou-se para alimental-o.

Laus Veneris

—

Brusco, lésto, vibra e tine o relogio... e nada mais.

Em frente, impassiveis, o ceu oculado de estrellas e o mar aflorado de espumas.

O ceu placido, o mar manso... Será meu coração maior do que elles ambos?

Sinto muito mais luz dentro em mim, muito mais luz do que existe no ceu porque surges, na minha saudade, viva, núa, palpitante, rindo; e o tumulto do meu coração é bem maior do que o escachoar perenne do oceano.

—Porque não vens? o tempo vôa. Ha duas anciedades irmans: a do moribundo e a do amante—esperar a morte... esperar a vida.

Que terá acontecido?

Batem delicadamente á porta tres pancadas—tres. Corro precipitado.

Oh! que cortejo, Deus! As princezas das terras levantinas tão trariam divicias mais preciosas.

Entra um suavissimo perfume, volatilisa-se, evola-se, toma todos os cantos e a alcova inteira trescala.

Oh! sensualissimos labios! bocca aromalissima que apenas um vocabulo disseste, um só, meu nome e a alcova toda ficou cheia da essencia da tua palavra.

Sol nocturno... e neve ao mesmo tempo e estrellas e rosas... que promiscuidade de astros e de flores. E' a tua trança loura, são as tuas faces, são teus olhos, é a tua bocca, és tu, emfim, que atravessas, como uma deusa, o limiar do meu retiro, cheio de ancia e de amor.

Meu Deus! não ha tanta luz nem tanto arôma em minha camara, de manhan, quando abro, ao sol, as portas de par em par.

Oh! volupia dos olhos! flamma subtil das lúcidas pupillas, que claridade, que divino extase concentras, que bemfazejo calor prodigalisas!

Olhos, astros do amor, astros sensuaes que sois meus guias, salve! salve! salve!

As uyaras

—

Ao livido luar funereo, d'entre os flexiveis cálamos dos lyrios, as uyaras surgiam tremulas de frio.

Era em junho, o mez brumal, ao livido luar funereo.

O nevoeiro pulverisava a noite e um vento gélido soprava. A paisagem era triste á beira d'agua lacustre, perto da selva múrmura e mais triste a tornava o livido luar funereo escorrendo das arvores como mortalhas d'espectros penduradas dos ramos.

Abeirei-me do pálude. Protegia-me um grosso tronco primévo e vi e ouvi as virgens amphibias que nenhum mortal conseguio jamais, com seducção ou violencia, arredar das aguas ou das terras ribeirinhas para gozar o beijo dos seus labios.

«Que aguas frias! suspiravam, e que vento gelado! As estrellas são como pupillas de mortos, opacas no fundo ceu. Não ha conforto nas aguas, não ha conforto na terra. Que rispida noite corre e que desolação!

Uma, mais bella e núa, levantou-se d'entre os flexiveis cálamos dos lyrios e falou tremulamente, apertando entre as mãos os seios pequeninos:

— Ha bem perto d'aqui alguem que nos póde aquecer. Para nós outras só o calor do ceu ou o calor das almas porque de nada nos servem colmos de cabanas nem folhagens de arvoredo nem chammas de brazídos. Ha, bem perto d'aqui quem nos póde alliviar do frio que nos regela. E' Jandyra, moça virgem. Ella deve ter o coração ardente. Vamos até junto do seu leito casto e aqueçamo-nos ao calor do seu coração amoroso.

E todas, transídas, tremulamente disseram: — Vamos! E partiram.

Jandyra! Jandyra!... pobres uyaras, princezas das aguas múrmuras.

Amanhecia. Como choravam as aguas orphans! Murcharam de tristeza os lyrios transparentes e as garças alvadías chegando, de longe, a margem d'agua lacustre procuravam, com ancia, as princezas do pálude.

Vozes bradavam por mim, vozes afflictas e o primeiro que me avistou logo me disse:

— Anda d'ahi, a correr. Vem vêr, junto ao leito de Jandyra, núas e como são formosas!

Corri e, mesmo correndo, ia ouvindo meu coração compadecido que lamentava a sorte das desgraçadas: — Pobres uyaras d'agua! Pobres princezas mysterio-

sas! Chegando eis o que vi com magua inexprimivel: Em torno do leito de minha amada, mortas, jaziam as uyaras brancas. Uma apenas arquejava ainda — roxa, as mãos crispadas, os olhos amortecidos como as estrellas da noite. Curvei-me sobre a pobresinha e pude ouvir os seus ultimos lamentos e vi quando se extinguio o raio derradeiro da sua verde e humida pupilla:

«Que frio! Pobre moço namorado! O coração de Jandyra ainda é mais frio que as aguas... O coração de Jandyra ainda é mais frio que a geada. Pobre de ti, moço amante, vais para um desolado inverno interminavel...» Disse e tombou nos meus braços, fria e morta.

Pobre de mim que te amo, formosa creatura indifferente.

Agora sei porque ando sempre triste e derivando lagrimas como uma geleira que se funde. Agora sei porque não me basta o sol, porque não me bastam os carinhos dos que me cercam e porque minh'alma não se arreda de ti e tu... Pobres uyaras, princezas das aguas múrmuras! Pobre de mim, Jandyra...!

O divino amavio

—

Deitado á sombra d'um bosque de loureiros, o arco
e a aljava esquecidos por inuteis, Eros jazia penseroso.
Bem lhe chegavam aos ouvidos as vozes alegres das
noças turbulentas, bem que elle ouvia avenas concer-
tando, mas mollemente deitado sobre as versas macias,
não se tirava do repouso, a olhar, distrahido, o traba-
lho d'uma aranha d'ouro que ia, d'um galho a outro,
lesta, ligeiramente tecendo a irradiada trama tremula
da sua teia.

Que lhe importavam os homens se o amor passara
a ser um interesse? Para as feridas das suas settas o
egoismo descobrira balsamos cicatrisantes e Eros me-
ditava uma vingança cruel quando as folhas estralla-
ram, os ramos sussurraram e elle logo reconheceu Eris
na virgem que lhe appareceu, sorrindo, toda vestida
de purpura; Eris, a mesma Discordia, que, no florido
monte, indispuzera as deusas contra o troyano Páris.

Vendo-o alli, abandonado e triste, a deusa interrogou-o sobre a sua tristeza.

— E' grande, em verdade, e justa, disse Eros: perdi todo o poder que tinha sobre os homens. Dantes, mal eu atesava a corda do meu arco, mal a flecha aligera zunia, logo se rendiam os corações feridos e era um concerto mimoso de promessas, era uma musica suavissima de beijos. Hoje... os corações blindaram-se, Discordia.

— Não descorções, disse-lhe Eris, tenho o que te falta para que venças os corações. E, tirando do seio um gutturnio de porphyro, deu-lh'o explicando: Embebe as pontas das tuas settas no licor d'este vaso.

— E que contém este gutturnio? perguntou o deus desconfiado.

— Um poderoso amavio composto com varias essencias, cada qual mais terrivel: desconfiança, volupia, pundonor, audacia, incoherencia, ardor, vaidade, affecto, superstição, ingenuidade. Fel-o a propria Loucura. E' vermelho como o sangue e queima como o fogo. Foi nesta purpura que Dejanira tingio a tunica fatal. Não creias na fabula do sangue do centauro.

— E que nome tem?

— Ciume. Experimenta-o e verás que o seu poder é immenso.

Justamente passava um casal de pastores. Eros, que os vio, logo embebeu no gutturnio duas das settas rapidas e desferio-as certeiras.

Estremeceram os dois, olharam-se, deram-se as mãos e foram-se.

Eros sorrio satisfeito agradecendo á deusa o mimo precioso.

Instantes depois, como ouvisse rumor, tomou da aljava nova setta e ficou á espreita entre os loureiros. Mas o rumor crescia — eram gritos afflictivos, e, como Eros attentasse no caminho vio vir, correndo, allucinada, a loura e farta cabelleira ao vento, a tunica em farrapos, a mesma pastora amorosa e quem a perseguia, com um agudo punhal no punho fremente, era o mesmo pastor que, pouco antes a beijava. Sahio-lhe Eros á frente e, detendo-o, interrogou:

— Porque ameaças assim a misera pastora? E o pastor, tremulo e incendido, com os olhos como duas brazas, disse:

— E' que ella é linda como não ha outra em toda a Achaia e eu, beijando-lhe os olhos, lembrei-me que alguem poderia seduzil-a e, para que outros labios não venham a gozar a delicia que os meus gozaram, entendi que devia matar a dona dos lindos olhos e com ella morrer...

— Envenenaste o amor, disse Eros á deusa perfida.

— Enganas-te; tornei-o humano. O amor sem o ciume era como uma flor sem aroma e... na flor é o aroma que delicía e mata.

E, sorrindo triumphante, Eris desappareceu no bosque.

O rebanho

—

. . . .

Nous allons devant nous comme des exilés
Ne pouvant pas fouler deux fois la même place,
Goûter la même joie, et sans cesse appelés
Par l'horizon nouveau que nous ouvre l'espace.

. . . .

Que d'impuissance éclate en ce môt tout humain!
Se souvenir! — se voir lentement disparaître,
Sentir vibrer toujours comme l'écho lointain
D'une vie à laquelle on ne peut plus renaître!

M. Guyau.

Para tão grande morto — o sol, só mesmo esse catafalco: a noite.

Vêde-me essa treva lentejada de estrellas; vêde-me essa corôa branca, o plenilunio, cujas fitas rastejam na terra: vêde a porção de flores da Via Lactea

e agora escutai a antiphona das cousas e dizei-me se não são solemnes os funeraes do dia.

E' morto o grande Pan! Não, o grande Pan não morre: os funeraes não são por elle — a Natureza bem sabe que elle ha de tornar — os funeraes que vemos são os dos nossos momentos que o minotauro levou para a furna do Occidente.

Horas felizes que não mais tornais, o vosso memento é a saudade.

Quanto dariamos nós para poder retroceder um passo no caminho da Vida tornando a certo instante feliz!

Hontem é um fosso profundo que nos separa do Passado. Como vai recuando a nossa mocidade! Como se desfazem as nossas illusões!

Quantas alegrias e quantas lagrimas, quantas esperanças e quantos desenganos leva para o occaso o sol de um dia! Como vai carregado esse respigador purpureo que andou de coração em coração deixando em todos a saudade. Já que levas o melhor da vida porque tambem não levas a memoria, esse abutre d'alma?

Vamos seguindo: somos o rebanho do sol, elle é que nos conduz. A' noite repousamos — lá vai elle para a sua cabana e nós ficamos expostos á loba esfaimada — a Morte, que uiva sinistramente no valle da Vida, onde as lagrimas são rios.

Quando acordamos olhando em torno vemos, com

tristeza, que já não nos achamos no mesmo sitio em que adormecemos. Caminhamos, então, d'olhos fechados, através da treva, emquanto o pastor dormia? Sim, caminhamos fugindo á loba e, dentro da sombra do somno, vimos espectros tragicos.

Mal apparece o sol: — «Eia! rebanho. Eia!» brada, e lá vamos nós, tristes ovelhinhas, seguindo em magóte — para onde? o sol não diz e, fustigando sempre com o seu latego de fogo, brada inexoravelmente: — «Eia! rebanho. Eia!» E não poder a gente regressar a certo sitio onde foi feliz, á certa sombra onde repousou, á certa fonte clara onde matou a sêde, á certa mouta onde vio uma madre-silva que nunca mais verá. «Eia! rebanho. Eia!» Que dor!

> Sentir vibrer toujours comme l'écho lointain
> D'une vie à laquelle on ne peut plus renaître.

Cantamos o amo que nasce para não chorar o amo que foi. A anciedade de ver faz com que esqueçamos o que vimos... com que esqueçamos? digo mal — com que nos resignemos da perda visto como, de instante a instante, voltamos os olhos para traz e vemos os nossos passos sulcando o caminho como um arado forte e, nos sulcos, quanta saudade! «Eia! rebanho. Eia!»

Mas, para onde vamos nós? onde é o aprisco? a

loba investe, ouve-se um grito — lá vai uma ovelha na fauce da Morte. «Eia! rebanho. Eia!»

Emfim, como vão todas juntas para o mesmo destino, as ovelhinhas resignam-se. De vez em quando perguntam: «Onde é o aprisco?» O pastor inclemente responde com o mesmo brado: «Eia! rebanho. Eia!» E lá seguem.

Nous allons devant nous comme des exilés
Ne pouvant pas fouler deux fois la même place...

. . . .

O pantano

—

Na sombra humida d'um bosque densamente fechado pelas altas folhagens e d'uma tão enredada trama de cipoaes e espinhos que as mesmas feras e as mesmas aves não se atreviam a penetral-o, lobrego, entre juncaes mofinos, um pantano alastrava. A sua agua escúra, toldada de folhas mortas, immovel, como adormecida, raro em raro crispava-se ao arisco roçar das azas d'uma libellula; nuvens de moscas d'ouro e azues enxameavam-no.

Jamais um raio de sol descera furtivamente áquelle atascadeiro, jamais uma restea de luar baixara sobre o tremedal merencoreo que dormia em lugubre silencio, negro, encerrado no bosque trágico.

Uma noite, jazia o pantano na treva quando, apartando-se, a uma rija lufada, as altas franças cerradas, a luz d'uma estrella desceu curiosamente sobre a sua face tristonha. Tanto que o pantano sentio na sua no-

jenta epiderme aquella maravilha retrahio-se e, como a teia d'aranha que, perfidamente, retem a mosca sylvestre, quedou contente e orgulhoso da presa que fizera.

A' hora suave d'alva, quando a estrella recolhia, ás pressas, toda a claridade que espalhára na terra, sentio que lhe faltava uma pequenina scintilla e, olhando anciosamente d'altura, foi descobril-a, a tremer, á tona do pantano selvatico. Reclamou-a — o pantano quedou silencioso como se dormisse á sombra do cerrado bosque; reclamou-a de novo e chorosa, dizendo:

«Agua dormente da selva, restitue-me essa luz que me falta. Que será de mim quando o Senhor, que nos visita todas as manhans, descobrir que deixei na terra um pouco do meu esplendor? Uma centelha que fique numa gotta de orvalho basta para que Elle nos accuse de descuido e nos condemne á vida errante, com uma grilheta de fogo que os galés levam de rasto pelo espaço. Tantos irmãos sydereos peregrinam cumprindo uma dura e irremissivel sentença por haverem esquecido, na pressa das madrugadas de verão, um quasi nada de luz no rócio de uma corolla.

Restitue-me essa parcella astral que não basta para alumiar-te e cuja falta será bastante para que eu perca a confiança de Deus. Restitue-me, devolve-me a pequenina centelha e eu fecundarei o lodo do teu seio, fazendo que d'elle nasça uma estrella mais branca do que as que brilham no ceu.»

Acceitou o pantano a proposta mas, como era astuto, exigio, para dar liberdade á luz captiva, que logo se cumprisse.

Como já se dourava o oriente poz-se a estrella a chorar, temendo o sol que vinha, em chammas.

Ouvio-a um anjo que rondava o espaço e, acudindo ao seu pranto, interrogou-a. Disse-lhe a estrella a sua desventura e concluio lastimosa:

«Como poderei eu apresentar-me ao Senhor com um rasgão na tunica? No meu desespero prometti ao pantano inclemente dar-lhe, em troca da luz, uma estrella em tudo igual ás que brilham no ceu... mas, como poderei eu cumprir promessa tão imprudente? Ai! de mim...»

Teve o anjo piedade do astro, que ainda era novo, e disse-lhe:

«Não te afflijas, será cumprido o que prometteste...» E, lançando da altura um dôce olhar ao pantano, fez emergir d'agua lobrega o lyrio com as suas petalas, em tudo iguaes aos raios estellares, dando-lhe, a mais, o arôma que, assim como a luz é a alma dos astros, é o espirito delicioso e delicado das flores.

E foi assim que, voltando á estrella a luz captiva, appareceu, na noite negra do pantano, uma estrella tão linda como as que brilham no ceu.

Musa

—

Musa...

Porque não lhe sabia o nome era este o que eu lhe dava nos meus sonhos. O' creatura meiga! Nos seus olhos — olhos de sonhadora e de amorosa — tanto carinho havia e tanta ingenuidade que eu, muita vez, pensei beijal-os, mas como se beijasse as contas negras de um rosario bento.

E jamais nos falamos. Digo: jamais as nossas boccas se entenderam, porque falar... bem que falaram os nossos olhos.

Todas as tardes, ao sol posto, ella sahia ao jardim: era a primeira estrella. Sempre de branco, os cabellos entrançados, uma só trança, farta e negra, outros dias soltos, cobrindo-a de uma grande sombra.

Joias, se as tinha nunca as procurava, outras não vi jamais senão as que trazia no escrinio de coral da bocca pequenina.

Musa!...

Uma tarde, á hora acostumada da sahida das estrellas, da minha janella, os olhos alongados, eu esperava-a com ancia. Luzio uma estrella no ceu... estranho caso! Outra estrella, mais outra, milhares de estrellas, a Via Lactea, a lúa... e ella? Comecei a impacientar-me. Subitamente a porta abrio-se, um vulto appareceu e logo a voz de alguem que soluçava disse:

— Das brancas, das que nascem perto do muro. Foram sempre as suas preferidas.

E outra voz tremula respondeu:

— Das brancas, perto do muro.

Um presagio agitou-me. Inclinando-me procurei distinguir, ao luar, as feições de quem curvava os ramos soluçando. Era um velho, bem velho, já derreado. E chorava. E a tesoura, com estalídos, ia devastando o roseiral viçoso.

— Que tem, visinho? perguntei. O velho deteve-se, levantou a cabeça branca e choroso, soluçando, poude apenas dizer: — Lavinia...

Lavinia, pensei. Seria ella? E se fosse? Porque tanto choro? para que tantas rosas?

Seria o seu noivado?! Vesti-me ás pressas, e fui á casa proxima.

Tudo em silencio. O unico rumor que eu escutava era o do meu coração. Bati, abriram.

Entrei e logo que appareci na sala um sussurro correu entre os que lá estavam:

— E' elle! E' elle!

Sobre a mesa, de branco, os cabellos soltos formando uma alfombra negra e, ao mesmo tempo, um veu de lucto, postas no peito as mãos pequenas, o sorriso nos labios, estava morta e gelada. Musa! Estive a contemplal-a sem lagrimas, calado. O velho, soluçando, cobria-a de flores e, em torno, soluçavam. De repente, tempestuosamente, o pranto rebentou-me dos olhos. E, de novo, ouvi que sussurravam: E' elle!

Chorei e, antes de retirar-me, baixei o rosto sobre a face fria e beijeia-a, beijei as lapides das palpebras que escondiam, á minha vista, os olhos negros formosos... Beijei as brancas palpebras geladas como se beijasse osculatorios dentro dos quaes houvesse duas reliquias santas.

Mas (ingrata fragilidade humana!) o que mais me preoccupou n'essa noite de morte depois que deixei o corpo amado, não foi a saudade, não foi a lembrança de que jamais tornaria a vel-a, pobre Musa!

O que me fez penar toda a noite em preoccupada vigilia foi o sussurro dos que guardavam o corpo, a phrase de mysteriosa annunciação que andou de bocca em bocca emquanto, debruçado sobre o cadaver pallido, eu chorava: «E' elle!...»

A cerejeira

—

Muito aconchegados, rosto contra rosto, as mãos nas mãos, encolhidos tiritam no fundo da cabana emquanto o vento raivoso contorce os galhos desnudos.

Uivam de frio e pavor os cães das herdades. Ha lamentos na treva. Longe as arvores parecem esqueletos embrulhados em compridas alvas. E os dois, encolhidos, tiritam no fundo da cabana, sem lume, sem cobertura.

Entanto podiam fazer um fogo confortavel e o homem, se quizesse, teria lenha para todo o inverno. Perto da cabana ha uma grande cerejeira, a maior do lugarejo. Dois ou tres galhos bastavam para aquecel-os —e que bom que é o cheiro do páo da cereja quando é resinoso!

Apezar das falas da mulher, o homem não se move —prefere passar a noite inteira ao canto, tiritando, transido, quasi a morrer gelado, a ir cortar um ramo

d'arvore. E, a todas as instancias da companheira, responde com taes palavras:

—A cerejeira não. Já te não lembras? Foi á sua sombra, debaixo dos seus ramos que, uma tarde, trocamos o primeiro beijo. E depois quem nos dará flores quando se fôr o inverno e a primavera sorrir? Quem recordará o nosso noivado? A cerejeira não...

E recomeça na sombra o estrallejar precípite dos dentes.

Coração venenoso

—

—E' singular! disse o velho coveiro diante de outro cadaver intacto que exhumara. A modo que a terra d'este cemiterio está farta porque rejeita todos os corpos. Dantes, mal os recebia, logo os devorava e agora parece que nem por elles dá porque ficam annos e annos perfeitos. E' singular! Seria bom que nos mudassemos para outro sitio. E o moço coveiro disse:

—Não é só isso. Outr'ora não havia jardim mais viçoso do que este cemiterio—as rosas mais coradas eram as que aqui nasciam e agora nem sequer as plantas abrolham, os mesmos cyprestes e as casuarinas como se vão finando. De tanto lidar com a morte parece que a mesma terra do cemiterio morreu.

—Dizes a verdade, amigo: parece que a mesma terra morreu.

—E isto começou no dia em que trouxeram a enterrar uma linda moça cujo esquife vinha acompa-

ihado por um homem pallido, que chorava; explicou
o coveiro moço.

Ouvindo palavras taes eu, que, nessa tarde, andava pelo cemiterio porque, como de costume, fôra levar ao tumulo de Laura um ramo de flores frescas, adeantei-me e, logo que deu commigo, o moço coveiro disse baixinho ao que fizera a estranha observação:

— Foi este homem pallido que veio acompanhando o esquife da linda moça.

— Sim, fui eu, affirmei. Dizeis, então, que a terra já não consome os cadaveres que lhe entregais?

— E' a verdade. E isto desde aquella tarde triste do enterro da linda moça, por quem choraveis tanto.

— E attribuís á sua influencia esse mysterio estranho?

— Quem sabe!? disse penserosamente o velho coveiro e o outro, penserosamente, repetio:

— Quem sabe!?

— Vamos, então, ver o seu tumulo, propuz. Fica alli no recosto da collina. Se vos não transtorna...

— Podemos ir, disseram. E os dois homens, tomando as pás, acompanharam-me ao recosto da collina e puzeram-se a cavar.

Cigarras cantavam nas casuarinas murchas e elles cavavam cantando. Foi-se escancarando a cova e appareceu o caixão, todo branco, em que jazía o corpo d'aquella que, em vida, tanto me fizera soffrer.

— Devagar, meus amigos; mais devagar, disse eu

com receio de que elles, com as pás, ferissem a morta; mas já o caixão apparecia todo e foi retirado e aberto á luz bruxoleante da tarde. Tanto que sahio da terra, logo, como por encanto, varios arbustos abotoaram e roseiras, que pareciam mortas, reverdeceram instantaneamente.

O corpo de minha amada appareceu formoso. No seu rosto pairava o mesmo sorriso perfido com que, tantas vezes, me illudira. Mas um liquido esverdeado escorria-lhe do peito e, como eu a levantasse nos braços, vi que lhe sahia pelas costas por onde os vermes haviam penetrado, achando a morte, — o coração desfeito. E logo comprehendi: era aquella sanie que se infiltrava na terra envenenando-a pouco a pouco, tanto que, já enfraquecida, nem consumia os cadaveres nem alimentava as raizes.

E, como um dos coveiros perguntasse, vendo o liquido a escorrer do coração da morta:

— Que é isto? eu estive para dizer:

— E' a hypocrisia da minha amada, é a sua perfidia, é a sua mentira, são todos os vicios do coração que eu tanto busquei. Foi com esse veneno que ella matou a minha alegria, em vida, como, depois de morta, matou os vermes e a terra do cemiterio.

Estive para dizer, mas com os olhos rasos d'agua, com a garganta opprimida pelos soluços, alli mesmo, diante dos coveiros pasmados, atirei-me ao caixão com ancia: Tómei nas mãos ambas a cabeça loura da in-

iel e puz-me a beijar-lhe a fronte fria e os olhos e a bocca como os beijava antigamente quando era trahido — e nelles achava o sabor da terra... Ah! antes o sabor da terra do que o sabor de outros beijos como, quando ella vivia, eu sempre encontrava nos seus labios.

Levaram-me para longe do tumulo e a terra do cemiterio continúa esteril e ha de morrer como a minha alegria morreu porque os coveiros, tomando-me por doido, enterraram de novo o coração venenoso.

O centenario

—

Era um jequitebá formidavel, o mais velho da selva, sem galhos, sem folhas; o tronco apenas avultava entre as arvores frondosas, como um mastro colossal. Junto á raiz uma bróca profunda, debruada a musgos, em volta samambaias caprichosas e cipoaes retorcidos nos quaes os gaturamos penduravam os ninhos.

O machado dos lenhadores respeitava-o: era o patriarcha venerando da selva, encanecido e minado pelo tempo. Procuravam-no apenas os mariboudos que colavam os seus alveolos ao vetusto tronco ou os bemtevis que, empoleirados na grimpa, cantavam ao nascer do sol e ao cahir da tarde.

Todas as arvores contemporaneas haviam tombado, só elle resistia marcando, como um deus termo, a fronteira selvagem. Davam-lhe seculos e um matteiro disse, certo dia:

— Esse é do tempo dos caboclos. Já nem casca tem mais, coitado! E' poeira que está de pé, sabe Deus como.

Resistia, emtanto, ás soalheiras fortes e ás desabrídas borrascas, mas debalde a primavéra passava por elle, misero macrobio! as folhas não brotavam mais.

Uma noite — o luar clareava limpidamente a montanha — estavamos na varanda da casa quando ouvimos um baque fragoroso como se uma barreira houvesse aluído, cavada pelas enxurradas. As moças tremeram de susto, os cães arremetteram ladrando e todos os olhos voltaram-se na direcção do fremito. O matto farfalhava como se o agitasse a furia de um vendaval, estálos rispidos partiam da selva copada, fronteira á casa. O pasmo crescia quando um antigo escravo, resolúto e atrevído, offereceu-se para ir á collina. Subio alumiado pelo luar e já o haviamos perdido de vista, quando ouvimos a sua voz retumbando no silencio da noite:

— Foi o jequitebá que morreu!

Na manhan seguinte fomos, em romaria, ver o cadaver do gigante. Lá estava, com as raizes arrancadas da terra, tombado sobre as outras arvores como Jesus ao collo das mulheres. O tronco fôra ferido pelo caruncho, que é a larva destruidora dos vegetaes, só a casca resistira formando um grande tubo negro através do qual via-se o ceu.

Vasio, inteiramente vasio, o centenario tombára abalado pela brisa, elle que luctara com os cyclones no tempo verde da sua viçosa mocidade, ou, quem sabe se não se deixou exhausto de illusões e de forças?

Encarquilhado — porque já não tinha a resistencia interior — conservava apenas a forma externa d'um tronco, a apparencia d'uma arvore: por dentro era a triste immensidade do vácuo.

— Assim somos nós, disse um velho que o contemplava. Ás vezes um carinho mata-nos porque, vasios como estamos, nem força temos para resistir á alegria. Esse... foi o luar que o matou, foi a caricia que o feriu de morte.

Assim somos nós, tristes corações vasios. Sem a força interior, minado pelos desenganos, quem ha que resista aos embates da vida? Bem certo que é melhor morrer.

Alda

—

—Alda morreu; disse o lenhador, acocorado junto ao brazído, na choupana tristonha.

—Quem a matou? perguntou Gilberto, em sobresalto.

—Que sei eu de molestias? Quem a matou foi Deus.

—Não é possivel! Alda não conhecia outro Deus senão eu e, tu bem sabes, lenhador, que eu lhe dei o meu coração. Achas que o amor é mortal?

—Que sei eu de amores!

—E onde repousa a minha amada?

—No cemiterio. Seu tumulo fica protegido por um velho salgueiro, junto ao muro.

—Junto ao muro.

—Mas, vê lá! A neve cahe em grandes floccos. estão brancos todos os caminhos.

—A neve! Que receio póde inspirar a neve d'uma

noite a quem traz no coração o perpetuo, o doloroso inverno da saudade? Junto ao muro, sob um salgueiro.

— Sob um velho salgueiro, junto ao muro.

— Boa noite, lenhador.

— Bôa noite! Vê lá! A neve cahe em grandes floccos, estão brancos todos os caminhos.

No cemiterio Gilberto, tremendo de frio e molhado de neve, poz-se a buscar, por entre as covas lapidadas pelo inverno, a cova da sua noiva, dizendo:

— Pobre Alda! Como deve sentir frio neste desamparo! E, achando o salgueiro, vio, sob a acenosa ramaria, a tumba recente. E' aqui! suspirou. Pobresinha! Como deve sentir o frio da noite. E poz-se a cavar atirando a neve e a terra para longe, até que appareceu o caixão, coberto de rosas murchas. Abrio-o — Alda lá estava, mais pallida que a neve, envolta num lençol de linho, a fronte cercada de rosas, como uma noiva no dia das suas bôdas.

Gilberto tomou-lhe a cabeça fria e collou os labios á bocca gelada da defuncta. Vive, meu amor! Que te falta? o espirito? aqui o tens — divido o meu comtigo, tens aqui a metade de minh'alma. Beijou-a longamente e a morta estremeceu com o beijo. De repente, como se acordasse, estendeu os braços, espreguiçando-se, abriram-se-lhe os olhos e ella poz-se a andar vagarosa, com um triste sorriso nos labios roxos, os cabellos desgrenhados, cheios de terra e de flores.

—Alda! exclamou Gilberto.

—Alda! exclamou tambem a resurgida.

—Vamos, meu amor. Esperam-nos lá fóra. Faz tanto frio aqui. Eu vim apenas buscar-te. Vamos!

—Vamos, Alda; disse a mesma finada sorrindo.

—Mas, eu sou Gilberto, teu noivo, balbuciou, tremendo, o apaixonado.

—Gilberto!? Gilberto sou eu, disse a desenterrada.

—Estás louca! Já me não conheces.

—E tu? porque me desconheces? Vamos, faz frio aqui. Eu vim apenas buscar-te. E, juntos, abraçados, sahiram os dois pelos caminhos pallidos. «Alda! minha formósa!» «Alda, meu amor!» diziam-se, trocando beijos. Repentinamente Gilberto proropmeu em soluços:

—Ah! meu coração! Meu coração...! Pobre Alda! insiste em julgar-se eu, insiste em dar-se o nome de Gilberto porque lhe dei a metade da minh'alma. Sou eu quem fala na sua bocca. Está morta, sim: está morta porque nem sequer de mim se recorda, nem o meu nome, ao menos, pronuncía. E o desgraçado lançou-se a correr através dos campos brancos da neve.

Vivem separadamente nas grótas dos montes ou nos silvedos em flor quando é a primavera e, dia e noite, quem passa, ouve, d'um e d'outro, o mesmo reclamo triste: Alda!

Quando se encontram, por acaso, param, fitam-se e murmuram: «Alda!» Elle está louco. Ella está louca! Foi o que fez o amor.

. . . .

— Boa noite.

— Boa noite, respondeu-me o velho parocho da aldeia que me contou a triste historia dos namorados e, alumiando-me, á porta do presbyterio, disse:

— Cuidado! lembre-se das palavras do lenhador: A neve cahe em grandes floccos, estão brancos todos os caminhos. Foi numa noite igual que Gilberto desenterrou a noiva.

— Descance, eu vou sem receio: minha noiva vive e o que me faz affrontar a noite e a neve é o seu amor. Que importa o frio se ella guarda, para receber-me e reconfortar-me, o calor dos seus beijos. Boa noite.

E o parocho, fechando a porta, correspondeu:

— Boa noite!

A Aldeia

—

Affirmam sabios: «A retina do morto guarda a visão derradeira. No assassinado os olhos, se fitaram o rosto do assassino, conservam-no estampado na pupilla vitrea.» Assim os livros asseveram e a experiencia demonstrou-me quando, em dezembro, Alda morreu.

Na camara em que expirou, um após outro, entraram todos os clinicos notaveis sem que um só conseguisse descobrir o mal que ia, aos poucos, consumindo a minha amada e, um a um, com desanimo e sorpreza, abandonaram o leito, todos com as mesmas palavras: «Singular, estranha molestia! Que se ha de fazer contra o mysterio?!»

E bem falaram os clinicos... Alda morreu sem um gemido, sem ancia, tranquillamente, como se apenas houvesse adormecido.

Morta, vieram, de novo, os clinicos, um após ou-

tro, constatar a morte e... como se desencontraram as opiniões!

Tal disse que fôra o coração o algoz, outro que fôra uma febre má; um accusou os frageis pulmões da pobresinha. Velho medico, porem, vendo-a tão linda e nada desfigurada, quiz, de mais perto, examinal-a, lastimando que, tão cêdo, a Morte desfolhasse flor tão delicada.

E, lento, paciente, apaixonado, como se analysasse uma obra d'Arte, tomou-lhe as mãos pequenas, vio-lhe a fronte, a bocca, os olhos. Examinava-os: de repente, voltando-se, interrogou-me:

— De onde veio esta linda moça?

— De uma pobre aldeia. Trouxe-a eu para que se não perdesse nos montes tão formosa creatura.

— De uma aldeia, bem vejo. E, falando, o velho medico inclinava-se para melhor analysar os olhos da finada. Uma pobre aldeia que um corrego atravessa. A egreja branca avulta em um outeiro, em torno ha choças. E eu, pasmado de ouvil-o, tinha os olhos nelle fitos.

— Conhece a aldeia, doutor?

— Não, mas vejo-a na pupilla da morta. Pode vel-a, aqui está.

Curvando-me, então, junto do medico, sobre os olhos parados da defuncta, vi a linda aldeia de onde Alda fugira nos meus braços reproduzida nos olhos como na miniatura de um esmalte antigo.

—E' exactamente a aldeia, doutor. E o medico repetiu sentenciosamente as palavras dos livros. «A retina do morto guarda a visão derradeira. No assassinado os olhos, se fitaram o rosto do assassino, conservam-no estampado.»

—Quer o doutor dizer que foi a aldeia que a matou?

—A nostalgia d'essas aguas, d'esse arvoredo, d'essas cabanas, d'esses prados. Foi a nostalgia que a matou. E, tomando d'uma larga folha de papel, o velho medico, com lagrimas de piedade, attestou a verdadeira molestia emquanto eu cerrava as palpebras de minha amada sobre os lindos olhos evocadores, cheios de recordações, como dois escrinios de saudades.

Psalmo triste

Olhos azues, olhos serenos — extinctos, sem mais brilho! Sei bem porque não tendes mais fulgor... Foram as estrellas do ceu, as ciumentas estrellas, que pediram ao bom Deus que vos apagasse. Pobres olhos azues sem claridade.

Faces, faces lyriaes, brancas e immaculadas, bem sei a origem d'essa pallidez marmorea. Foram as rosas ciumentas que pediram ao bom Deus que fanasse as rosas que tinheis dantes, faces lyriaes, brancas e immaculadas.

Harmonias da voz, dulias de harpas suavissimas, hymnos da bocca cor de rosa, calastes-vos. Bem sei eu, bem sei porque. Foram os ciumentos gaturamos que pediram ao bom Deus que vos calasse. Louros cabellos prefulgentes, bem sei porque os coveiros vão esconder-vos na terra profunda! Foram os raios do sol que, de ciume, pediram ao bom Deus crime tamanho.

Dobra a finados, triste, funerario um pobre coração. Sei bem porque lamentas, coração dolorido... Soffres porque o bom Deus ciumento, vendo tamanho amor na terra, levou para o Jamais o coração que encerrava toda a tua alegria.

O berço

—

Entre violetas e rosas, pequenino e risonho, as mãosinhas cruzadas sobre o peito, Dedê, de cinco mezes, dorme para todo o sempre.

Veste-lhe o corpinho rechonchúdo a mesma cambraieta com que foi á pia; á cabecinha loura a mesma touca branca. Parece que esperam que acorde para leval-o novamente á egreja. Baby, de tres annos, guarda o pequenino irmão. Sabe que dorme porque lh'o disseram.

Para não despertal-o pisa de manso, cautelosa, apertando nos braços Colombina.

O sol faz um veusinho d'ouro e translucido para o rosto risonho de Dedê. Os cirios empallidecem e as flores vão murchando junto ao corpinho frio do defuncto.

Batem palmas á porta. Baby estremece. Aperta mais Colombina e lança um olhar ao irmão, receiosa

de que tenha despertado. Mas Dedê não desperta: dorme as mãosinhas cruzadas sobre o peito, como rezando. Batem palmas de novo.

Baby, cautelosa, em pontas de pés, vai á porta e, coitadinha! não consegue abafar um grito dando com os olhos no velho negro que traz debaixo do braço, como um estojo, o pequenino esquife cor de rosa e branco, cercado de franjas d'ouro. Baby não consegue suffocar um grito: bate palmas, contente, deixa cahir Colombina e entra, a correr, annunciando:

«Está ahi o berço novo de Dedê! Está ahi o berço novo de Dedê!»

E, com voz de chôro, agarrando-se ás saias da avó tremula, que vai compondo ramos para o pequenino, implora: «Mandas fazer um berço igual para mim, vósinha? manda fazer, vósinha?» E, para convencel-a, beija-lhe repetidas vezes a mão magra e a velha, soluçando, beija-lhe os cabellos louros.

Ha dias, indo de visita a casa, encontrei-a silenciosa. Fóra, no rosal, já não cantavam passaros: dentro, no interior, berços não se balançavam. Senti que alli faltava alguma cousa... não havia barulho.

A mãe, viuva, de vez em vez, levantando a cabeça, punha os olhos no ceu e baixava-os molhados: a velha não falava. Senti que alli faltava alguma cousa.

Por acaso voltando os olhos descobri Colombina

sobre uma peanha. Pobre Colombina! Lembrei-me, então, de Baby e perguntei por ella. A velhinha fitou-me. A mãe baixou os olhos, soluçando.

Teria a complacente avó satisfeito o desejo da creança? Teria a velha dado á Baby um berço cor de rosa e branco igual ao de Dedê? E não foi outra cousa... essas velhas avós fazem tantas vontades aos netinhos...

A vendedora de balsamo

—

Sosinho, pela estrada pedrenta e secca, calado
omo a tarde triste, um homem, aindo moço, vestido
omo os essenios taciturnos, caminhava lentamente
om a tranquillidade de um lavrador que recolhesse
alculando pela colheita o lucro d'aquelle outono. Os
eus cabellos, alvoroçados á brisa, eram claros e lon-
os, repartidos ao meio, á maneira dos nazarenos, a barba
urta e aguda, a face mais alva que o marmore e os
lhos, grandes e calmos entre as compridas pestanas
ue pareciam alargar ainda mais o negror das pupil-
as, brilhavam serenamente com uma expressão muito
oce.

Pelos mattos raros que beiravam a estrada canta-
am grillos; mais para o interior dos campos, nas fi-
as hervas, pombos turturinavam. Um surdo e vaga-
oso mugir de gados rolava no silencio e longe, de es-
aço a espaço, um cão rouco ladrava.

Ia o homem passando ao longo d'uma sebe alem da qual, quasi sumido entre fechadas arvores, quedava um casebre, quando ouvio que gemiam. Deteve-se relanceando o olhar em torno e, de novo, o gemido passou as silentes arvores e a sebe. Colheu as dobras da tunica e, resoluto, como quem acode a um chamado, endireitou para o cancello que havia, empurrou-o e entrou num pomar abandonado que as urzes embraveciam.

Ao estrallejo dos seus passos na secca folhagem uma luzinha brilhou tremulamente ao rez da terra no fundo lobrego da moradia e um vulto, que estava encolhido a um canto, moveu-se, esticou um braço, levantando a candeia como para illuminar o intruso.

O homem, sem demorar-se á porta, atravessou o limiar de pedra e, encaminhando-se para o canto onde o vulto se acocorava como a esconder-se, parou. Era uma mulher leprosa.

As suas carnes, roxas e tumefactas, tresandavam, lustrosas de sanie, e molles, como despegadas dos ossos, pendiam flaccidas; os olhos sumiam, pequeninos e apagados, sob as vultuosas palpebras, a bocca era uma monstruosa chaga esborcinada, os cabellos empastavam-se-lhe na fronte e as orelhas disformes, denegridas, grossas, semelhavam dois cogumellos negros.

O homem, sem dar mostras de haver visto aquella viva carniça, adiantou-se docemente fitando a misera que toda se encolhia, arrepanhando os andrajos. Por fim, sempre agachada e medrosa, a mulher perguntou:

— A que vindes, senhor?

— A luz do teu lar attrahio-me e tornou mais viva a sede que me abrasa; venho do secco deserto. Dá-me a beber. A mulher não poude trahir o seu espanto e, levantando vagarosamente a cabeça, murmurou:

— Senhor, olhae bem para mim: não ha mais que um velho cantaro neste tugurio, é por elle que bebo e vêde. Erguendo, então, a candeia á altura do rosto hediondo, illuminou toda a sua miseria.

— Dá-me a beber, insistio o homem com a mesma brandura. Então, sem uma palavra mais, a mulher levantou-se, depoz a candeia na arca e indo ao canto tomou o cantaro a mãos ambas e, inclinando-o, deu a beber ao hospede como Rebecca, filha de Nahor, procedeu com Eliezer junto ao poço da entrada de Damasco.

Saciado o homem agradeceu á mulher a sua bondade. A misera olhava-o fascinada.

De repente, de todo o corpo do homem, como se um fogo o fosse consumindo, foi-se subtilisando uma nevoa luminosa — só os cabellos, a barba e os olhos conservavam a cor escura, o mais fundia-se em claridade — todo elle fez-se explendor e, em torno, tudo brilhava.

A mulher, que recuara para o canto, offuscada pela refulgencia, largou o cantaro e levou ambas as mãos aos olhos com um grito e, quando as retirou, apenas a candeia luzia — o homem desapparecera.

Quedou-se a infeliz pasmada, a olhar; subito, porem, como se se sentisse impellida, ergueu-se agil, correu á porta, poz-se a devassar o arvoredo calado mas, olhando as mãos, logo, impetuosamente, as levou ao rosto e, á medida que calcava afundando os dedos na face, ia-se-lhe a bocca escancellando.

Passou, repassou os dedos pelas gengivas, apalpou as orelhas e, de repente, levantando os farrapos, curvou-se examinando o corpo, rasgou os pannos no peito para ver o collo e, numa allucinação, correu ao cantaro, esvasiou-o numa escudella e, no resto d'agua que ficara da sêde do homem, mirou-se de joelhos, curvada e ficou a sorrir, num enlevo e a tremer vendo-se san, sem pustulas, sem sanie, com a cutis fina de outr'ora, os mesmos olhos grandes e aveludados, a bocca rosada e fresca, os dentes todos e alvos, linda e cheia de graça, aquella mesma moça que era o encanto dos mercadores no monte das Oliveiras quando, por entre os bazares toldados de linho, passava apregoando o balsamo da nova colheita.

Quiz levantar-se mas os olhos prendiam-na ao lugar e, sorrindo e chorando, ficou a repetir palavras vans. Subito, contendo o coração, ergueu-se com um brado feliz, de inspirada: «E' Elle!» e, agil como uma creança, lançou-se ao pomar que todo se cobria de flores e d'onde toda a herva desapparecera deixando os caminhos lisos e, empurrando o cancello, alongou os olhos pela estrada vendo apenas, ao longe, além da torrente,

na rampa que levava á *Porta dos rebanhos*, um brilho radiante d'astro pairando sobre a alvura d'uma tunica. Quiz bradar, mas o grito morreu-lhe na garganta e, olhando sempre, extasiada, recordava-se de haver visto aquelle homem uma vez, á tarde, á hora em que os moinhos descançam e os homens deixam os lagares de Engaddi, no alto da Bethania, debaixo da vinha de Lazaro, com uma moça aos pés, estendida de bruços na herva, a face nas mãos, que o olhava com lagrimas longas a rolarem dos olhos lindos e cheios d'uma luz viva que ardia apezar do pranto como as estrellas brilham á tona dos adormecidos lagos.

Rosas

—

A' Mademoiselle Elisa de Rezende

Diante do canteirinho florído — porque era mais um canteiro do que um tumulo — disse-me a pobre mãe, lavada em lagrimas:

— Eram duas apenas, duas lindas rosas gemeas, uma em cada face — agora são tantas acima da terra. Estou que são filhas das outras que a Morte colheu tão cêdo.

Quando elle morreu ellas ainda resistiram luctando com o frio que lhe foi regelando o corpo, mas... a Morte é de neve, tão fria que as flores, á hora do enterro, haviam desapparecido como somem na terra, quando o inverno é rigoroso, as boninas mimosas.

Eram duas, duas rosas vermelhas em torno das quaes meus labios andavam como borboletas. Ai! de mim, hoje meus labios não têm pouso. Uma noite — e foi assim que me illudí — as rosas appareceram com tanto viço, tão coradas, que eu quiz, orgulhosa, que

as visse toda a gente e, tomando o pequenito nos braços, chamei os visinhos para mostrar-lhes as lindas flores.

Vieram e ficaram maravilhados... mas, uma mulher, uma velha mulher, cheia de rugas e de cabellos brancos, disse, de repente, tomando o pulso á creança: «Está com febre...» e todos repetiram sombriamente as suas palavras e, durante muito tempo, sussurrou-se em torno de mim, com expressão de piedade: «Que pena! tão lindo! Está a arder! Como abraza!» E as rosas cada vez mais lindas.

Calor... mas é naturalmente no tempo do calor que a terra produz as mais formosas flores; assim devia ser tambem na creancinha. Sem calor como haviam de vingar as flores? Queriam, talvez, rosas no gêlo!?

Ai! de mim, era o meu primeiro filho e eu nunca imaginei que a Morte m'o pudesse levar, tão apertado eu o trazia sempre ao collo, tão vigilante andava sempre junto d'elle.

O pobresinho não falava ainda — as suas idéas eram pequeninas, não desciam até á bocca em palavras, ficavam nos olhos, em luz, e d'alli, alegremente, como estrellinhas no ceu azul, brilhavam para minh'alma e minh'alma entendia-lhes o brilho.

Nessa noite os olhinhos não se abriram, de sorte que eu não pude ver as claras estrellinhas e não dei pelo soffrimento. A Morte entrara e trancara-se por dentro não deixando, sequer, escapar um gemido.

Aconchegado ao meu collo o pequenito era como um fogo vivo e as rosas sempre bellas, desabrochando em plena vida. Foram ellas que me enganaram!

Quando o medico chegou — ai! de mim... os seus primeiros olhares foram justamente para as flores e desanimou ao vel-as. Pedio gêlo e os finos cabellos louros e a linda fronte, mais alva do que as Camelias, desappareceram sobre os crystaes friissimos e as rosas... as rosas sempre vermelhas!

Como o calor augmentava era preciso andar, de instante a instante, a reformar a nivea aureola que se fundia em minutos.

Eu olhava, tão inclinada sobre o pequenito, que as minhas lagrimas cahiam-lhe nas faces como as gotteiras d'um telhado num canteiro de flores.

O medico arredou-me dizendo — que o meu pranto ainda augmentava o calor do pobresinho. Em verdade as minhas lagrimas queimavam.

E, até de manhan, os visinhos que eu, tão contente, chamara para que vissem as rosas, o medico e eu trabalhamos para matar as flores e ellas cada vez mais purpurinas e maiores, crescendo sempre nas faces do pequenito. Creio que todo o sangue que elle tinha ellas o consumiram, tingindo-se com elle naquella noite, a ultima!... Ah! souberam enfeitar-se para a morte, as rosas!... Foram ellas que o mataram!... Essas que estão sobre o tumulo são bellas, mas as verdadeiras, as que as geraram... ninguem mais as verá, nunca

mais! Estão, talvez, no Paraiso, aos pés de Deus... não eram para este mundo.

Dantes as rosas eram as minhas flores predilectas... hoje, detesto-as como se póde detestar um assassino.

E diga: não acha natural que eu odeie as flores perfidas que viveram, como parasitas, á custa do pobresinho e ainda deixaram todos os seus espinhos no meu coração?

Não! só amam as rosas as mães que não perderam filhos assassinados por ellas.

Para o sempre!

—

— Empresta-me o teu coração, implorou a misera, já fria, minutos antes de expirar. Sei que vou morrer e não quero levar commigo o que me não pertence. Guarda em teu coração o que lhe vou confiar e nunca o abras nem o mostres a outrem para que se não venha a conhecer o segredo de uma pobresinha. Lá mesmo na Altura eu choraria de vergonha se chegasse a saber que o haviam descoberto. Empresta-me o teu coração...

Como havia eu de recusar cousa tão simples a uma infeliz que agonisava? Dizem que aos que vão morrer nada se nega e eu, não querendo que me ficasse um eterno remorso, cedi ao pedido da moribunda entregando-lhe o meu coração para que nelle guardasse o que, já com voz flébil, affirmou que não lhe pertencia. Quando m'o devolveu não senti mudança alguma. Que teria nelle guardado a pallida moritura? Não sei.

No dia seguinte, com o frio do inverno, esfriou para o sempre e, d'olhos fechados, as mãos brancas cruzadas no peito magro, fui encontral-a em seu leito virginal cercada de flores. Pobresinha! tinha apenas dezoito annos...

Levamol-a ao cemiterio.

Os coveiros tomaram-na e o caixão baixou á sepultura e cobrio-se de cal e cobrio-se de terra. Tornei á casa e, a tarde, logo depois que ella desappareceu, desanuviou-se; cigarras cantaram e o azul reappareceu bordado de estrellas.

Seria tão grande a tristeza da infeliz que désse para entristecer a natureza inteira? Não sei, tanto, porem, que se fecharam aquelles olhos lindos voltou a alegria ao mundo e os passaros, que não cantavam, entraram a galreiar jocundos, como na primavera.

E os dias correram e eu comecei a sentir que o coração pesava-me no peito.

Durante o dia sentia-o pesadissimo, triste o sentia ao cahir da noite até que, impressionado e lembrando-me da morta, resolvi recorrer aos homens sabios para que tentassem descobrir o que havia no meu coração.

Foi tudo baldado! nenhum dos sabios atinou com a causa do meu soffrimento. Foi um velho poeta quem me disse a triste verdade:

— Tendes o vosso coração cheio do amor da morta — foi isso que ella deixou e é tão grande esse amor

que ella não o quiz levar para que lhe não pesasse quando fosse a subir ao ceu.

— E agora? que hei-de fazer d'esse amor da finada? Que hei de fazer para alliviar um coração que tanto soffre? O poeta encolheu os hombros e murmurou:

— Não sei...

E aqui ando com o coração tomado por esse amor sombrio que me pesa tanto e que não deixa entrar nelle outro amor porque o enche e domina. Ai! de mim — trago commigo um esquife. Ai! de mim... ai! de mim...

A partilha

—

Cantava; e as lagrimas rolavam-lhe em dois fios
o longo da face macilenta. Soffria: mas, como era
reciso que o pequenito adormecesse, cantava, indo e
indo, devagar, embalando nos braços a creança.

O mais velho, tres annos, olhava-a e, de quando
m quando, cantarolava: «Estou com fome, mamãe...
Estou com fome». E o pequenito, insomne, olhava-a,
muito esperto, a boquinha collada ao peito. «Estou
om fome, mamãe...» cantarolava o outro.

Ia alta a manhan: mas se o sol alegrava o quinta-
ejo que tristeza em casa!

Viuva, tisica, desfigurada pela molestia e pela fo-
ne, timida de mais para pedir esmolas, que havia de
azer a desgraçada? «Estou com fome, mamãe...»
antarolava o mais velho.

—Espera, filho; espera.

Como o pequenito adormecesse a mãe, pé ante pé,

deitou-o sobre uma caminha de pannos, a um canto d
casa. E o mais velho, seguindo-a, cantarolava sempre
«Estou com fome, mamãe...»

— Não faças bulha; espera. E, acenando-lhe. pas
sou á cosinha. Mas que havia de fazer?

Ardia no fogão a derradeira acha e a mãe, o
olhos rasos d'agua, poz-se a soprar a lenha para ateiar
lume, emquanto o filho, que se lhe agarrara ás saias
cantarolava: «Minha mãesinha...» contente com ve
a chaleirinha ao fogo. A' mesa, porem, quando a mã
lhe apresentou a tigella e o pedacinho de pão da ves
pera, fitou-a amuado:

— Só café, mamãe?

— Só, meu filho...

Levando a colher á bocca elle foi repellindo a ti
gella, com um beicinho, prestes a chorar.

— Não chores. Olha que vais acordar o maninho
Espera.

E, desabotoando o corpinho, tirou o peito farto
apojado, espremeu-o trincando os labios descorados, po
onde as lagrimas escorriam; e, entregando a tigelli
nha ao filho:

— Toma e não faças bulha. E o pequeno, arrega
lando os olhos, satisfeito:

— Agora sim... Agora sim... poz-se a cantarolar

Baixinho, então, ella recommendou: — E não peça
mais, ouviste? o outro é para o maninho.

E foi, pé ante pé, expiar o filho que dormia.

Risonha

—

— Foi sempre assim, desde pequena. Ninguem, já-
ıais, a vio chorar.

Mocinha, quanta vez a mãi a reprehendia dizendo
ıe não lhe ficava bem aquelle rir constante, mas que
havia de fazer se, mesmo dormindo, o sorriso não
ıe deixava o rosto, como se fosse uma parte d'elle.
a moças pallidas, outras ha coradas — ella é ri-
ınha.

Ria de tudo, por tudo.

No dia do casamento, quando foi para dizer o
sim», não imagina o trabalho que nos deu. Depois é
n riso alegre, communicativo, um riso que nos entra
elo coração como a propria alegria de sorte que, na
greja, toda a gente se poz a rir, o mesmo padre, um
om velho, teve de disfarçar, baixando o rosto para
ıe o não vissem rindo, alli deante do altar, em acto
io respeitoso.

Quando lhe nasceu o filho todos disseram: «Agora sim, agora com os cuidados e os trabalhos, queremos ver se continúa a rir...» Pois, meu senhor, ao primeiro vagido do pequeno ella respondeu com uma gargalhada e, rindo, o aconchegou ao collo e, abraçada com elle, adormeceu sorrindo.

Se o pequenito dormia, lá estava ella debruçada ao berço e era preciso affastal-a para que não acordasse a creança, tanto ria.

Ria se elle chorava; quando lhe dava o peito ficava-se a rir de vel-o mamar sugando a goles largos.

Quando descobrio o primeiro dente... que alegria! a casa vibrou com as suas gargalhadas; e, rindo, ella o foi guiando nos primeiros passos, rindo ensinou-lhe as primeiras palavras e rindo, coitadinha...!

E a velha avó limpou vagarosamente as lagrimas e continuou:

Durante a molestia, nas longas noites de vigilia, sem tirar-se um minuto de junto do berço, sorria contemplando o doentinho que a febre ia consumindo e, quando elle expirou, noite alta, nós acordamos sobresaltados com uma gargalhada. Corremos ao quarto e achamol-a a rir, com o filho morto nos braços, a rir, que fazia pena. E assistio a tudo quieta, múda, com o olhar parado como o de uma defunta — só o sorriso dizia que ella estava viva.

Vestiram o pequenito, cobriram-no de flores, levaram-no — e ella sorria. Agora o medico entende que é

preciso fazel-a chorar... por que? se ella foi sempre assim.

Passos interromperam as palavras da velha. Voltei-me e vi apparecer a formosa e desventurada creatura — foi a primeira vez que a vi. Vinha entre senhoras que choravam. Ella... ella sorria.

Era alta, loura e branca. Os longos cabellos soltos vestiam-na d'ouro, os olhos enormes, d'um azul de ceu, pareciam cheios de sol. Seguiam-na, á distancia, o esposo e o medico.

De repente, relanceando em torno o olhar que ardia, estremeceu, estendeu os braços, agitaram-se-lhe os labios lividos e seccos e desatou a rir, a rir descahindo, como morta, nos braços das meigas senhoras.

A velha avó, tremendo e em pranto, disse-me baixinho: «Vê!?» E o esposo suspirou desanimado: «E não chora!»

Quando o medico a declarou perdida as senhoras accenderam velas no oratorio e rezaram para que Deus mandasse lagrimas á misera como se fazem preces, nos campos, para que venham chuvas.

Foi tudo baldado! o mesmo Deus poderoso não poude extinguir aquelle riso e a pobresinha, desde então, magra e envelhecida, atrôa a casa com as gargalhadas, principalmente quando, por discuido dos que a guardam, os seus grandes olhos seccos descobrem uma creança.

Meu tumulo

—

Quero eu tambem ter o meu tumulo. Vou mandar construil-o de marmore e de bronze para que a clava do tempo o não destrúa. Quero-o bem alto! Tão alto como as pyramides para que venham pastores, com os seus rebanhos, repousar á sombra dos seus muros.

Em torno, chorando, as aguas de uma ribeira e salgueiros em desalinho e cyprestes lutuosos, firmes como eremitas extaticos, em alas funebres.

O interior resplandecente como uma nave de egreja. Nichos, ao longo das muralhas, guardarão santamente os meus primeiros sonhos, as minhas ultimas esperanças e, num grande altar lapidario, dentro de um tabernaculo, o meu Ideal que ninguem jamais poude descobrir, o meu Ideal, mysterioso como a face de Isis magnifica que um veo denso ainda esconde.

Arderão, em tripodes de ouro, abrazados em cham-

mas de amor insaciado, corações de vinte annos e o teu coração, minha amada, irá para junto do meu corpo como o escaravelho, symbolo da Alma immortal, que os egypcios collocavam á cabeceira das mumias.

Uma grande lage, pesada e grossa, fechará a entrada para que não penetre o sol nem os olhares dos homens penetrem desvendando os arcanos da Morte.

Levarei commigo todas as minhas canções jocundas e tu, sempre querida, não esqueças na vida os teus sorrisos — tral-os para encher com elle o nosso eterno palacio: serão as aves do amor, as aves da primavera infinita.

E não chores a minha morte para que os teus olhos não fiquem esmaecidos, porque os quero bem claros: havemos de os utilisar como alampadarios nessa treva silente do sepulchro.

Quero bem alto, bem vasto o meu tumulo para que os homens invejosos digam:

— Grande tumulo! Tão alto monumento para dois corações apenas.

E nós, como a saxifraga, iremos brocando a lage para expandir o nosso amor porque, de certo, o tumulo será pequeno para conter os beijos que me prometteste e os beijos que eu te prometti e, então... quantas violetas virão á flor da terra quantas rosas, amor, e quantos lyrios... e os homens dirão mais tarde:

— Pois não lhes chegou o tumulo para que, assim, tragam os seus beijos á luz do sol?!

Bem alto e vasto o tumulo que vou mandar construir, isolado — tão alto como as pyramides para que venham pastores com os seus rebanhos repousar á sombra dos seus muros.

E vós, almas piedosas, vós que respeitaes os mortos, quando passardes junto do meu tumulo, esquecei orações, esquecei lastimas. Cantai! Cantai amores para que nos regosijemos na morte sabendo que ainda ha vivos no mundo. E não terão pavor os que morarem perto, não terão pavor das nossas almas as mesmas creanças e virão brincar em torno do tumulo como as aves brincam junto do altar de uma egreja e, aos que as intimidarem, dirão sorrindo:

— Não sahem. São dois corações apaixonados que não se deixam. No dia em que sahirem desabará o tumulo de pedra.

E Deus, no fim das eras, quando tudo fôr destruição e silencio, encontrará, como um padrão de amor, o tumulo alto que vou mandar construir, tão alto como as pyramides, para que avulte na poeira morta das ruinas universaes.

Illuminuras

Natal dos tristes

I

O CEGO

(Palavras textuaes)

«Não vemos, temos a allucinação da vista: um sonho permanente. O nosso horizonte está em nossos proprios olhos — é uma muralha de sombras: mas o que toda a gente consegue com a vista, nós conseguimos com a imaginação. Imaginar é ver. Encarcerados, enchemos o nosso carcere, onde não entra um raio de sol, com o ideal.

Temos certeza de que as fórmas que creamos intimamente não são as verdadeiras, mas satisfazem-nos. Nascemos no presidio, ouvimos falar do que ha lá fóra e desejamos ver. Temos a curiosidade que é, para o cego, o que é para o grilheta o instincto da liberdade.

Uma estrella, o sol, a flor, os olhos de uma mulher que, em torno de nós, todos acclamam, serão mais bellos na realidade do que os imaginamos? Mas que é a belleza? perguntareis. Que é a belleza senão a vi-

são perfeita? A belleza é imaginaria. Nós outros temos as nossas bellezas tenebrosas.

Sentimos e tanto basta. Para o gozo temos o tacto, temos o olfacto, temos o ouvido.

Que nos importa a forma da flor se lhe sentimos o perfume e a maciez da petala? Que nos importa não ver o oceano se ouvimos a sua grande voz? Que nos importa não ver a paisagem se sentimos o arôma sylvestre das hervas, se ouvimos o mugir do gado, a canção do camponio, o murmurio das aguas que regam as terras.

E as estações? julgais que não as conhecemos? melhor do que vós as distinguimos. Dizemos, sem errar, quando vem do oriente a primavera, quando do zenith desce o estío, quando da terra sobe o outono maduro, quando nos chega o inverno do occidente triste. E, mais do que vós, amamos a Natureza: ella para nós, tem os mesmos mysterios que tem Deus para vós outros.

Sois cegos diante da Providencia e viveis imaginando o Eterno sem nunca o sentirdes senão em manifestações que lhe attribuís... Sois menos felizes que nós que amamos a Natureza e que a sentimos sempre em dupla existencia — real e imaginaria.

Podeis ver o Deus cujo nascimento festejais? onde o vêdes senão nalma? nós tambem nalma o podemos ver.

Cantais em torno do imaginario, a vossa festa

um sonho. Quem sabe se não é mais bello o que sonhamos?

A musica que ouvís, ouço-a eu tambem. Que importa o feitio do instrumento se a sua voz é que me delicía, e assim, sem vel-o, chego a pensar que vem de longe a sonata, que são anjos que dedilham harpas mysteriosas e goso ouvindo e sonhando.

O amor, direis... o amor reside no coração. Que importa ao cego o rosto da sua amada se o rumor do seu passo, a melodía da sua voz, o perfume do seu halito bastam para delicial-o? Ver é sentir com os olhos, os cegos vêm com o coração. O vosso mundo é, talvez, inferior ao que sonhamos: sem chagas, sem podridões. Só sei de uma cega que chorou por não ver: foi no dia em que lhe nasceu o primeiro filho».

II

O SURDO-MUDO

E vê o filho da céga: o dia é claro e vem da tréva da noite. Vê o filho da céga... antes não visse. De que lhe serve ter vista se não fala, se não ouve?! Para elle a Natureza está morta porque nella só ha silencio.

Move-se a palma do coqueiro, elle não ouve o farfalho; canta a cigarra do estío, elle não ouve o canto. Ainda assim é feliz, não o lastimeis.

Imaginai a sua dor se ouvisse — succumbiría como um animal que andasse sempre a receber carga sem nunca poder alliviar-se do peso.

E' um edificio fechado onde não entra ninguem, de onde ninguem sahe. Pelos olhos, como por duas claraboias, passam apenas os raios de sol que illuminam o deserto silente.

Elle ahi está parado diante de vós, vendo-vos em festa. Nem ouve nem fala — olha: é um sepulchro com duas velas accesas. E sorri.

Sabe que festejais o Natal de Deus, sabe porque leu, conhece a lenda porque a vio nos livros: a palavra dos livros entra pelos olhos como os raios de sol, é como essa poeira que anda na luz.

Eil-o festejando comvosco o nascimento do Messías e contente, apezar de surdo, e contente, apezar de mudo.

Para gozar basta-lhe a vista — vê a flor e sente-lhe o perfume. Não ouve, não fala: mas quem sabe se a sua alma não tem as vozes mysteriosas, que, ás vezes, ouvimos no silencio? Elle que sorri é porque é feliz.

III

O LOUCO

Junto ás grades da cellula, agarrado aos rijos varões, o louco espía. Bem perto passam, cantando, festivos grupos; elle ouve, escuta e fica extasiado. Um clarão illumina-lhe a alma tempestuosa: Natal.

Como á fulguração de um relampago vê-se toda a extensão d'uma larga paisagem, á lucida reminiscencia illuminada por essa palavra quanto vê o infeliz!

A infancia, a alegria domestica, as festas ruidosas, toda a sua gente em torno da mesa patriarchal, fartamente servida; as creanças, com os cabellinhos louros, recebendo balas e brinquedos, os velhos satisfeitos, revendo-se nos filhos e nos netos, todos os cantos da casa enfeitados de flores.

Depois a adolescencia; já lugares vagos á mesa e novos tumulos nos cemiterios... Depois a idade adulta: a esposa, um berço. Mas estava extincta a claridade e, como depois do flammejar do relampago,

mais se adensa a treva tormentosa, eil-o a bramir abalando as grades da prisão, eil-o a uivar como a féra que, no fundo da jaula, sentio na bafagem crepuscular um brando perfume de florestas.

Porque fostes illuminar a sombra d'aquelle espirito? Felizes, porque não levastes para mais longe a vossa felicidade? Porque não passastes em surdos passos para que o louco não vos sentisse? E agora ahi tendes os vossos cantares interrompidos pelos ululos da insania.

Elle dormia — porque o fostes acordar? E agora vêde como o acalentam, vêde como lhe domam a saudade — com a camisola de força.

IV

O LEPROSO

Encolhido no lar, longe das gentes, canta. A pelle roxa tresúa, os olhos se lhe encovam: é uma mandrágora viva. A lepra já lhe vai roendo os dedos, os labios, as palpebras, as orelhas e elle, vendo-se, aos poucos, destruir, soffre calado ou geme baixinho.

A fonte amiga é um espelho cruel — sempre que a sêde o leva ás aguas claras, a sua sombra nas aguas o repelle. Os que passam desviam os olhos, as esmolas lhe são jogadas, a propria Caridade tem repugnancia.

Ninguem o procura, os cães evitam-no, mas o sol, todas as manhans, lá vai ao seu monturo e affaga-o; o sol apenas, esse não tem nojo, e tanto basta ao infeliz para que bemdiga a vida.

Agora mesmo elle lá está, sentado e humilde, mas contente. Ouvio o canto do gallo e, ouvindo-o, ergueu-se: Jesus nascia!

Ah! tempos idos, quando, ainda limpo, caminhava á aragem balsamica das manhans para a ermida, em companhia das moças do seu lugar.

Ah! tempos idos... Entanto não maldiz. Eis chega o sol que o não esquece, devem vir esmolas porque todos commemoram a festa natalicia do bom Deus. E o leproso canta.

Tem um resto de azeite, mas como nem a imagem do Senhor possúe, accende a lamparina, deixa-a a um canto, porque Jesus bem sabe que é em sua intenção que aquella chamma brilha.

Que lhe importa o abandono em que vive? não estão alli as arvores verdes, as aguas claras, o ceu azul, as borboletas, os passaros, as flores? Não lhes estão chegando aos ouvidos ulcerados os cantos alegres dos que celebram a festa nos presepes? Não estão seus olhos espiando pelas frinchas dos muros da cabana os grupos que passam jocundamente?

Ah! que ella não passe, a que elle amou! Que ella não passe pelo braço de outro para que o ciume, peior do que a lepra, não lhe rôa o coração.

Busca outro caminho, moça formosa, mesmo que te prolongue a viagem. Sê misericordiosa, ao menos hoje, dia de Natal, para que se não desvaneça a alegria do infeliz.

Elle lá está ouvindo os sinos e os cantos, aspirando o perfume das flores sylvestres. Elle sangra por tantas feridas... sê misericordiosa! não queiras, com teus

olhos lindos, apuar o coração miserrimo para que tambem sangre, mais que sangue: lagrimas!

Natal! Natal! Gloria a Jesus nascido! murmura devotamente o leproso solitario.

V

NO ORPHELINATO

Benção, viatico para a vida; lagrima, orvalho humano... nem benção nem lagrima tivestes, orphãos pequeninos. E, como podeis andar no mundo, almas solitarias? e como desabrochastes, botões cahidos da haste?

Eil-os todos, vestem roupas iguaes: é o uniforme do anonymato e a solidariedade da desventura como que deu a todos a mesma physionomia. São filhos da mesma mãe — a Caridade.

Vêde como estendem as pequeninas mãos num gesto humilde de quem péde esmola. E que esmola pedem? a benção e todos os abençôam. Ah! mas como lhes saberia mais a benção de uma só, se essa não fosse morta, se essa não fosse ingrata!

Para a planta que nasce não ha rega melhor do que o orvalho do ceu nem ha benção como a de mãe.

De onde vieram esses pequeninos? não sabem.

Vieram da noite, foram apanhados nas sargetas das ruas, nas moutas das estradas — uma lufada atirou-os á róda dos expostos. Não têm mãe, não têm pai.

Os pequeninos mamam descuidados; os que já caminham andam agarrados ás irmans de caridade, os outros brincam; os maiores pensam.

Natal! a festa das creanças. Jesus nasceu nas palhas mas teve mãe que o beijou, teve mãe que o aqueceu ao seio e aos labios.

Não foi tão grande o teu martyrio, Christo — mesmo junto da cruz tiveste a Dolorosa e esses pequeninos que, abrindo os olhos, nada viram em torno, estendendo os braços nada acharam, enrouqueceram a vagir porque ninguem sahio a acalental-os senão os cães vadios que os lamberam mansamente achando-os gelados ao relento da noite?

E esses pobresinhos, Jesus? Entanto brincam e cantam á sombra da arvore do Natal, arvore que appareceu no dia em que nasceste e que fructificou regada pelo teu sangue, arvore santa que deu a cruz, arvore do patrocinio, arvore de Misericordia cuja folhagem abriga todos os desagasalhados.

Natal! Natal! E elles nem sabem em que presepe nasceram.

VI

NOS HOSPITAES

Sala vasta. Alas de leitos.

Lentas, mal roçando o soalho, passam, com o pétaso alado, as piedosas irmans de caridade. Os rosarios, que são as correntes que as prendem ao sacrificio, tinem de leve. Aqui gemem, alli choram enfermos.

Uma leva a poção para o doente, vai outra com o viatico para o que expira. Ha um sussurro de preces de mistura com a anciada agonia dos dyspneicos e o cheiro mystico que vem da capella, onde foi rezada a missa da meia noite, ainda perfuma a sala.

Alguns, sentados no leito, as mãos cruzadas no collo, elevam os olhos para o Christo crucificado que preside á enfermaria. Contemplam-no!... Estarão a fazer algum voto? não: recordam o passado.

Este, o tempo da infancia na aldeia da patria, para o sempre deixada. Esse a meninice trefega na provincia aonde nunca mais tornou. Que será feito de

sua mãe? tão velha! Por onde andarão perdidos seus irmãos?

Aquelle suspira passando a mão pelos olhos. É velho, bem velho — as barbas brancas rolam-lhe pelo peito magro. Ainda outro — um rapazinho livido, enfezado, mergulha a cabeça nos travesseiros e estrebucha, a chorar.

O' piedosas irmans de caridade, vêde quanto soffrimento deixais sem consolo; vêde quantos corações reclamam o balsamo das vossas palavras, vêde quantas lagrimas derivando de olhos infelizes...

Ah! tendes tambem os olhos marejados... O cilicio não vos chegou ao coração... santas mulheres, nem tudo resignastes — a saudade arrasa-vos os olhos d'agua.

Natal! Natal! gloria a Jesus, misericordia dos desgraçados.

VII

NA MONTANHA

Ligeiramente o pastor galgava os caminhos asperos.

Nos valles, ao luar brumoso, scintillava a nevada.

Subito, rompendo o silencio da noite, vozes entoaram um canto magnifico.

O pastor, já tão perto da fonte que ouvia o murmurio d'agua, deteve os passos, volveu os olhos em torno por moutas e arvores procurando os cantores quando se lhe fecharam os olhos offuscados por fulgurante claridade. Descançou a bilha sobre uma pedra, esfregou os olhos e, reabrindo-os, vio, com assombro, o espaço cheio de anjos.

Eram de nevoa e de luz, mais claras e mais largas do que a estrada syderal, as azas que distendiam. Cantavam dizendo que nascera o Senhor, Redemptor dos homens, o Deus de misericordia annunciado pelas prophecias.

Fundio-se a neve rutila, lyrios brotaram trescalando, o murmurio d'agua fez-se musica, passaros chilrearam entre os ramos subitamente revestidos de folhas, balaram, com alegria, os anhos nos apriscos e, das cabanas caladas, dispersas na montanha, irromperam festivamente os rusticos tonilhos.

«Acaba de nascer o Redemptor dos homens».

Ouvindo o pregão dos anjos o pastor, commovido, ajoelhou-se á beira d'agua, encheu a bilha e partio, montanha acima, caminho da caverna, contendo os estúos do coração sobresaltado, porque deixára a companheira prestes a dar á luz. O cão rosnou vendo-lhe a sombra, mas, reconhecendo-o, festejou-o.

«Acaba de nascer o Redemptor dos homens... !»

Cantavam sempre nos espaços as vozes mysteriosas, mas apezar de serem de anjos não iam tão direitas ao coração do pastor como foi um vagído que sahio da caverna. Dobraram-se-lhe os joelhos e a bilha esteve a ponto de rolar na terra, encharcando-lhe as vestes porque mais de metade d'agua derramou-se.

D'olhos immensos, pallido, tremente, atravessou o limiar da caverna e lá estava a pastora, á luz d'uma fogueira, com o pequenino filho que nascera aconchegado ao collo.

«Acaba de nascer o Redemptor dos homens...»
Cantavam sempre no espaço as vozes mysteriosas.

O rustico fitou o infante extasiado e, inclinando-se, murmurou com lagrimas:

— Ouve o que os anjos cantam — e estendeu o braço para a entrada. E a mulher acenou como a dizer que ouvia. — É Deus! disse o pastor. Ella elevou os olhos enternecidos e, dos olhos de ambos, copiosas lagrimas rolaram. — É Deus! balbuciaram os dois.

Repentinamente, porém, outra voz apregoou:

«Acaba de nascer o Messias que ha de morrer na cruz para remir os homens...»

Estremeceram os dois e a pastora, rompendo em pranto, tomou nos braços o pequenito e, apertando-o ao collo, poz-se a soluçar dizendo:

— Meu filho! Meu Deus! Pois hei de eu, com meus olhos, ver-te soffrer supplicio tão cruel?! Ah! meu bem amado filho. Que fiz eu para ter destino tal? Que virtude tamanha é a minha para que assim merecesse tão altissima graça e que grande falta commetti para tamanha pena?!

O pastor, para que ella não lhe visse as lagrimas, foi chorar á entrada da caverna e chorava quando um cabreiro que passava disse:

— Acaba de nascer o Redemptor dos homens.

— Que ha de morrer em uma cruz, disse o pastor baixinho.

— Que fazes que o não vens ver? A gruta está cheia d'anjos e não é longe d'aqui, é alli na estrada. Relampejaram de alegria os olhos do pastor.

— Não é aqui no monte então?

— É alli na estrada. Pódes vel-a d'aqui illumi-

nada porque está cheia d'anjos luminosos. E o cabreiro, levando o pastor á rampa do rochedo, mostrou-lhe a caverna que resplandecia ao longe: — Vês? foi alli que nasceu o Redemptor dos homens.

Não quiz mais ver nem ouvir o pastor montesino e deixando o cabreiro, tornou, a correr, pelos caminhos asperos e, desde o limiar da caverna, foi bradando:

—Não é Deus! Não é Deus! Não morrerá na cruz o nosso amado filho. Deus nasceu na caverna da estrada que está cheia d'anjos.

A pastora soergueu-se commovida e, vendo a alegria do esposo, sorrio e limpando as lagrimas poude apenas dizer alliviada:

— Não é Deus... Antes assim.

E o pastor, num vivo contentamento, ajoelhado, adorando o filho, não se cançava de repetir:

— Não é Deus! Não é Deus! não morrerá na cruz o meu amado filho. E longe as vozes repetiam o pregão: «Acaba de nascer o Redemptor dos homens...»

— Pobre pai! disse o pastor.

— Pobre mãe! disse a pastora.

Livro das illusões

A escolha

—

A Paulo Barreto

Todas as tardes, de uma d'aquellas cabanas, com um alto lamento que chegava ao ceu, sempre azul e doirado, sahia um corpo para o eterno repouso, entre altos sycomoros de basta folhagem e finos cyprestes altos que, ao livido clarão do luar, tomavam o aspecto lugubre de enormes pegureiros, com os agudos capuzes sobre a cabeça, immoveis, guardando os sepulchros brancos, que alvejavam como um quieto rebanho espalhado entre flores.

Debalde os altares rusticos cobriam-se de offerendas que o fogo lento dos sacrificios consumia: debalde os homens santos, que viviam nas cavernas, clamavam prostrados, com a rude face na terra morna, os deuses barbaros e o Deus meigo dos eremitas pareciam desattentos ás vozes que subiam da terra em grita lamentosa, aos canticos, ás murmuradas preces.

A morte continuava a ferir sem pena a pobre gente.

Dizia-se que um anjo negro, armado de gladio, tendo escolhido a sua victima, arremessava-se d'alto sobre ella, como um abutre sobre a presa, feria-a e remontava ás nuvens, desapparecendo até á tarde seguinte quando, de novo, pairava, adejava e precipitava-se violento.

Ora, em uma d'aquellas cabanas, vivia Ayiché, pobre mulher, cujo esposo partira, com um carregamento de balsamo, para os lados do mar deixando-a a cuidar do campo, que era farto e de dois filhinhos, que eram lindos.

Ayiché, na sua pobreza, quando, á sombra de uma das grandes figueiras, em torno das quaes enxameavam abelhas, dava o peito ao pequenito, vendo correr, a rir, o mais velho, considerava-se tão venturosa que não trocaria a sua vida de porfiado trabalho pela da princeza mais rica.

Ayiché fôra bella. Ainda os seus grandes olhos negros conservavam o esplendor do tempo em que, entre as donzellas da aldeia, uma amphora ao hombro, a tunica fluctuando, descia á fonte ou, graciosamente coroada de flores, com os braços enrodilhados em braceletes de prata, um veu airoso desfraldado ao vento, leve, languida, sorrindo, volteava nas danças como

uma fina libellula esvoaçando á flor das aguas limpidas.

Virtuosa, desde que o seu esposo partira, nunca mais homem algum crusara o solar da sua porta, nem mesmo os marabutos santos que abençoam os lares; e, todas as tardes, á hora em que o sol morre, com o pequenito nos braços e o mais velho agarrado aos seus vestidos, ficava, um momento, a olhar saudosamente o horisonte, para as bandas do occaso, á espera de ver surgir a caravana em que devia chegar alegre, com o ginete a reluzir de suor e a bolsa pesada de ouro, o seu esposo esbelto, senhor da sua alma e do seu corpo.

Uma tarde, justamente ella alongava os olhos pelo vasto deserto, sempre com os dois filhos — um ao collo, outro pela mão — quando uma sombra fria escureceu gelidamente a cabana e uma voz sinistra falou:

«Ayiché, mulher de Abdul, filha de Ahmed, caçador de leões, amanhã, á hora em que a lua subir no ceu e as aves escuras da noite soltarem-se no espaço, a Morte passará pela tua cabana em busca do seu tributo. Tens dois filhos — escolhe um d'elles e deixa-o ficar sob a figueira da tua porta.»

E clareou de novo, e de novo aqueceu.

Ayiché ficou como petrificada e, tanto apertou ao collo o pequenito, que a creança abriu num pranto

e o outro, de medo, poz-se tambem a chorar. Ayiché recolheu-se, sempre a ouvir as roucas palavras da sentença cruel, accendeu a candeia, adormeceu os filhos e, ajoelhada entre os dois berços, d'olhos muito abertos, ficou-se immovel, fazendo a escolha.

Olhava o mais velho. Como era lindo a dormir! Os cachos dos seus cabellos negros rolavam-lhe pelo rosto moreno como as ramas floridas pelo frontão de um templo.

O pequenito rechonchudo sonhava e sorria, com duas covinhas nas faces.

A misera sentia a noite correr... Nunca as horas lhe pareceram tão ligeiras.

Já os passaros cantavam nas arvores e os rebanhos saudavam a alvorada nos campos... e Ayiché ouvia sempre as palavras fataes.

Não teve animo de ir á lavoura, não se desprendeu dos filhos, olhando-os: ora um, ora outro.

«Que vá o pequenito... Ainda não anda, ainda não fala...» Mas o pequenito, como se advinhasse o seu pensamento, estendeu-lhe os bracinhos gordos, sorrindo e tartareando e a infeliz, em soluços, tomou-o ao collo, deu-lhe o peito cheio e, emquanto elle mamava, sob o seu olhar lacrimoso, a mãe exclamou desesperada:

«Este não! Este é mais agarrado a mim. O outro anda lá fóra... Passa minutos longe de meus olhos...»

A voz do mais velho chamou-a:

«Mamãe!»

O coração de Ayiché esbarrou contra o peito, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos e, estranguladamente, desesperadamente a coitada bradou entre os dois amores:

«Meu Deus! Que vos fiz eu para que assim me castigueis com tamanho rigor! Como quereis que eu escolha onde não ha que escolher? Como quereis que eu divida o coração, Senhor Deus?! É a mim que propondes tal supplicio, a mim que nunca vos esqueci, que sempre vos venerei?

Porque não fizestes em silencio o vosso mister, anjo da Morte? Eu choraria sobre o cadaver, cobril-o-ia de flores, abriria o seu tumulo entre rosaes, mas não soffreria tanto como soffro. Que vos fiz eu, Senhor Deus!?»

Os pequenitos brincavam á sombra cheirosa das arvores e o dia escoava-se.

A' tarde Ayiché sahiu a olhar o horisonte: deserto, nem sombra de caravana. Se elle, ao menos, chegasse...!

Mas as cigarras cantavam, o sol transpunha o ceu, rente das areias longinquas, abrazando as dunas e os palmares.

Silvavam rispidos os trissos dos morcegos, os chacaes uivavam e a primeira estrella luziu.

Era a hora em que as creanças costumavam dormir. O mais velho abraçou-a, beijou-a e subiu para o seu berço de palha, o mais novo estendeu-lhe os bracinhos e, tanto que ella o tomou, logo, avidamente, collou a boquinha ao peito e adormeceu. Deitou-o e, ajoelhada entre os berços, quedou-se contemplando os filhos.

Um raio de lua entrou pela cabana escura e quieta —era a hora.

Ergueu-se allucinada — curvou-se, estendeu os braços a um berço, a outro. As estryges chirriavam.

Vacillou; mas, rapida, cobrindo-se com o manto, ainda beijou os filhos, ainda os molhou de lagrimas e, lenta, em passos arrastados, voltando-se de quando em quando, sahiu, desceu o degrau de pedra e, tremendo, batendo os dentes, arrepiada de medo, os olhos voltados para a cabana, sentou-se sob a figueira.

Na estrada, ao sol

É larga a estrada e brilha ao sol. Vai por ella fóra, farnel cheio ás costas, olhos altos, no ceu, a cantar, parodiando os gaturamos, um rapazinho louro: vem por ella, cajado em punho, a taleiga vasia, um velhinho, tardigrado e tremente, desesperançado, d'olhos no chão, acompanhando a sombra.

E o rapazinho, a cantar, dividindo o que leva com a terra, com as aguas, com a luz, com o passaredo, não vê que o seu farnel vai escasseando; e o velhinho, a tremer, as mãos engelhadinhas, a olhar, a olhar a larga estrada, ao sol.

— Onde vais, louro infante?

— Alem! E o velhinho, a sorrir, triste e tremente: De lá venho eu assim como estás vendo.

— De lá vens, dizes com tanta amargura, pobre velho. Não viste, então, as montanhas azúes e as aguas

de prata? Não colheste, nas arvores, os fructos d'ouro ou a dama que possuiste foi perjura e perversa?

—De lá venho, insiste o velho, tão só e compassadamente.

—E onde vais?

—Para o sitio d'onde vens: buscar descanço. Volta commigo, louro infante. Mais vale o fumo azul de uma cavana do que a nuvem dourada que além passa. Volta commigo.

—Quê! tornar atraz? tornar ao mesmo sitio? Deliras, pobre velho! Vem tu commigo; anima-te!

—Eu?! E o velhinho, a rir, sem dentes: E que fazes? attenta no que fazes! Porque, a mancheias, desperdiças a fortuna que levas? Sê mais avaro, louro infante. Guarda o teu bem para que não te succeda, á volta, o que a mim succede: soffrer fome, soffrer sede, soffrer frio e o desengano.

—Pois não estás vendo, velhinho, que o que vou semeando rebenta em flor e trescala, surge do ninho e é canto alado, torna-se em arvore e dá fructo e sombra, enche a natureza toda de alegria?

—Tambem pareceu-me assim quando, como tu, eu tinha os cabellos louros. Tambem pareceu-me assim, já me não parece agora. Alonga o teu olhar noviço: que avistas alem?

—Espinhaes, espinhaes... Mais nada avisto.

—E que ouves? louro infante. Escuta.

—Pios d'aves tristes: nada mais.

— Foi o que eu semeei. A principio, como te succede agora, pareceu-me ver flores e ouvir trillos: e fui semeando, semeando... Ahi tens: mochos e espinhaes, mochos e espinhaes. Torna commigo, louro infante. Aquillo que alem avistas é perfidia. Naquellas serras azues móra um feiticeiro maligno que se chama Ideal. Vai-se attrahido pelos seus sortilegios e, quando, como me aconteceu, de lá se póde tornar — porque o maior numero lá fica — é assim como me vês: pobre, o coração vasio como esta taleiga, e triste. Torna commigo, louro infante. É mais doce do que o gorgeio do gaturamo a cantilena de tua mãe. Tudo, por esta estrada longa, é illusão e perfidia.

— Que importa! as montanhas d'alem são tão azúes que parecem feitas de ceu.

— Torna commigo ao teu casebre, infante. Tudo é illusão e perfidia. Eu de lá venho, das montanhas, e sei. Torna commigo.

— Adeus, velhinho.

E lá vai, estrada fóra, farnel cheio ás costas, olhos altos, no ceu, a cantar, o rapazinho louro. E o velhinho, vendo-o seguir, suspira:

— Pobre creança! desgraçado infante! como vai soffrer... Elle a querer ser velho e... (pobre de mim! e pobre d'elle!) eu a querer tornar a ser creança!

Lenda do rei avaro

—

Naquelle tempo em toda a immensa e afortunada terra d'Asia, desde as altas regiões quasi nuas, onde as neves se não dissolvem e, para um lado, até a orla tepida do mar onde se pescam as perolas, e para outro até os vastos e adustos desertos de areia amarella, hispidos de cardos, sem sombra de arvores ou brilho d'agua, onde alveja a tenda ligeira do beduino e o gypaeto, do alto das rochas seccas, espia as serpentes, só se falava das riquezas maravilhosas do soberano da Ilha dos Arômas, essa que, ao findar de uma tarde de quente nevoaça, como referio, aterrada, a tripolação de um pangaio, com um leve tremor que nem abalou as torres dos templos nem assustou o gado nos campos, afundou lentamente, sumio-se nas aguas, como um barco que sossobra ao bater num rochedo.

Esse principe, que governava um grande povo industrioso e tinha, para defender o seu reino, o mais

aguerrido exercito e a frota mais numerosa do Oriente, logo que deixou o cadaver do pai no sumptuoso mausoléo de marmore, levantado entre as esbeltas palmeiras do bosque sagrado, e assumio o governo, quiz examinar os thesouros que os reis vinham pacientemente accumulando desde que os primeiros escravos cavaram o terreno das minas e os primeiros exercitos espalharam-se impondo pesados tributos aos povos fracos dos paizes proximos.

Desceu ao subterraneo e, caminhando por entre abarrotados ceirões d'ouro e prata, arcas acoguladas de pedrarias, armas preciosissimas, vasos do mais fino lavor, pannos attalicos e telas levissimas, esvoaçantes, tecidas nos templos por virgens que só trabalhavam para os deuses, e moedas de varios cunhos que luziam amontoadas, espalhadas nas lages, sorrio da miseria, não comprehendendo como reis tão fortes, que podiam dominar o mundo, se contentassem com tão pouco.

Disseram-lhe que, todos os annos, com as primeiras flores da primavera, chegavam barcos com o tributo em ouro de setenta fertilissimos Estados, que os impostos das provincias eram abundantes: disseram-lhe o numero das minas que produziam, das rezes que se espalhavam nos campos, dos navios que faziam o commercio da purpura, dos teares que trabalhavam, das mil fabricas em que se facetavam as pedras preciosas, se polia, rendilhava e floreava o marmore, se cozia a louça transparente, se enformavam as ampho-

ras, se trançavam as corbelhas, se fundia o metal das armas — o principe sorria sempre, desdenhoso, achando tudo mesquinho.

Subindo á sala dos despachos logo decidio augmentar os impostos e os tributos para o dobro do que pagavam, exigir dos capatazes da mineração maior quantidade de ouro, prohibir aos pastores a matança de uma só rez — que se contentassem com o bolo de farinha e mel e com as hervas tenras que nascem nas terras humidas — dar mais porte aos barcos e exigir das mulheres do povo todas as joias que traziam. Mandou equipar e apetrechar navios e soltou-os nos mares para a rapina.

Espalhadas, ao som de tambores, as ordens do soberano, o povo, que o temia, deu-se pressa em cumpril-as e centenas d'homens fieis, encarregados de receber o que a gente humilde levava ao erario real, não conseguiam attender a todos com a resalva que era devida aos que se desfaziam dos seus pequenos valores.

As fundições trabalhavam dia e noite reduzindo a grossas barras de ouro as joias de que a pobreza se havia despojado e as pedras, tiradas das encarnas, scintillavam em acervos de côres sobre o branco lagedo dos pateos, entre eunuchos armados.

Ao porto abicavam diariamente altos navios carregados; caravanas numerosas desciam das minas, em lento andar, com o peso dos fardos que derreavam os

animaes, e os pastores reclamavam mais campos onde pudessem espalhar os rebanhos que cresciam prodigiosamente, já emmagrecendo á mingua de pastura.

E o rei, percorrendo o subterraneo, contemplava a sua riqueza, mas como ainda lhe não bastasse o que via, mandava cavar galerias maiores, mais fundas e exigia mais ouro.

Á noticia das victorias dos seus soldados, das presas dos seus navios logo pedia nota dos thesouros sem se preoccupar com a mortandade nem com o soffrimento dos vencidos.

Á noite, quando a cidade real dormia e das chaminés das fundições subiam, lambendo a tréva, as linguas rubras de fogo, elle levantava os olhos e ficava ambiciosamente contemplando os astros que tremeluziam no céu.

Não dormia. Se, algumas vezes, reclinava-se vencido pela fadiga, logo um sonho o despertava em sobresalto — punha-se de pé e, seguido pela guarda palaciana, que o acompanhava a correr, atropelladamente, fazendo resoar a longa escadaria de marmore, subia á torre mais alta para devassar o mar vasto porque, no sonho, o vira coalhado de navios que vinham cheios de guerreiros, que eram gigantes, assaltar o seu thesouro, passar a fio de espada a sua gente, exgottar as suas minas, abater o seu gado.

Recommendava o mais vigilante cuidado ás sentinellas ameaçando-as de morte se não annunciassem

o que fossem descobrindo na terra, no mar, no espaço.

Ás vezes, no arroxear sereno do crepusculo, uma aguia retardada punha em alvoroço a cidadella. Rugiam buzinas roucas de uma á outra torre, armas brilhavam, retiniam na pressa tumultuosa com que a soldadesca se lançava pelas escadas e arquejando, esbaforidos, os guerreiros que chegavam á plataforma, atezando os arcos rijos, viam apenas um ponto negro que se sumia no espaço, longe.

*

* *

Certa noite, ao recolher-se, sentio o rei uma dôr violentissima na cabeça como se a varassem ferros terebrantes e em braza e um peso tão grande que só a podia trazer tombada sobre o peito.

Immediatamente, em grande pressa, foram chamados os magos e o rei, por entre gemidos e brados de angustia, dizia-lhes o seu soffrimento promettendo-lhes immensos thesouros se o curassem ou a morte se nada conseguissem.

O primeiro tudo fez: velou noites seguidas, invocou os deuses, experimentou as mais complicadas formulas, tentou todos os recursos da magia.

Um dia longo e quente, ao sol, e toda uma noite passou-os no eirado do palacio consultando o vôo dos passaros e o brilho dos astros e, com o soar das buzinas annunciando a madrugada, resignadamente, entre guardas, desceu para morrer.

Outro veio e teve a mesma sorte.

De todas as partes chegavam magos e feiticeiros e todos desciam ao pateo lobrego onde o carrasco os abatia de um golpe. E o rei, gemendo e sem poder levantar a cabeça, augmentava as promessas de riquezas e inventava supplicios mais dolorosos.

Continuamente subiam sabios á real camara, continuamente o machado do carrasco decepava cabeças veneraveis.

O povo, estarrecido de medo, nem cuidava de negocios porque os guardas tinham ordem de matar todo aquelle que falasse mais alto nas ruas e, todas as tardes, eram levadas para as cavernas funebres centenares de cadaveres de mulheres. Nos templos os victimarios escorriam em sangue e nos altares não se extinguia a chamma dos holocaustos.

Já os cortezãos desesperavam da salvação do monarcha, cujo soffrimento augmentava a mais e mais, quando um velho mago, havia muito apartado da corte, vivendo solitariamente numa montanha, foi trazido a palacio.

Não ignorava as condições impostas pelo rei — a fortuna ou a morte e, como o pateo de supplicio fi-

cava em caminho da torre em que se havia isolado o enfermo, o ancião, levantando a aba da simarra, passou sobre o sangue dos que o haviam precedido e vio o carrasco inflexivel, afiando o machado junto ao cepo de cedro onde tinham rolado tantas cabeças cheias de sabedoria.

Não se intimidou: serenamente, seguindo o camareiro que o guiava, chegou á presença do rei que gemia.

Os aulicos, curiosos da sciencia do solitario, cercaram-n'o, elle, porém, depois de haver purificado as mãos n'um vaso de ouro, declarou que, para conseguir a cura, era necessario ficar a sós com o monarcha.

Com um leve murmurio, como o d'um fio d'agua a fluir, os cortezãos sahiram e o velho correu, experimentou os ferrolhos de todas as portas. Dirigindo-se, então, ao enfermo que apertava a cabeça entre as mãos, disse:

—Senhor, para que eu vos examine, como convem, é necessario que adormeçais. Tenho commigo um elixir de somno que vos dará um momento de allivio. E d'um gutturnio verteu, num pequeno copo cavado em uma esmeralda, as gottas d'um narcotico que o rei bebeu sem hesitar, cahindo immediatamente em profundo lethargo. O mago tirou, então, do seio uma pequena bolsa, despejou-a sobre uma patena de prata e miudas lascas de ouro scintillaram. Olhou-as sor-

rindo e despertou o rei que, ao reabrir os olhos, logo se pôz a gemer:

— Por que tão depressa me tiraste do somno?

— Senhor, não foi para adormecer-vos e sim para curar-vos que aqui me trouxeram, entre armas. Se vos mergulhei no somno de que sahistes foi para examinar, com descanço, a vossa cabeça e descobrir a causa do soffrimento que vos traz combalido e todo o reino em grande e justa tristeza.

— E então?

— Tenho o que basta para garantir-vos a cura — é o conhecimento do mal. E, adeantando-se com a patena, no fundo da qual brilhavam as lascas de ouro, explicou: A vossa molestia é de natureza estranha e, a meu ver, originou-se no vosso constante pensar em riquezas. A prova aqui a tendes nestas pepitas. A idéa fixa materialisou-se. A vossa cabeça está-se transformando em ouro. Comprometto-me a curar-vos em menos de uma hora raspando toda a crosta que forra o vosso craneo e destacando todas as particulas que se acham incrustadas na massa cerebral, se assim julgardes que devo fazer. Como é um thesouro não quiz proceder sem ouvir a vossa palavra.

O rei ficou largo tempo a pensar e a gemer. Tomou entre os dedos as pepitas luzentes, chegou-as bem aos olhos, examinou-as, pesou-as na palma da mão, murmurando: Bom ouro! Bom ouro! Por fim, disse: Fizeste bem em consultar-me. Tal molestia só

póde ser um capricho dos deuses, porque não consta que homem algum houvesse jámais produzido ouro. E suspirou: Cumpra-se a vontade divina. E em quanto tempo julgas que terei toda a cabeça transformada em ouro?

— Senhor, em menos tempo do que gasta a lua para mostrar ao mundo as suas quatro faces.

— Bem, vai! Concedo-te a vida... E o mago inclinando-se, ajuntou:

— E outro maior thesouro não me podieis conceder. Todavia, se vos quizerdes curar, senhor, eu lá estou na montanha, disse o mago de cabeça baixa, sorrindo por trás das grandes barbas alvas que rojavam no chão.

— Curar-me!... suspirou o rei. Pudesse eu melhorar um segundo e daria, de bom grado, metade do meu reino, o mais rico da terra... mas, como hei de eu contrariar a vontade superior dos deuses! Já agora soffrerei até que toda a minha cabeça se transforme em ouro. Vai! e que os deuses sejam propicios á tua velhice.

O mago retirou-se contente com a sua astucia recolhendo-se ao silencio religioso da montanha e numa dôce noite de lua, á hora em que cessavam os canticos no templo, o rei deixou de gemer no seu leito de ouro e marfim.

Os milhões

—

— Um momento! bons homens, bradou o velhinho curvado sobre a sargeta por onde rolavam as aguas da enxurrada. Um momento! bons homens.

Os varredores, vendo-o em tamanha azafama, raspando as pedras com as mãos tremulas, catando, um a um, os *confetti* amarellos, riam: elle, porém, sem dar attenção á troça que lhe faziam, continuava a raspar as pedras com ancia, enchendo um grande sacco com aquella massa de papelinhos louros.

Um dos varredores mais impaciente adiantou-se, mas o velhinho deteve-o com um gesto.

— Um instante, meu amigo. Já vos deixo o que vos cabe: não quero mais que o ouro. Aqui ficam esmeraldas verdes, saphiras azues, rubís côr de sangue, opalas côr de leite. A mim basta-me o ouro. Deixai-me apanhar em paz as pepitas que brilham, deixo-vos uma fortuna maior em pedras preciosas.

O homem, sem entender as palavras do velho, atirou a primeira vassourada.

—Que fazeis? Não vêdes que espalhais a riqueza que eu ando a ajuntar desde hontem? Era noite negra quando sahi a esmolar um pão para a netinha — linda creança de seis annos que me ficou nos braços quando Deus me levou a filha. Sahi. As ruas regorgitavam de gente e eram tantas as luzes que se podia ver nas pedras um alfinete perdido.

Cantavam e riam; uma desusada alegria alvoroçava o povo e, quando a alegria é grande ninguem attende a uma tristeza que passa. Como se ha de ouvir um soluço em tamanho rumor de gargalhadas e de gritos, de sons de trompas e de rufos de tambores? Debalde eu pedia contando a minha historia «que estava com febre e que a minha Dolores lá ficára em casa chorando de fome». Riam das minhas palavras, mofavam de mim e das minhas lagrimas... Houve mesmo quem me empurrasse tomando-me por bebedo... como se lagrimas embriaguem.

Cançado e desanimado sentei-me no limiar de uma porta, olhando e pensando na pequenita e chorava em silencio quando uma creança, um menino louro, pouco menor do que a minha Dolores, dando por mim, deteve-se e, mergulhando a mãosinha num grande sacco, atirou sobre a minha cabeça um punhado de ouro.

Ouro, ouro sim e do melhor, que eu bem o conheço. Ouro de muito brilho, elle aqui está tinindo no

meu bolso. Agradecí á creança a generosa esmola e dispunha-me a partir quando notei que o ar estava toldado de ouro: era uma chuva que cahia sem descontinuar como se viesse das estrellas.

Nunca vi tanto ouro! A ambição fez-me esquecer a pequenita, mas ella me ha de perdoar, porque eu só ambiciono por ella e para ella.

Mais um momento, mais um pouco de trabalho e eu entraria em casa tão rico do que o rei mais rico d'essas terras do Oriente de que falam as historias e a minha Dolores nunca mais teria fome, nunca mais teria frio, dormiria em leito de plumas e os seus pequeninos pés, tão pequeninos que eu aconchego e aqueço, a ambos, na minha mão direita, nunca mais palmilhariam, nús, as estradas pedrentas. Aias haviam de vestil-a e perfumal-a, pentear-lhe-iam os finos cabellos doirados e, quando ella crescesse, principes, sim, principes viriam disputal-a e eu, recebendo-os no meu palacio, chamaria a minha Dolores para que escolhesse o seu noivo. Pois não é assim que faz quem tem fortuna?

Hontem, era eu um miseravel, ninguem se importava commigo, e agora? vêde que ajuntamento! Quanta gente a cercar-me! Não é a mim que cercam, é ao meu ouro.

Como vae ficar contente a minha linda Dolores! E vós tambem, se tendes filhos ou netos, podeis levar-lhes a alegria: Apanhai as preciosas pedras lapi-

dadas que ahi estão pelas ruas — verdes esmeraldas, saphiras azues, rubís côr de sangue, opalas côr de leite. Eu contento-me com o ouro.

Esperai um momento mais emquanto apanho o que aqui está junto.

Com este punhado comprarei um palacio para a minha Dolores, mandarei plantar roseiras em torno para que ella sinta o aroma agradavel das flôres e dar-lhe-ei tantas bonecas... tantas...!

Não imaginais a inveja que ella tem das outras meninas. Ainda hontem, quando sahi, deixando-a só, ella disse affagando-me o rosto com as mãosinhas geladas: «Se eu tivesse uma boneca para fazer-me companhia...»

Terá muitas, muitas! tantas quantas quizer, a minha pobre Dolores.

Agora sim — nunca mais direi «não» á minha pequenina neta. Levo ouro bastante para satisfazer-lhe todos os desejos.

Bemdictas sejam as estrellas de Deus que espalharam no ar estas estrellinhas de ouro. E quantos pobres são agora felizes! quanta creancinha a sorrir contentada!

Os vossos filhos hão de sorrir tambem quando lhes apparecerdes com tantas pedras preciosas.

Enchei os carros! Enchei os carros!

O varredor, impaciente, sorrio das palavras do velho, os outros tambem sorriram e, como a hora

avançava e era necessario fazer a limpeza da rua, entraram todos a varrer sem pena e lá foram os montes de *confetti* apezar dos protestos e dos gritos do allucinado que, de bruços, com o peito sobre a lama, defendia o ouro das estrellas, os milhões de Dolores que ficára, na vespera, a chorar de fome e que ainda o esperava com a esmola de um pão que elle sahira a pedir.

O Céu

—

Aos sabbados, á tarde — ó as longas e lentas semanas! — davam-lhe licença para descer á aldeia, ver a mãi e os irmãos e gozar o domingo.

Lá acima, ao seu degredo, chegavam por vezes, com o vento, os alegres e limpidos repiques do sino, um sino só e pequeno mas, em verdade, tão vibrante que punha toda a aldeia em alvoroço quando dançava na forca, tangido pelo Marcello.

Ouvindo o som elle ficava-se a rever os logares queridos: o largo da capella com o rio a correr perto — era sempre alli que se realizavam as feiras festivas em S. João e no Natal — a grande estrada larga e branca, com os muros de taipa dos pomares, tantas vezes galgados no tempo das fructas; o hotel do velho Mendo, sempre com gente á porta, cavallos e carros sob o telheiro: a venda do Adrião, cercada de limoeiros e um rol de casas, umas cobertas de telhas,

poucas, podia cital-as, o resto todas palhiças, na chan ou trepando pelos outeirinhos, mas fossem correl-as e haviam de achar os armarios abarrotados, as arcas bem providas; e não havia tendal de pobre onde não se encontrasse uma cabra vagarosa, d'ubres pojados e um gallo orgulhoso para cantar á alvorada.

Era assim e elle lá em cima, a soldo d'aquelle senhor tão rispido, de tão negra barba, sempre taciturno e bravio, vivendo, como os ogres das historias, n'aquelle immenso casarão trepado nas rochas, lá ao cimo da serra onde a noite chegava primeiro porque, ás vezes, já mal se distinguia nos frondosos caminhos e, embaixo ainda era claro o sol.

Só aos sabbados, á tarde, davam-lhe aquella folga mas, porque fizera Deus os domingos menores que os outros dias da semana?

Lembrou-se, uma vez, de pedir ao senhor que, em vez de o licenciar aos sabbados, lhe desse liberdade aos domingos, á tarde, porque para elle não havia dia tão longo como a segunda-feira, mas não se atrevia a fazer tal pedido áquelle homem merencoreo que nunca sorria e só, de raro em raro, a cavallo, entre cães, que eram feras, sahia á caça ou a visitar a sua riqueza, ordenando tratos ás arvores feridas pelos temporaes. Ah! vida triste!

Aos sabbados, ao soar da sineta, fechava, ás pressas, a comporta da azenha, vestia o seu grosso casaco, tomava um cajado e descia em tal corrida, sal-

tando ribeirinhos alegres, despenhando-se de rampas que, em menos de meia hora, estava na estrada larga e era um minuto até a casa onde já o esperavam os irmãos e a mãi com o sorriso e a benção.

Se levava o salario logo o entregava á mãi, sem falha de uma moeda, se não contava episodios da sua vida serrana ou ouvia, sorrindo, os casos da sua aldeia.

Num sabbado, entrando esbaforido em casa, encontrou-a cheia de gente que chorava e que cheiro de flores! e que cheiro de cêra!

Dois dos seus irmãos quietos, sentados a um canto, numa pelle de ovelha, olhavam com os olhinhos cheios de espanto e ella, a mais velha? a sua meiga Eunyce, tão sua amiga, para quem elle levava sempre alguma coisa da serra — um fructo, uma flor, um passarinho, e, ás vezes, uma pedra branca e lisa das que brilham nas aguas dos riachinhos?

Perguntou por ella. «Foi para o céu...» disseram; e a mãi, desgrenhada e pallida, rompeu num pranto mais alto, agarrando-se a elle e repetio em soluços: «Foi para o céu, meu filho!»

Elle chorou de saudade mas não lamentou a sorte da irmãzinha que lá fôra para onde as estrellas, que lá devia estar, talvez feita estrella tambem, brilhando.

Quando tornou, na madrugada da segunda-feira, á serra, subindo, a arquejar, pelos trilhos asperos, redizia aquellas palavras que ouvira: «Foi para o céu! Foi para o céu...» e, todo o dia, sentado á porta do

moinho, emquanto o milho estrallejava na tremonha e a mó rolava, triturando, elle olhava o céu, lá longe, azul, com o sol flammejando, tão alto, tão perdido... Pobresinha! como lhe devia ter custado lá chegar...

A' noite tornou á triste contemplação a ver se em alguma das estrellas podia reconhecer a irman... mas eram tantas! tantas e tão altas...

Uma tarde, ao chegar á casa, disse-lhe a mãi que, na manhan seguinte, iriam todos ao cemiterio levar flores á irman. Ao cemiterio, pensou elle... e o céu? Mal dormio; ao primeiro canto do gallo já estava acordado, mas não se levantou vendo que todos dormiam — a mãi e os pequenitos, sentindo, porém, o alvor, sahio, pé ante pé, a colher as flores frescas dos moutaes.

Foram. E o cemiterio era longe, no extremo da aldeia, achegado a um monte. Junto do muro, num recanto florido, mostrou-lhe a mãi um tumulosinho.

— E' aqui que ella dorme, disse-lhe; e elle:

— E o céu, mãi? Pois não me disse que ella foi para o ceu?

— Sim, filho, é por aqui que se vae ter ao céu. E, percebendo o espanto do moleirinho, explicou: Filho, os olhos estão encravados no rosto, mas o olhar está no céu... é assim. Ella está aqui, mas a sua alma está lá...

— E que faz ella no céu?

— Goza as venturas que Deus reserva aos seus filhos. No ceu não ha penas: não ha frio que gele, nem soalheiras que escaldem, ninguem se cança, ninguem se atormenta, tudo é paz, tudo é delicia e amor. O ceu, meu filho... e a pobre mãi suspirou.

Tornou o moleirinho á serra.

*

* *

Uma manhan, subindo, por ordem do senhor, á pedra mais alta da serra, a buscar um cabrito afoito que galgára o penedio, achou-se num plano liso, de pouca verdura, de onde, alongando os olhos, avistou toda a sua aldeia pequenina, longinqua, com as casas espalhadas, alvejando, como pedras brancas num campo.

Oh! como era funda a sua aldeia... De repente os seus olhos foram attrahidos por um grande brilho — correu a ver e achou-se á beira de um lago quieto e liso e vio por elle, como vira, uma vez, na feira, nos vidros de uma barraca terras novas, cidades ricas, o céu, o céu azul, o puro céu luminoso, lá embaixo, no fundo.

Ó deslumbramento! lá estava o céu, o lindo céu, o céu de amor de que lhe fallára a mãi. Só então

comprehendeu o que ella lhe dissera — que, deixando o corpo da pequenita na terra, elle iria ter ao céu, áquelle mesmo céu que elle via através da agua do lago fundo, azul, translucido, tão longe!

Ficou debruçado, a olhar, a mirar — um passaro passou no céu do lago...

Custava-lhe tanto a vida naquella serra, com aquelle senhor severo e o céu alli, o céu com o Bom Deus, Nossa Senhora, os santos, os anjos bons e ella, Eunyce. Por que não havia elle de ir tambem? Alli estava o caminho: era só metter-se no lago, deixar-se cahir e Deus o receberia nos braços e...

As aguas escachoaram, franziram-se em circulos; pouco a pouco, porém, foram-se remansando e, tremulo, o céu reappareceu azul no lago.

*

* *

— Que terá acontecido que até agora não vem! suspirava afflicta a pobre mãi quando se abrio a porta e um velho, de grandes barbas brancas, que era o intendente do senhor da serra, entrou pela casa taciturna e logo, com palavras tremulas, referio que o pequeno perecera no lago e, como a desventurada rom-

pesse num grande pranto o velho, para a consolar, disse-lhe com voz tremente:

— Não te desesperes, mulher, está melhor do que nós, porque está no céu...

*
* *

Moleirinho, moleirinho... quantos, como tu, se illudem com esses céus dos abysmos!

Vaïsya-Purana

—

Não julgues da vastidão de um poema pelo numero de seus versos: palavras são como folhas d'arvores — murcham, seccam e o vento leva-as, vestem apenas o tronco e protegem o fructo. O tronco, esse subsiste, se é forte, porque nelle é que reside a essencia.

Se ha puranas de milhares de versos outros ha, tão pequenos que podem caber na memoria de uma creança ou, escriptos, numa petala de lotus; nem por serem menores valem menos do que qualquer dos dezoito recolhidos pelo solitario Vyasa.

É d'esse numero o poema ingenuo de Vaïsya, o principe taciturno.

Senhor das terras ferteis que jazem á sombra do Himalaya, vertente das aguas claras, principe d'um povo meigo, Vaïsya, que passára a infancia entre ar-

vores, ouvindo a sabia doutrina de um brahmine, subio ao throno de ouro e de esmeraldas quando contava vinte e cinco annos.

Ou porque era d'alma triste ou porque a selva e o sabio lhe tivessem infiltrado nalma a melancolia, era taciturno e grave, não sorria e lentas e vagas eram as suas palavras. Sempre cercado de aulicos servís que se curvavam como os juncaes dos rios, sempre a ouvir propostas de mulheres que lhe embargavam o andar, tentando-o a amores, farto de ouvir bravatas de guerreiros e percebendo as mil perfidias que os ministros tramavam nos conselhos, ia enjoando, a mais e mais a vida e ao fausto, ao gozo, á gloria de tal corte preferia os silencios retirados onde, a sós com o seu espirito, vivesse e meditasse.

Numa dôce manhan de verão Vaïsya, estando a contemplar o ceu que a luz recamava, vio despontar o sol, louro como uma gotta d'oleo santo na superficie azul d'um lago e, de mãos juntas, prostrando-se em terra, disse:

—Brahma, tres vezes magnifico, dá-me que eu veja o berço de Indra! dá-me que eu olhe o sacratissimo casúlo que se desabotôa para libertar a borboleta diurna cujas azas de fogo, mal se desfraldam no ceu, matam a phalena pallida. Disse e, após um silencio curto, continuou baixinho: Afigurava-se-me que devia ser tão longe o berço da claridade e, todavia, tão perto fica, ainda em terras do meu dominio. Ah! se

eu pudesse vel-o! E, concentrando-se, ouvio, como num sonho, uma voz que lhe disse: Caminha!

Vaïsya ergueu-se como inspirado e seguio direito ao palacio onde a sua ausencia era commentada diversamente: pelos cortezãos com murmurios, com suspiros pelas mulheres. Mal o viram chegar curvaram-se os primeiros e, em mudez, lascivamente deitadas, mostrando-se as concubinas. Vaïsya, porém, passou por todos como um somnambulo. Subindo ao throno impoz silencio e determinou que todos se mostrassem promptos, na manhan seguinte, para uma peregrinação veneravel ao berço do sol, e, como pretendia levar offerendas, ordenou que os thesouros do reino fossem transportados no dorso dos elephantes: ouro e pedras, brocados e perfumes.

Pasmados ficaram quantos ouviram tão estranha ordem, nem um só, porém, ousou contrarial-a, e logo começaram os cornacas em serviço acaparaçonando elephantes, carregando-os de ouro e de pedrarias.

Palafreneiros atiravam ao lombo dos ginetes gualdrapas de seda, a soldadesca bem armada cavalgava pôtros árdegos e aos palanques, forrados de seda fina com largas franjas d'ouro, recolhiam-se as concubinas. Ao primeiro clarão d'alvorada, soando frautas e tambores, desfilou pela porta maior a caravana, em rumo das montanhas.

Não foi longa a jornada nem desfavorecida: dias claros, noites estrelladas protegeram a comitiva que, ao fim d'um quarto de lúa, chegou ao cimo nevado da cordilheira e parou. Vaïsya, á beira d'um fogo vivo, fez a vigilia. Instrumentos mal tangidos pelos dedos inteiriçados esparziam sons na solidão friissima, e os animaes desacostumados de tão rispido clima, fremiam tonitruosamente.

Primeiros alvores da manhan.

—Todos de pé: magos, kchatryas valentes, auletrides e cantarinas, cytharedos e bayaderas, todos de pé! Cornacas e palafreneiros, almocreves e escravos, todos de pé! Ahi vem o sol! E a fanfarra reboou atroando o silencio. Ahi vem o sol. Vejamol-o nascer, estamos á beira do seu berço! bradou Vaïsya e todos debruçaram-se sobre o abysmo esperando o astro.

Abrupta e forte uma voz arrancou-os á contemplação: — O sol!

Levantaram-se todos e, alongando os olhos, viram o sol que nascia alem! na planicie, entre palmares dourados. Vaïsya sorrio sem desanimo e, de novo, ordenou o marcha.

Cada qual cavalgou o seu ginete ou guindou-se á cabeça do elephante, cerraram-se as cortinas dos palanques, os anafés estridulos soaram e desfilou pela encosta escarpada a caravana morosa.

Novos dias, novas noites... os palmares: repouso.

Noite de vigilia e de anciedade — Primeiros raios d'alva, o sol... alem! A caminho! E la foram. Ora ficavam nos montes, ora ficavam em campos. Vadearam rios, atravessaram valles e, a troco de ceirões d'ouro, fizeram-se ao largo mar — e o sol sempre a nascer alem!

Já era diminuto o numero dos homens: uns desertavam descorçoados, outros succumbiam exhaustos. Poucos eram os animaes e, das mulheres, a maior parte ficara nos caminhos, morta. Raros homens seguiam de boamente o principe, descalços, famintos, com andrajos apodrecidos. Quantos annos correram!

Na corte ninguem mais cuidava rever o principe, já o tinham por morto, e o povo, como ignorava o rumo que levara e o fim da expedição, dizia pelos mercados: que fora combater e conquistar thesouros e ficára espetado em lanças inimigas.

Outro principe reinava quando atravessou a porta maior, mais roto e pobre que o mais vil dos párias, um peregrino envelhecido e alquebrado. Cançado, parou no viso d'um outeiro repousando sobre a fresca relva.

Era quasi manhan quando se lhe abriram os olhos: o sol nascia e justamente levantava-se dentre as frondosas arvores do parque que fôra, outr'ora, do principe Vaïsya.

D'olhos immensamente abertos e fitos no astro o peregrino empallidecia. Quiz erguer-se, não lhe sobraram forças, os olhos fundos inundaram-se-lhe de lagrimas e, no esplendor da manhan, poz-se a soluçar, dizendo:

—Brahma! como a luz me illudio. Andei a vida inteira a procurar o berço do sol, o mundo está semeado d'ossos dos que me seguiram e, na hora da morte, miseravel, desilludido, vejo o meu grande erro —o sol nasce no parque do meu antigo paço, entre os palmares que fazem sombra aos tumulos dos meus maiores. Brahma! porque me deixaste partir.

E mais não disse—d'olhos abertos e opacos voltados para o sol que subia, ficou estendido, immovel, na terra do outeiro.

A Voz das Pedras

—

Aspero, todo erriçado de rochas, o sólo esteril forrado de pedregulho, sem a grata folhagem de uma arvore, só com hirtas spathas de seccos e amarellos agaves, o sitio lugubre atroava com o retumbar das aguas estrondosas d'um rapido que espumava, refervendo em cachões, no fundo da grota d'onde subia uma aureola de névoa na qual o sol recurvava um iris deslumbrante.

As mesmas aguias impavidas fugiam, a largo vôo, d'aquella paragem de pavor, só os morcegos e os môchos viviam em lócas: uns oscillando pendurados pelas azas ás arestas das pedras, outros immoveis, d'olhos muito abertos, como emblemas de tristeza pousados no fundo lapidar das cavas.

Tal era o sitio funerario de onde, todas as tardes, subiam os brados melancolicos que assombravam os pastores e faziam uivar os rafeiros assustados.

Desde que o sol começava a pender para as serras ninguem ousava passar nas immediações d'aquelle logar sinistro. O mesmo gado, ao soarem Trindades, descia atropelladamente, fugindo á beira do valle soturno, a mugir, a balar como assombrado d'algo que vira.

Cada qual narrava um caso e, nas cabanas, ao luzir do fogo, falava-se baixinho do encanto do valle.

Tão diversas fabulas narravam os homens timidos, que eu quiz conhecer a verdade e resolvi descer afoitamente ao valle. Offertas que fiz aos rusticos para que me acompanhassem foram todas rejeitadas, e não houve uma voz que animasse o meu desejo, todas vinham enfraquecel-o com presagios de morte: «Que ides buscar, senhor? Não vos queiraes medir com o que é do inferno. Se fiaes das armas é porque não conheceis o inimigo — não ha ferro que o penetre, nem bala que lhe faça móssa».

Deixei as palavras medrosas e, attendendo á minha resolução, parti.

*
* *

Seguindo a trilha sinuosa que abre, através da floresta, uma passagem sombria, ouvindo os pios das aves recolhidas, gozando o arôma das flores entreaber-

tas, antes mesmo de chegar á rampa alcantilada ouvi a voz do encanto a gemer no silencio da tarde livida.

Detive-me irresoluto mas, violentando a coragem, prosegui e, deixando as ultimas arvores, dei com a gróta, tão negra que a noite parecia nella condensar-se subindo e espalhando-se nos ares como um fumo espesso.

Uma voz proferia; prestei o ouvido ao clamor e logo distingui um nome de mulher. Abeirando-me da rampa abrupta, inclinando-me agarrado aos pendidos ramos, pude ver, pude ouvir.

Parado no fundo da gróta um moço bradava. Era um rapaz de herdade que eu sempre tivera por idiota ao vel-o, no campo, falando ás arvores e aos passarinhos, beijando as flores ou, de pé, á beira do riacho, chorando sobre as aguas. Perdera a noiva, disseram-me, e vivia a recordal-a percorrendo os seus logares preferidos, acariciando as flores e as arvores que ella mais quizera e pedindo aos passaros, que andam nos ares, que levassem as suas saudades ao Paraiso.

Era elle... Pobre duende amoroso! Reconhecendo-o logo resolvi descer e lá fui, resvalando pela ribanceira, até o fundo da gróta pedregosa.

O moço bradava e o écho respondia. Cheguei-me ao triste e, tirando-o do enlevo em que jazia, interroguei-o:

— Que fazeis?

— Ouço-lhe a voz. Todas as tardes com o silencio,

desço ao valle, reclamo da morte o espirito de minha amada, e interrogo-o para convencer-me de que ainda me não esqueceu e tambem para não deixar que se desvaneça a lembrança do que juramos. Ella era ainda uma louquinha, quando morreu — sorria a todos... e lá em cima ha tantos jovens formosos que se foram da terra no melhor dos annos... Quereis ouvil-a? e o misero bradou o doce nome e logo o valle atroou soturno.

— Mas, são as pedras que vos respondem, disse eu; é o écho que torna aos vossos ouvidos em som, que é o que ha de material na palavra, o espirito, que é a idéa, desapparece no ar. Não é a vossa amada que vos responde, são as rochas do valle que reflectem os vossos brados. Se quereis convencer-vos deixai-me chamar a vossa amada e ella me responderá. E bradei; e as pedras retumbaram. O moço fitou-me pallido e assombrado. De novo bradei, de novo o écho repetio o meu brado. Então? fitei nelle os olhos — o misero chorava e, por entre soluços, disse-me:

— Vieste matar a illusão da minh'alma. Eu vivia por ella, chorando e bemdizendo a sua morte porque, se sinto a falta do seu rosto formoso não a vejo sorrir aos outros como sorria e agora que o tumulo a conserva presa, certa de que era só minha, ainda a encontro voluvel como era em vida, respondendo a todos como a todos respondia. Ai! de mim, ai! de mim!

— Mas são as pedras que respondem.

—As pedras... e seria tambem de pedra o seu coração para que a todos respondesse? A quantos jurou ella amor? a quantos! Nem a morte a corrigio. Ella aqui jaz enterrada e do fundo da cova responde com a mesma facilidade com que attendia ao appello dos moços que iam encontral-a, sorrindo, junto á sébe florida do seu jardim.

Não são as pedras que respondem, é o seu proprio coração que fala. Ella foi sempre voluvel! Ella foi sempre voluvel!... E o misero rompeu a soluçar tão alto que as pedras, talvez com pena, soluçaram com elle.

Oh! a voz da mulher ingrata é como a dos valles concavos. Que ha nos valles vasios? a bruma ephemera que se desfaz igual ás juras dos corações voluveis.

Escondei-vos, namorados, e mandai que outro invoque o amor de vossa amada mas, fugi em tempo para não terdes o desengano. Ai! de mim...

E eis como eu descobri o encanto e desfiz o assombro do valle triste...

Hoje só ha um homem que foge ao logar sinistro, é o louco enamorado que lá não volta, porque, como se tornou o caso conhecido, o rapazio do lagarejo ajunta-se no valle e brada pela morta infiel e a todos as pedras respondem... O misero, de longe, chora, ouvindo o clamor e...

Quantos corações são feitos d'aquellas pedras...

O eremita

No tempo das grandes e piedosas austeridades, quando os santos homens, fugindo aos vicios e ás seducções do seculo, despojando-se de todos os bens, cortavam um cajado e, com abarcas de cortiça, um grosso burel cingido ao corpo, a governita á ilharga, deixavam, sem voltar os olhos, o esplendor das cidades, o deserto fervilhava de penitentes.

Havia os cenobitas que, com pedras e adobe, levantavam mosteiros na fresca e murmurante visinhança d'um claro rio ou perto d'uma cisterna fundamente cavada nas areias, entre cardos hirtos, e alternando as horas de oração com as de trabalho, cantavam louvores ao Senhor e cultivavam a almoinha monastica. Terminada a colheita moiam o grão, espadellavam o linho, cardavam a lan, trançavam esteiras e alcofas ou teciam os pannos preciosos que vendiam aos alegres mercadores de Chalcida ou de Apaméa.

Mais adiante estanceiavam os chamados *reclusos* que viviam, aos dois e aos tres, em cellas estreitas que eram como fornalhas no estio e que gelavam quando os cimos do Libano rebrilhavam nevados, sem sujeição a regras, praticando, com rigor, a penitencia e interpretando os sagrados textos.

Para o oeste, em regiões seccas de collinas petreas onde, ao sol causticante, só espinhaes medravam escondendo viboras, as cavernas fervilhantes de escorpiões cujas ferroadas eram mortaes como as feridas feitas pelas flechas dos beduinos, serviam de guarida aos anachoretas.

Os sarracenos rapaces, que cruzavam aquellas solidões acamaradados para o assalto ás caravanas que demandavam as alegres cidades da orla do mar, não ousavam subir a tão remótos retiros onde tudo era braveza e miseria e, á noite, ao ladrido dos chacaes errantes, cujas pupillas allumiavam como brazas, aos sibillos das serpentes monstruosas, ao fremito dos leões, casavam-se as vozes que partiam do ambito das lapas, contentes ou desesperadas, vozes dos eremitas que eram visitados por visões beatas ou que eram perseguidos por tentações demoniacas e, extasiados ou flagellando-se, enchiam a noite tremenda com louvores e gritos.

Mais longe, emfim, correndo as montanhas inhospitas, vestidos de grossas cortiças que lhes davam o aspecto estranho de rugosos troncos erradios, com os

cabellos e a barba voando aos ventos tragicos, as unhas crescidas, retorcidas á maneira de raizes, vagavam os chamados *pastantes*, monges que viviam como alimarias, comendo as hervas da terra, bebendo de bruços nas fontes, dormindo nas arvores como os hamadryas, cantando o esplendor d'alvorada como revelação radiante da omnipotencia divina ou tremendo ao estrondar dos trovões que eram como a expressão ameaçadora da ira do Senhor. N'esse tempo os milagres eram frequentes.

Innumeros peregrinos procuravam os mosteiros e, diante dos monges, ajoelhados, com lagrimas, desnudavam os corpos expondo as fundas e sangrentas cicatrizes dos flagicios ou deformidades repugnantes. Muitos tornavam consolados e curados, alguns, porém, ou porque não fossem com a necessaria fé ou porque fallecesse poder aos eremitas para allivial-os dos males, voltavam desilludidos, gemendo as mesmas dores, supporando a mesma sanie.

Um dia, porém, propalou-se rapida a noticia de que um dos anachoretas, que vivia enfurnado num antro, entre animaes que a sua virtude domára, tornando-os, de ferozes que eram, mansos e prestativos, realizava maravilhas — exorcisando energumenos, sarando cégos e leprosos, reverdecendo campos restolhados, tirando mananciaes das penhas e mesmo resuscitando mortos.

Logo encaminhou-se para a jazida do religioso nu-

merosa corrente de peregrinos e, quantos lá chegavam gemendo, tantos voltavam apregoando a sua alta virtude. Foram tantos e taes os milagres do santo que o deserto maninho e lugubre se foi, aos poucos, tornando murmurejante, com o crescer de aldeias e o verdejar de culturas.

Era o santo d'uma pequena e obscura cidade que a peste periodicamente devastava. Sabendo dos prodigios que operava mandaram-lhe os seus conterraneos uma commissão a pedir-lhe que, com as suas rezas, obtivesse de Deus o saneamento da terra que lhe fôra berço e o monge, prostrando-se com o rosto no pedregulho, assim esteve, como morto, tres dias e tres noites e, quando se levantou, illuminado e feliz, despedio os que o cercavam, dizendo-lhes — que tornassem tranquillos aos seus lares, porque nunca mais a peste levaria lucto á cidade. E assim foi.

Vendo que Deus nada negava ao santo quizeram os seus conterraneos possuil-o certos de que, com a sua presença, não só veriam as molestias conjuradas como sempre teriam abundancia nos campos que elle abençoasse só com passar por elles. Assim, tomando carinhosamente o casal de velhinhos que bemdizia aquelle filho, foram com elle ao tenebroso antro do deserto buscar, em triumpho, o milagroso anachoreta.

Preparou-se a cidade para recebel-o: Ornaram-se festivamente as casas, juncaram-se as ruas de espadanas e, ao encontro do thaumaturgo, sahiram bandos

jocundos de moços e de raparigas com flores e alegres doçainas e, com rumorosos trebelhos encontraram, a pouco andar da cidade, o humilde eremita, que vinha com o seu rosario de contas gastas, o seu burel remendado e as suas sylvestres abarcas de cortiça.

Mal o viram em tão abatida miseria logo, na turba, alguns entraram a sorrir: «Quê? Pois era aquelle esfarrapado mendigo que afugentava a peste? Pois era aquelle o homem que tornava ferteis os terrenos mais sáfaros, que restituia a vista aos cegos, a voz aos mudos e despertava os mortos no fundo dos gelados tumulos?»

Acolheu-se o santo á casa paterna e logo se vio cercado pela gente da terra que o apertava com pedidos e supplicas. Um queria saude, queria outro que o seu vageiro produzisse; este reclamava o gado que perdêra, aquelle, com macias palavras, queixava-se do pouco que lhe davam o vinhedo e o olival e succediam-se as requestas e elle, com paciencia, a todas attendia deferindo-as, com a ajuda de Deus, até que chegou um homem rude da serra, a quem havia morrido uma gorda novilha, rogando, com lagrimas de avaro, que lh'a restituisse.

Inclinou-se o santo á piedade e resou mas o Senhor, talvez mesmo para mostrar-lhe o fundo do coração ambicioso e ingrato dos homens, negou-se a attendel-o.

Foi o bastante para que o dono da juvenca entrasse

a bradar que o eremita não passava de um impostor. «Como podia elle conjurar as pestes, dar vigor aos campos, resuscitar os mortos se não tinha prestigio para chamar á vida uma gorda novilha?»

E logo, por toda a cidade, nas casas e nos bazares, nas praças e nos mercados, nos campos e á beira do mar todos concordaram com o homem, affirmando, sem lembrança dos bens que haviam recebido —«que o santo não passava de um impostor»: e riam-se da sua pobreza e das suas feições ascéticas.

Chegando-lhe aos ouvidos as murmurações ingratas uma manhan, antes de nascer o sol, vestindo o burel, calçando as abarcas e empunhando o cajado o santo entreabrio devagarinho a porta da casa paterna e ia sahindo, a fugir, quando os velhinhos, que o sentiram de pé, correram a tomar-lhe o passo:

—Pois quê! queres deixar-nos, filho? Agora que, de novo, nos acostumaste com a tua presença queres que voltemos tristemente aos dias de solidão e de saudade?

—Não, pais: é preciso. Volto á minha caverna. De longe, com as minhas orações, farei quanto Deus quizer pela terra em que nasci e não me arrependerei porque não verei os ingratos e os descontentes. Sois testemunhas do muito que tenho feito, com a graça do Senhor, pois bem—só porque não restitui a vida a uma novilha anda o seu dono a murmurar contra mim e muitos dos que me devem a saúde e a fortuna

repetem as suas palavras e apupam-me quando me veem, achando que valho tanto como o pelotiqueiro que empalma e sonega sob as dobras da tunica os objectos que lhe offerecem.

Volto á minha caverna. Os que fazem milagres devem viver na solidão, cercados de mysterio — o mesmo Deus, se tornasse ao mundo, seria de novo sacrificado. De longe serei amado, adorado, talvez, e ninguem rirá do meu burel nem das minhas abarcas. sentirão apenas os beneficios das minhas orações, imaginando-me um ser superior, differente dos homens. Volto á minha caverna — lá continuarei a ser o santo misericordioso e patrocinarei, com as minhas preces, a terra em que nasci e aqui, confundido com os homens, nem posso rezar com calma e não passo de um mendigo que nem possue um burel decente para cobrir o corpo. Adeus, abençoae-me e deixae-me partir.

E, tomando o cajado, lá foi, por veredas escusas, caminho do deserto, sem voltar os olhos para a cidade que começava a acordar á luz da madrugada.

O poeta Feridun

—

Foi ao cerrar d'uma tarde feliz, á hora, já quieta, em que se calam as cigarras e as aguas começam a cantar maís alto, que Feridun, sentado nas ruinas alegres d'uma velhissima mesquita, todas recobertas de silvas floridas, compondo enlevadamente uma canção, sentio a morte avisinhar-se.

Feridun, cujo nome tanta vez retumbara, acclamado por mil boccas, entre as altas penhas de Okhad, o valle da reunião, não tivera na vida outras alegrias senão as dos ephemeros triumphos alcançados sobre os poetas rivaes nas luctas da inspiração, celebrando as mulheres do deserto, as lanças dos cavalleiros ou a graça magnifica de Allah, sempre generoso.

Fora-lhe o amor esquivo, o seu aba era todo andrajos, nunca gosara a delicia molle do repouso em leito macio nem o agazalho em moradia propria, não de luxo, como as dos emires, mas um pobre e aca-

nhado casebre, de adobe e colmo, entre tamareiras, ao pé d'uma cisterna ou d'uma fonte.

Quantas vezes, com fome e sêde, arrepanhando o manto esfarrapado, dormira na herva dos campos, aquecido pela respiração cheirosa das ovelhas! Quanta vez se alugara por uma moeda para servir de guia ás caravanas que subiam em direcção ás fundas cidades do deserto!

Muito era para a sua fortuna mesquinha encontrar, nos oasis, espalhados pelas sombras gratas, os homens armados d'uma algára ou uma comitiva de mercadores de balsamo que, a troco dos seus cantares, lhe matavam a fome com um punhado de tamaras.

Não havia homem mais desventurado.

Elle compunha as estancias finaes d'uma canção que lhe pedira Aïka, moça morena, pastora de gazellas. Compunha enlevadamente as ultimas estancias quando Azrael sombrio pairou sobre elle, abrindo largamente as suas azas funebres.

Feridun não poude concluir o canto porque a voz se lhe travou na garganta e o seu corpo alli ficou entre as ruinas, sobre as flores das silvas, inerte, esfriando ao orvalho, nos andrajos do aba.

O seu espirito demorou-se algum tempo errando em torno d'aquelle despojo miseravel, como uma abelha afflicta que esvoaça em volta do panal partido, e errava quando um anjo do Senhor, lindo mancebo d'olhos claros e todo cercado d'um esplendor que ardia,

baixou, num vôo sereno, como a nevoa lenta que desce ao cahir da noite sobre as pomas dos outeiros, e, tomando nos braços a alma do poeta, lá se elevou com ella, remontando aos ares, caminho do Paraiso.

A viagem durou tanto como dura um somno e a alma de Feridun acordou na côrte alta e eterna.

Era uma immensa, radiante, incomparavel cidade bem plantada e bem regada. A cor da folhagem das arvores tirava ao puro e refulgente verde das esmeraldas e a areia que forrava e amaciava os caminhos era d'ouro e de diamante e faiscava á claridade. Fontes irisadas sussurravam e, em fios limpidos e mansos, innumeros arroios serpeavam.

Mulheres, d'uma ardente belleza, perfeitas na graça esbelta das formas ondulantes, envoltas em finas gazes, em festiva farandula, dançavam ligeiras sobre os campos florídos e as compridas pontas das suas tunicas leves, alvas, fluídas como neblinas, seguiam-nas desfraldadas, caracolando alegres.

O ar, azulado e tepido, rescendia; por toda a parte soavam musicas e vozes em harmonioso e encantado concerto.

A alma de Feridun tremia de enlevo ouvindo os reclamos das mulheres que a disputavam, seguindo-a em chusma, mas o anjo sereno num vôo mais forte, deixou-as perdidas e chegou aos pés do throno esplendido em que assistia o Creador do Todo.

A alma de Feridun encolheu-se tomada de terror

sagrado, unindo-se muito estreitamente ao anjo como a creancinha assustada que se retrahe estarrecida e muda no collo maternal.

Então, como se milhares d'harpas vibrassem, um largo e suave accorde passou no divino silencio e a voz de Allah resoou, vagarosa e magnifica:

—Feridun, sê bem vindo. Foste na terra como a flôr que perfuma os ares e murcha e morre na tristeza do pantano. Cantaste a natureza, alliviaste as penas dos homens e louvaste, em versos eternos, a minha Perfeição. Nunca desejaste com inveja nem jámais te insurgiste contra a minha equidade—bemdizias o raio do sol e bemdizias o flocco de neve, foste justo, foste puro e honraste o teu Deus. O teu soffrimento foi grande, a tua humilhação foi extrema para que gozasses com mais prazer a gloria e as delicias da Bemaventurança. Contempla e deseja e logo será cumprido o teu desejo.

E a alma de Feridun ergueu-se nos braços do anjo e vio vir, ao desabrido galope de milhares de ginetes claros que levantavam uma poeira luminosa, um glorioso exercito á cuja frente, com um pendão hasteado, lindo moço, de nobre figura, vestido de seda e ouro, acclamava Feridun como scheik da hoste.

E a alma do poeta, num extase quieto, nem parecia ouvir a estropeada atroante dos corseis que desfilavam.

Ainda não cahira a poeira rutila que a cavalgada

levantara quando rompeu, ao som de musicas, uma admiravel theoria de virgens e languidas, rasgando as finas vestes, núas, prostraram-se ante o anjo impassivel... E a alma de Feridun continuava extasiada.

Os ares longinquos abrumavam-se com a chegada de outras imprevistas maravilhas, quando Allah falou magnanimo:

— Deseja, Feridun, e tudo te será concedido. Tiveste a força que vence e tiveste a belleza que enerva e não tardam outros dons que te destino. Deseja e logo serás attendido.

Então a alma do poeta levantou-se nas braços do anjo e assim falou humildemente:

— Senhor, eu quizera tornar ao corpo que deixei nas ruinas para completar a estancia derradeira da canção de amor que a morte interrompeu.

— Queres voltar ao soffrimento! exclamou o Senhor compadecido. E o poeta respondeu sorrindo:

— Allah, a canção é bella, ha de agradar á Aïka e ella sorrirá quando a ouvir nas tendas cantada pelos moços do deserto e eu terei na terra os louvores dos homens.

E a alma de Feridun voltou ao corpo gelado que jazia estendido entre as silvas das ruinas.

A Morte

Em verdade, irmão Chrispo, o mundo tem os seus regalos. Não ha nada mais doce do que sahir com a aragem da manhan, quando o céu se vai distingindo da noite, e passear entre as frescas hervas, ouvindo os passaros do Senhor, sentindo o aroma das rosas. Eu, que tudo plantei nesta leira, desde a arvore que nos abraça com a sua sombra até as alfaces que nos deram o caldo, tenho por ella tal amor que já me tem levado a commetter crimes bem negros.

Lembro-me de haver passado toda uma manhan de guarda áquella figueira, a sacudir um ramo para afugentar os gulosos passarinhos e ainda cumpro a penitencia que me impuz por haver esmagado aos pés, com furia, uma lagarta que me roia as alfaces.

São animaes do bom Deus, têm tanto direito á vida como nós e, se vamos ao bosque detorar as arvores para que nos dêem lume, se recolhemos a verdura

que nasce, se tomamos na celha a agua que corre, por que nos havemos de revoltar, com tanta ferocidade, contra os que vivem como nós vivemos? Mas a gente apéga-se a estas coisas precarias como o avarento se aferra ao seu thesouro de moedas. E' quasi o mesmo peccado.

— Tambem eu tenho culpas, irmão Honorio, culpas e grandes que me fazem tremer. A vinha que plantei no meu terreno cresceu, alastrou com viço tão prodigioso que cheguei a pensar em um milagre, e mais d'uma vez, de pura alegria, olhando aquelles sarmentos e aquelles pampanos, ajoelhei-me louvando o Senhor que nem esquece a planta na sua misericordia.

No tempo da carga é um gosto vel-a, toda verde, com os seus cachos pyramidaes oscillando e vergando a cepa, tão doces que o assucar se vai crystallisando nos engaços, á medida que o caldo escorre; e as abelhas põem-lhes tal cerco e os passarinhos dão-lhes em cima com tanta gana que eu tambem, como tu, meu irmão, por mais de uma vez tenho interrompido a oração para sahir, aos brados, sacudindo varas, a enxotar os bichinhos.

Mas o que mais me tortura — porque ainda não me julgo limpo de tamanha culpa — é o arranco que tive no anno passado, anno rico, de fartura e de sabor: os melhores fructos que tenho provado neste refugio e os melhores legumes foram os que elle nos deu...

—Anno de muito peccado, irmão.

—Nesse anno funesto tive eu o primeiro assomo de ira e não estou longe de o attribuir a traças subtis com que o demonio nos arrasta ao peccado.

Estava eu a folhear uns manuscriptos que me foram legados pelo beato Angelo, quando ouvi o piar d'um passaro, lá para os lados da vinha. Logo, assustado, levantei os olhos e descobri o furtador, que saltava por entre as folhas, lépido e cantando. Bradei, um grande brado que atroou—o passarinho bateu azas, assustado. Tornei á leitura, mas o meu espirito estava longe, a rondar a vinha, e, assim, não lhe foi difficil descobrir o esperto passarinho que tornara. De novo bradei, mas as uvas eram tão doces, a folhagem era tão espessa, que o animalzinho lá se deixou ficar. Levantei-me de rebentina, tomei um calhão e, tão desastradamente o lancei, que a ave, colhendo as azas, rolou por entre as folhas e cahio no chão palpitando, com um fio de sangue a escorrer-lhe do biquinho aberto, e alli expirou, a meus olhos. Ah! meu irmão, a dôr que eu tive!

A' tarde, indo á cisterna, junto á qual ha uma grande arvore, ouvi tão triste piar entre os ramos que levantei a cabeça e, guiado pelos queixumes, descobri um ninho e logo um presentimento me disse que as avesitas que alli choravam eram filhas da que eu matára. Para convencer-me deixei-me ficar sob a ramada, a ver se chegavam os paes dos pobresinhos.

Desenrolaram-se no ar calado as nevoas finas da tarde, a brisa refrescou e as estrellas nasceram annunciando a noite e, entre os ramos, cresceu, mais afflicto, o lamento dos passarinhos. Então, apezar da minha fraqueza, difficilmente e com risco, me fui guindando pelos galhos até que alcancei o ninho e, como se colhe um fructo delicado, assim o desprendi do ramo.

Recolhi com elle — no fundo, entre molles achegas, tres implumes piavam, escancaravam os bicos, com os cotos das azas tremendo.

Ai! de mim, irmão Honorio... que dôr funda me alanceou o coração arrependido! As lagrimas saltaram-me dos olhos, mas pensando em salvar os pobresinhos que a minha ambição orphanára, corri ao corveiro a ordenhar a cabra e, ajuntando ao leite flor de farinha, fiz uma papa com que fui alimentando os pequenitos.

Durante um mez foi essa a minha penitencia e só me senti alliviado quando os vi voando e chilreando, e com que alegria os segui ao vinhal e os vi debicar as moscateis mais gordas.

Onde andarão elles? por esses ares, por esses bosques... talvez tecendo um ninho. Nesse tempo, meu irmão, o meu terror era grande — eu só pensava na morte e, cingindo mais fundamente o cilicio, e pedindo mais frio e dureza ás lages em que me deitava, e minguando, a mais e mais, as minhas rações, eu tremia com a idéa de morrer em peccado e pedia, com ancia,

a vida trabalhosa, não pelo gozo de viver, mas para expurgar-me da culpa infame em que cahira.

Ah! a morte... a morte, meu irmão...! Deus que me perdôe o pensamento, mas como seria bom se recebessemos um aviso misericordioso prevenindo-nos do dia tremendo. Vagarosamente nos iriamos preparando, para o transe, com orações e jejuns, catando d'alma, uma a uma, todas as culpas, apagando todos os pensamentos máos e, com o espirito puro e leve, bem sacudido dos peccados, deixariamos tranquillamente o mundo, como quem se apercebe para uma longa, difficil e arriscada jornada, dispondo tudo com segurança, acautelando-se contra todas as sorprezas do tempo e dos caminhos agrestes e mal corridos, para vencer a fome e a sêde, os sóes e as neves, as féras e os assaltos dos assassinos.

— Sim, seria, talvez, melhor do que é, mas não commentemos a ordem que Deus poz no mundo: Elle, que assim pensou e decidio, foi porque assim lhe pareceu que estava bem. Chrispo, porém, calando um pensamento, meneou a cabeça toda branca, suspirando como a desopprimir-se.

Já a tarde esfriava nublada quando elle tomou o cajado e partio.

A sua cabana ficava á meia encosta d'um outeirinho, dentro d'um airoso bosque de palmeiras que uma fresca fonte alegrava. Honorio, de tempos a tempos, ia até lá cima resolver alguma duvida theologica, es-

clarecer um ponto dos sagrados livros, ou algum dos anachoretas que descera aos mosteiros, de volta ás suas solidões, sorprehendido pela noite, temerosa em tão ermas paragens, batia á cancella pedindo guarida.

Ia o eremita embebido na belleza da paizagem quieta e toda dourada pelos ultimos clarões do sol, louvando intimamente o Senhor, que sempre punha um novo encanto na terra e no ceu, áquella hora de melancholia, quando, já no caminho da cabana, pisando as folhas que forravam a trilha solitaria, avistou um mancebo airoso, de rara belleza, que jazia sentado em uma pedra musgosa.

Um passaro cantava de ramo a ramo e a aguasinha da fonte, derivando em corrego, viva e alegre, fugia, com um murmurio de falas cochichadas, por entre as hervas finas, que se inclinavam, como para ouvil-a.

Chrispo parou um momento, enleado, admirando o estrangeiro, tão entretido a ouvir o canto do passarinho, que não lhe sentira o rumor dos passos na secca e acamada folhagem, que estrallejava como ramalho ao fogo.

De olhos fitos e todo arripiado de emoção, o solitario ficou como de pedra ao descobrir as grandes azas que o peregrino colhera, como para occultar a sua natureza etherea, e lembrou-se da edade de plena graça, das terras abençoadas do paiz chaldeu, quando, ás ultimas luzes da tarde, os pastores sentados á beira

das tendas, calavam-se, tomados de espanto, vendo pousar no cimo dos outeiros entre as ovelhas deitadas, moços alados, que traziam mensagens do ceu aos patriarchas. Então, com immensa e devota humildade, Chrispo inclinou-se e murmurou de mãos postas:

— Bemdito seja sempre o santo nome de Deus. E o anjo, voltando-se e illuminando-o com o olhar, mais azul e mais claro do que o ceu de verão, saudou-o docemente:

— Seja a paz do Senhor comtigo, Chrispo.

Chrispo ficou tolhido de vexame, sentindo toda e sua miseria: a nudez da cabana, a dureza do catre de palha e ripas, o grosseiro cánhamo dos lençóes, tão asperos como as urzes que os sóes reseccam nos cerros; mas o anjo, como se lesse no seu pensamento, a pretexto da friagem da tarde e da fome que trazia, pedio-lhe agasalho e ceia, e adiantando-se graciosamente para a horta, elle mesmo colheu as alfaces mais tenras, rorejou-as na fonte, e encaminhou-se para a cabana. Seguio-o o eremita e, em poucos minutos, ardia um fogo alegre e o caldeirão fumegava com um referver gorgolejante.

A lua subia, grande e pallida, e, de longe, dos areaes desertos, vinha o rebusno dos onagros que cabriolavam.

Depois da ceia, que foi lauta — duas vezes o anjo estendeu a escudella reclamando nova ração de legumes — Chrispo, pondo-se de joelhos, agradeceu a gra-

ça magnifica d'aquella visita e o anjo disse-lhe com serenidade:

— E ha que agradecer. Não foi sem motivo que vim ao teu eremiterio amavel: trago-te um recado de Deus e consiste em dizer-te, para tua satisfação, que tens um anno justo de vida.

— Não ha meia hora ainda que pensei em tal...

— Ha meia hora que te espero, sentado sob os ramos da cerejeira, ouvindo cantar um passaro e vendo correr, por entre as hervas, a agua clara da fonte. D'hoje a um anno, nesta mesma hora da tarde, passarás da vida á morte, sem agonia e sem peccado se te mantiveres em graça diante de Deus.

— Ai! de mim, suspirou o eremita, rojando-se com a face na terra, aos pés do anjo... Ai! de mim, que tão pouco tenho feito e tanto recebo de Deus em misericordias, disse; e as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos e, chorando clamava contra os gozos que ainda fruia: aquellas arvores que lhe acenavam com os ramos fartos, aquellas aguas tão puras, aquelle asylo de tanto conforto e, ainda um leito de ramos cheirosos, quando havia pobres, famintos e maltrapilhos que, no rigor das neves, nem achavam um palheiro onde se escondessem...

Clamava em vozes altas, quando ouvio um forte bater d'azas — levantou a cabeça: a cabana estava deserta — correu á porta, ergueu os olhos e vio, entre as radiantes estrellas, um clarão que fugia aladamente, resplandecendo.

*

* *

Nessa mesma noite Chrispo, que sempre resava um longo rosario, mais de uma vez reteve as contas entre os dedos, a pensar nas palavras do anjo. «Ao cabo d'um anno, áquella hora quieta, elle alli estaria hirto, estirado no chão...» E olhava a sua sombra estendida na terra a tremer com o tremor da lampada, como se a idéa de morte tambem lhe causasse pavor. E elle, que tinha as carnes vincadas das flagellações, que passava magramente a hervas cozidas, que dormia em duro grabato, que tiritava de frio, só; elle que nunca conhecera o gozo, sentia saudade da vida e das dores, mesmo do medo que, muitas vezes, noite alta, o tolhia quando, no zoar do vento, passavam fremitos de feras ou, em torno da fragil cabana, animaes galopavam surdamente ou detinham-se bufando na soleira, arranhando a porta, que ringia.

Não poude conciliar o somno. Sahio ao horto, alvo á luz do luar e nunca lhe pareceu de tanta belleza aquelle retiro e que lindo era o céu e que aroma nos ares puros! Ficou-se a pensar no recado divino...

Era preciso forrar-se contra as tentações, preparar-se para o transe, pôr-se em virtude perfeita e cuidando, imaginando, sem sentir as horas, atravessava semanas esquecendo penitencias e orações, errando pe-

los caminhos, parando attonito á sombra das arvores, contando os dias, marcando-os em entalhes fundos nos troncos das arvores, com os seixos das fontes e com folhas seccas que ia pregando pelas paredes... E os dias passavam: as penitencias accumulavam-se tão adiadas iam ficando e o horto, abandonado, cobria-se de hervas damninhas.

Uma manhan, em grande desespero, desceu á choça de Honorio: encontrou-o tranquillo, a cantar, limpando a azequia da sua horta. Logo ao dar com elle — tão demudado estava — Honorio estremeceu: o aspecto de Chrispo era o de um energumeno: os olhos queimavam de incendidos, rugas fundas sulcavam-lhe a fronte e as faces, um tremor sacudia-lhe todo o corpo esqueletico.

— Que afflicção assim vos transformou, irmão? indagou em sobresalto o manso eremita. Chrispo deixou-se cahir em um banco rustico e grossas lagrimas subiram-lhe em borbotões aos olhos e foi por entre lagrimas que elle narrou o caso d'aquella tarde de belleza e doçura — a visita do anjo portador do recado divino...

Ah! os cuidados em que, desde então, andava: só a pensar naquelle momento espantoso que vinha tão perto e que elle esperava, impotente como um crucificado que visse vir nos ares, faminto, um abutre d'arremettida cruel ao seu corpo indefezo.

Todo o seu pensamento se fixava na morte: tudo esquecera — a herva crescia avassallando a cultura, a

agua da fonte, dantes limpida e corrente, rebalsava-se em atascadeiros cobertos de folhas que apodreciam e a sua alma ia-se tambem tornando como o campo, bravia e agreste, porque não rezava, não lia, nem mais exercitava as penitencias, tão regulares antigamente. «E' que eu sei o dia da minha morte e isso, irmão, tolhe-me para tudo mais...»

—Que vos disse eu, irmão Chrispo? Quizeste entrar nos arcanos de Deus e elle vol-os mostrou. Tudo está bem como está—não queiramos andar adiante dos minutos, contentemo-nos com os horizontes porque até lá chegam os nossos olhos, não varejemos o que se nos occulta. Eu sou feliz e sei eu, por acaso, se ouvirei, até o fim, o canto d'esta cigarra que nos alegra? não sei... e morreria docemente com a impressão de o ter ouvido. O melhor da vida é o mysterio e o unico bem da morte é o imprevisto. Tendes o segredo de Deus, fazei-vos agora digno do seu perdão porque, a meu ver, peccaste iniquamente. E é tudo quanto vos posso dizer...

—E' tudo!

—E' tudo... Chrispo inclinou a cabeça e ficou pensativo a arquejar tão anciadamente que o burel zimbrava no seu peito cavado.

Era o tempo em que os ninhos despedem as novas gerações e, por todos os ramos, vozes ensaiavam-se em pios respondendo aos reclamos gazis que nas frondes altas trinavam.

Chrispo encaminhou-se vagarosamente para a cancella, abrio-a, sahio ao caminho e foi-se, sem voltar a cabeça, desapparecendo na estrada de saibro, que ardia e faiscava ao sol áquella hora abrazada do meio dia.

Honorio sentio, então, uma intensa piedade pelo companheiro e, ajoelhando-se na terra fofa, preparada para a sementeira, ficou até tarde, orando ao Senhor para que preservasse aquelle espirito de tão entranhada angustia e, durante longos dias e noites seguidas, todas as suas orações foram em favor do solitario.

Ao dealbar d'uma manhan luminosa, Honorio descia á ribeira quando vio uma nuvem de abutres voejando na direcção do palmar airoso que encerrava a cabana de Chrispo e logo um pensamento de morte lhe passou pelo espirito. Sem demorar um minuto endireitou para o outeiro a passos apressados.

Logo ao passar a cancella travou-se-lhe o coração de pena ao ver tão acceitoso retiro transformado em intonso mattagal e a casa palhiça aberta, em abandono, com herva a cobrir a soleira secca e no colmo, d'azas espalmadas, abutres gozando o sol.

Bradou pelo eremita: tres vezes os échos atroaram: então, resolvido, passou o limiar e logo os seus olhos, já humidos, fitaram a parede onde se enfileiravam folhas seccas espetadas no adobe com espinhos agudos e, contando-as, achou noventa e cinco que tantos tinham sido os dias atormentados do miserando.

De novo bradou o nome de Chrispo e, sem resposta, sahio a procural-o. Correu a horta onde os legumes mirravam, passou ao pomar que o corrego, transbordando, transformara em paúl e, ao fundo, pendente do galho d'uma arvore, vio o corpo do eremita oscillando, com abutres pousados sobre os hombros atassalhados, o burel rôto, o rosto em caveira, os ossos nodosos das mãos e dos pés amarellando ao sol.

O desespero levara-o a precipitar a morte, a adiantar-se ao destino e Honorio, sem conter o pranto, ajoelhou-se rezando pelo companheiro e até á tarde alli esteve e á noite, com o luar, cavou uma sepultura e deitou o cadaver. Então, fechando a cabana, desceu vagarosamente, caminho do eremiterio, repassando em silencio as contas do seu rosario, a ouvir as vozes agourentas das aves que voavam dentro da noite e o rebusno dos onágros nos areaes do deserto.

Deuses

—

I

Quando o sacerdote accendeu, com a centelha solar, o lume d'ara, vibraram, em doce accento, as lyras ás mãos dos mystas e o povo, em atropellado tumulto, vendo o esplendor da chamma reflectido em rebrilhos roseos nas paredes de finos marmores polidos, entoou o grande hymno heroico, glorificando o deus radiante, regulador da vida e dispensador equitativo da Justiça e dos bens.

Todas as almas voltaram-se ao altar augusto, onde resplandecia a imagem perfeita do divino Ephebo; só um velho, nascido nos remotos confins das terras asiaticas, á beira d'um grande rio, pasmou d'aquelle culto estranho, não comprehendendo que as orações passassem além do lume vivo que ardia e coruscava irrequieto, lampejante e alegre como a propria alma que reina nos corações, centelha do sol divino que fulgura no ceu.

«Pois é crivel que o deus dos nossos ancestraes, a viva e loura imagem de Indra, o lume superior e eterno, fique reduzido á triste condição de servo, prestando-se a glorificar um novo deus?

Que faz aquella figura impassivel que semelha um adolescente? que faz naquella rigida immobilidade, para que assim a honrem e venerem?

O lume rebrilha e illumina, o lume aquece e vivifica — manifesta-se visivel, sensivelmente — é Agni, a hypostase de Indra, e ha de ser o serviçal humilde da figura de pedra? E' então assim que se respeitam as crenças?

Não foi o lume que nos veio guiando através das solidões nunca trilhadas, afugentando as féras, desvendando os horizontes até as terras fecundas em que espalhamos os nossos rebanhos, levantamos as nossas cabanas de pelles, sulcamos o solo, abrindo o leito para a sementeira? Não foi o lume que nos deu a victoria sobre as gentes grosseiras e crueis das cavernas? Não foi elle que nos illuminou a derrota nos mares e não é elle ainda que nos aquece quando as nevoas se condensam e cahem em floccos, que desfolham as arvores e tornam os caminhos lividos? Por que hão de os homens ingratos humilhal-o, fazendo do vivo deus terreal o escravo de uma imagem morta? E' isto a nova religião? E' esta a nova crença? Eis porque os soffrimentos recrescem. E como não querem os homens ingratos que a peste os dizime e as seccas lhes

façam mirrar a sementeira se desadoram o deus verdadeiro e curvam-se diante da figura de um homem?»

E o velho arya, sacudindo as abarcas, deixou o templo onde, no fervor do culto, todas as lyras soavam acompanhando gloriosamente o paean glorioso.

II

Napéas e egypans cornigeros fugiram, as humidas nymphas mergulharam nos rios ou esconderam-se, pallidas, entre os juncaes das fontes e as hamadryadas tremeram dentro dos grandes cedros quando viram apparecer na floresta os homens fortes, derrubadores d'arvores.

Zephyro, como se tambem se arreceiasse, foi escapando aligero e as frondes ficaram immoveis, cessou de todo o ruido, nem mesmo os insectos ousaram esvoaçar brincando nos raios de sol que scindiam a folhagem.

Raro em raro, no recesso mais fundo, as versas farfalhavam sob os ligeiros passos d'algum fauno arisco, ou as aguas borbulhavam ao mergulho d'uma nayade assustada, e os homens caminhavam lentamente, cabeça alta, olhando, examinando as arvores, discutin-

do e, de tronco a tronco, passavam commentarios timidos das nymphas:

«São lenhadores: trazem o machado mortal. Vão, talvez, edificar uma nova cidade, talvez erigir um novo templo e querem-nos para as construcções. Vamos deixar a nossa folhagem — nunca mais nos toucaremos de flores e, mortas, longe da terra nativa, ficaremos apertadas entre pedra e argamassa. Mas quem sabe? Talvez não seja para edificios! O inverno ahi vem: os ventos sopram bravios, as noites toldam-se de brumas que gelam... é, sem duvida, para lume que nos querem. Ai! de nós, dentro em pouco não seremos mais que cinzas dispersas».

E os homens olhavam, examinavam as arvores, palpavam-nas e, dentro d'ellas, estarrecidas, as hamadryadas tremiam. Um, que parecia ser o chefe, disse, por fim, aos companheiros, parando junto d'um grande cedro:

— Esta parece-me uma arvore magnifica, o artista ha de ficar contente. E todos concordaram.

Então os homens cercaram o grande cedro e, despindo os mellotes, que penduraram aos ramos, empunharam os machados.

Aos primeiros golpes todo o bosque atroou lamentosamente e as divindades, espavoridas, abalsaram-se. Em manejos regulares, ao som dos cantos, iam os machados sulcando o tronco rijo. Cançaram, porém, os homens e, sentando-se, puzeram-se a conversar.

—Se o artista fôr habil, a Venus Urania que sahir d'este cedro será a mais bella das deusas, disse um.

—Que o tronco é admiravel, accrescentou outro.

—E perfeito, concluio o chefe. Então, de arvore a arvore por toda a floresta, correu um sussurro alegre: «E' para fazer uma deusa. E' para fazer uma deusa». E as hamadryadas disseram:

«Vai ficar num altar e terá culto. Queimar-lhe-ão resinas aromaticas e as sacerdotisas velarão para que se mantenha sempre accesa a sua lampada de oleo fino. Se é para tirar uma Venus, não virão ferir-nos os machados, porque um só tronco basta».

De novo tornaram os derrubadores á faina, com mais alento, cantando.

Subito o tronco, fundamente vincado, oscillou. Os homens recuaram, espalhando-se, e o grande cedro, talhado, começou a pender estrallando. Com a sua folhagem ia arrasando as franças das outras arvores, escorchava-lhes, de raspão, os troncos e, fragorosamente, talando galhos, esmagando arbustos, estendeu-se no solo: ficou no seu lugar uma grande aberta, logo invadida pelo sol glorioso.

Então os homens acudiram e começaram a detorar as ramagens do cedro, deixando o tronco liso para que, na manhan seguinte, o fossem buscar com os possantes bois do serviço do templo. E partiram.

Recahindo o silencio, desceram do fundo do bos-

que os egypans, as nayades emergiram das aguas, as hamadryadas deixaram o amago das arvores e todos, cercando o tronco derrubado, contemplavam-no com piedade, quando uma dryada fallou:

—Já que ella vai ser deusa, a loura hamadryada do cedro, peçamos-lhe que nos proteja. Que na sua gloria augusta, não esqueça as suas pobres irmans da floresta. E todas as divindades ajoelharam-se á volta do tronco, que se esvaîa, clamando: «Sê por nós, Venus excelsa!»

Então a hamadryada, que agonisava no cedro, falou sumidamente ás suas irmans da floresta:

«E' para um templo que me vão levar, um templo de fino marmore, com relevos de ouro. Vou ser deusa. Virão a mim, humilhados, os principes dos homens e gentes de todos os paizes com offerendas preciosas. Nos dias solemnes sahirei entre hierophantas e sacerdotisas, e o povo, de joelhos, fará alas respeitosas á minha lenta passagem.

Na pedra limpida do meu altar propiciatorio palpitarão pombas alvas feridas pelo cutello aureo das sacrificadoras. Eu serei na terra a imagem da grande Venus.

Quando as tempestades vos estorcerem, quando o raio de Zeus fender os vossos corpos e as enxurradas cavarem a terra expondo as vossas raizes, eu, agazalhada e venerada no ádyto do templo, ouvirei os hymnos entoados ao som das lyras e das flautas lydias. Eu sou a Venus celeste, a immortal Urania».

Um velho egypan, que se achegára ao cedro, sorrio ouvindo a voz enfraquecida da hamadryada e disse ás divindades prosternadas:

— Por que haveis de pedir protecção a quem a não póde dar? Invejais, talvez, o seu destino... pobre d'ella! E' melhor ser arvore viva na floresta do que tronco secco no altar. Ella vai ter os perfumes, os cantos, as oblações e as homenagens dos homens... deixai-a ir, a Venus Urania. Eu prefiro a minha caverna forrada de fétos ao templo de marmore que lhe destinam e, quando os raios estalarem eu, a tremer de medo, louvarei a vida, pensando nos dias tépidos e claros. A vida, a vida, mesmo a tiritar de frio, eu a prefiro a todas as glorias num templo, depois da morte.

— Não vale a pena ser deusa por tal preço... Antes ser arvore e luctar com a furia do vendaval, disse uma hamadryada.

— E eu prefiro as aguas do meu rio, mesmo assoberbadas pelo inverno agreste, disse uma nayade. E todas as divindades florestaes, ao lindo raiar d'alvorada, cantaram louvando a vida. Só a hamadryada do cedro, que devia dar o divino corpo de Urania, deusa victoriosa e immortal, não teve voz para cantar, apenas pôde dizer flebilmente: «Não ha grandeza sem martyrio. Mesmo para ser deus é preciso soffrer...» E, assim dizendo, expirou.

III

No antigo templo, sagrado pelos tristonhos padres nazarenos, cujo «naos» fôra transformado em capella christan, fulguravam cirios pallidos aos lados da imagem d'um Christo macilento, livido e sangrando, a cabeça pendida, os cabellos collados á fronte e ás temporas cavadas, a bocca retorcida e aberta no afflictivo hiato da agonia, estampado na cruz em que luziam os cravos de ferro e no topo, em placa argentea, revolta, a ironica legenda.

Era noite.

No bosque que encerrava o sanctuario olympico onde, outr'ora, os peregrinos, que vinham consultar o oraculo, levantavam as suas tendas alvas, só a agua de uma fonte, em lento minar, chorava e, por vezes, a uma lufada do vento, os loureiros farfalhavam.

A voz rascante da estryge de Pallas rilhou no es-

paço adormecido. Desabotoavam as açucenas e todo o ar era um suave perfume.

A estatua de Apollo, em marmore, que os padres haviam atirado, com desprezo, entre as hervas altas, levantou-se, branca e luminosa, d'uma belleza toda feminina, como uma nayade que sahisse do seu juncal ribeirinho e, com serenidade magestosa, caminhou lentamente para o templo.

Atravessou o peristylo deserto, entrou no pronaos onde os seus passos de pedra resoaram e, chegando ao naos, contemplou, com tristeza, a nudez do recinto. As columnas tinham sido despidas das decorações preciosas: as armas luzentes, os concavos escudos de ouro, os pannos attalicos que rebrilhavam. As mezas votivas, dantes sobrecarregadas de offerendas, estavam vasias e descobertas, como se por alli houvesse passado uma horda sacrilega e rapace.

O deus caminhou mais alguns passos e, erguendo os olhos claros, fitou a imagem immota do seu adversario victorioso, o nazareno, que lembrava Marsyas amarrado á arvore affrontosa; e sorrio:

— És tú, então, o deus novo dos homens? tú, um cadaver! Que fizeste na vida, se viveste, para que assim te adorem quando já não és mais que um corpo inerte? Que novos prazeres ensinaste ás gentes insaciaveis de gozo? Fala, dize: que fizeste para que os homens voluveis vivam a cercar o teu calvario de luzes?

Vozes soturnas soaram no episthódomo transfor-

mado em claustro e Apollo, prestando attenção ao côro melancolico, nelle poude apenas distinguir a palavra «Misericordia», mysteriosa palavra bem soante que, pela primeira vez, chegava aos seus ouvidos. «Deve ser o nome do deus morto» — murmurou.

As vozes approximavam-se e Apollo falou para a imagem da agonia:

— Cadaver, que outro nume virá depois de ti ao altar de que me apearam? Talvez o tirem da mesma pedreira a que me foram buscar se o não fizerem com a madeira cruel da mesma arvore que deu o poste do teu supplicio. Misericordia é o teu nome. Eu chamei-me Esplendor e por mim vieram as Artes ao mundo. Morto, és mais feliz do que eu: não soffrerás, como eu soffro, no dia em que te desprezarem. És um corpo apagado, eu era a propria Vida. E que póde trazer um morto? Calou-se, escondendo-se na sombra porque appareceram, ao fundo, sahindo do antigo episthódomo, em duas filas lentas, os negros monges psalmodiando.

IV

Nunca mais pudera esquecer o sinistro espectaculo —tinha-o constantemente ante os olhos: aquelle outeiro maldito onde não vingava herva, assombrado pela forca senhorial, sempre com um cadaver a oscillar ao vento, mirrando ao sol ou deventrado pelos corvos que ennegreciam o sitio esvoaçando com um lugubre crocito, tão alto que se ouvia no burgo, onde, ás lufadas da brisa tépida, chegava o cheiro asqueroso dos mortos que apodreciam.

Lá o vira, uma noite, a elle, o marido, hirto, estirando uma sombra immensa na claridade fria do luar.

Que crime commettêra o misero? fôra justiçado por ser pobre e não poder, em tempo, entrar com o dizimo exigido pelo senhor.

A sua terra, com o trigal dourado, fôra confiscada. Expulsa, sob ameaça de martyrio e morte, andára toda uma noite sem destino, faminta, com o filho a chorar.

Fôra aos mosteiros vendo-os alumiados e ouvindo grandes vozes alegres — batêra debalde.

Ao nascer do sol internára-se no bosque receiando os lascivos homens d'armas que violavam creanças, deixando-as mortas nos fossos, com um punhal na gorja e temendo os religiosos que viam nos laivos da miseria estygmas denunciadores de vigilias infames e ella, que passava as noites sem lume em cavernas geladas, dando o pouco calor que conservava ao corpinho esqueletico do filho, devia ter as feições desfiguradas.

Só uma mulher, uma bôa mulher a buscava sem nojo, levando-lhe alimentos e hervas maceradas que faziam dormir o pequenito. Diziam-na feiticeira, pactuada com o demonio — era, entanto, mais caridosa que os santos homens da religião, aquella feia bruxa andrajosa.

Na noite triste em que lhe morreu o filho só ella fôra velar o cadaver. Accendêra um fogo e, emquanto o vento soluçava nos ramos e os mochos esvoaçavam, ella falára do sabbat em torno do outeiro lugubre dos enforcados e falára de Satan, patrono dos infelizes.

Não eram os bruxos que sepultavam, á noite, os corpos dos justiçados? não eram elles, os satanicos, que conheciam as hervas sedativas? não eram elles que esterilisavam os ventres para que não crescesse a miseria e a dôr não fosse maior nas casas com o choro das crianças núas e famintas? não eram elles que vin-

gavam os villões nos filhos dos senhores? não eram elles que prégavam a revolta?

Se o Deus confinado nas egrejas só se mostrava e attendia aos ricos por que haviam os pobres de o venerar? E o fogo? Os padres annunciavam as chammas infernaes mas não viviam elles a atiçar fogueiras em que bradavam, rechinando, tantas victimas innocentes? O inferno não podia ser mais tormentoso do que era o burgo feudal.

Por que não havia de seguir a bôa mulher? Quem daria por ella nos caminhos escusos?

As corujas chalravam no ar e os sapos coaxavam nos paúes. O sino do mosteiro dobrava no silencio tragico.

«Vamos! Não ouves o rumor que o vento traz de longe? é o protesto dos padecentes, é o bramar dos villões. Satan é forte e liberta. Tens fome? lá acharás alimento. Tens frio? lá acharás a fogueira feita com vigas de forcas e cepos manchados de sangue que serviram para execuções, no ergastulo do castello. Vamos! aprenderás a vingar-te dos homens e do mesmo Deus que nos abandona. Vamos! a lua começa a declinar».

E de pé, com os olhos lampejando, já á entrada da caverna, a bruxa estendeu o braço magro mostrando o céu ao longe, avermelhado, como ao primeiro luzir d'alva. «Olha! é o clarão da fogueira do sabbat. E' a alvorada da liberdade. Deixa o teu filho morto, enterral-o-emos á volta.»

Já desvairada, em delirio energumeno, a feiticeira apressava a infeliz:

«Abracax! Abracax! Avia-te, mulher. Se tens breves e nominas lança-os longe de ti. Só ha um deus para os pobres... é elle!»

A misera, fanatisada, arrancou do pescoço a penca de amuletos, atirou-a ás urzes mas, lá no fundo do peito esqualido, como se todas as reliquias e rezas se houvessem nelle entranhado, o coração pôz-se a repetir as preces desprezadas e a bradar pelo Deus renegado, tremendo como um condemnado deante do patibulo.

—Vamos! não te demores mais. Já começa a soprar a brisa da manhan.

Mas o gallo cantou no silencio e, por entre o arvoredo, começou o farfalho ligeiro dos passos dos bruxos que recolhiam.

—Covarde! regougou a feiticeira com asco, fica-te com a tua covardia servil! E a mulher, pallida, hirta de espanto, quedou como encravada no fundo da caverna mas, ao primeiro raio de sol, ouvindo os passarinhos, sahio a bater as urzes catando os seus amuletos e, á medida que os ia achando, molhados de orvalho, beijava-os, guardava-os no seio como para acalmar o coração medroso.

V

Ferrando, á pressa, as largas velas do barco e acenando de longe festivamente, os pescadores procuravam dar a perceber aos de terra um grande e novo acontecimento.

As mulheres affluiram á praia em turba e, mal os marujos poiaram, logo se viram cercados e num alvoroço ancioso de vozes que interrogavam.

Um d'elles narrou, então, a pesca milagrosa que haviam feito:

—Era quasi manhan quando, ao retirarem a rede, sentiram tamanho peso e resistencia que receiaram que ella se houvesse emmaranhado nas arestas dos baixios mas, unindo corajosamente todas as forças, conseguiram içal-a e dentro, envolta em sargaço, arrugada de mariscos, viram, rolando nas malhas, entre o peixe vivo que saltava assustado, uma imagem de pedra.

Então, abeirando-se do barco, mostrou a imagem

que jazia deitada sobre um rolo de cabos e na praia, homens e mulheres, ajoelharam-se devotamente venerando aquella que foi logo appellidada a Senhora do Mar.

Espalhada a bôa nova resolveu-se formar um cortejo que acompanhasse á ermida a santa das aguas.

A tarde dourava os montes e as gaivotas voavam alegres acima das aguas lisas quando o sino soou vivamente e o povareu, cantando, lá se foi, encosta arriba — á frente os pescadores, levando aos hombros, em andas grosseiras, a esverdeada e repoida imagem.

O cura, um velhinho, simples como as suas ovelhas, sahio, commovido, ao limiar do templo e, vendo a imagem e ouvindo o doce cantico com que a levavam, marejaram-se-lhe os olhos de puras lagrimas.

Foi a santa collocada no altar, entre Jesus e Maria, e o cura determinou que todos os annos se celebrasse uma festa commemorando o acontecimento feliz. Assim se fez e foram tantos e tão seguidos os milagres que, em pouco, a ermida, que era do Senhor do Martyrio, passou a ser chamada da Senhora do Mar.

Vinham de longe, d'outras aldeias da costa, barcos em romagem trazer promessas de naufragos e, não raro, subiam o outeiro bandos de pescadores levando andainas e palamentas e muitos, referindo o milagre, affirmavam ter visto a mesma imagem pairando sobre as vagas que logo se amansavam.

Uma manhan, depois da missa, um homem — que era um sabio e andava a visitar as terras da antigui-

dade — pedio para falar ao cura. O velhinho recebeu-o com muita lhaneza e, dizendo-lhe o hospede que desejava ver de perto a imagem milagrosa, elle o levou ao altar. Logo que o sabio avistou a esculptura saltou-lhe dos labios, numa exclamação, o nome: Demeter! e ficou immovel, a olhar, a examinar e o cura regosijava com a exaltação e o extase devoto de tão nobre senhor.

— Dizeis, então, que esta é...?

— A Senhora do Mar, que acalma as tempestades e salva os que se perdem nas ondas bravas disse, com a sua voz tremendo, o suave velhinho.

O sabio fitou-o como se quizesse ler bem fundo nalma do simples e, como só encontrasse sinceridade e fé, encolheu os hombros e ficou em silencio.

Chegava um grande e alegre bando de mulheres, esposas e filhas de marujos que traziam flores e vinham agradecer á Senhora os dias limpidos e as brisas prosperas que iam levando os barcos serenamente. Ajoelharam-se entoando em côro o cantico amoroso.

O cura afastou-se pé ante pé e o sabio, diante d'aquella scena meiga, comprehendeu a Belleza e a Grandeza da Fé e, afastando-se, a gozar a melodia religiosa de tantas vozes delicadas, murmurou:

— Senhora do Mar ou Demeter, que importa! são todas a mesma Fé. Todos os altares são degráos da mesma escada que leva ao céu. Senhora do Mar ou Demeter... Qual d'ellas será a verdadeira?...

E o cura, ouvindo-o murmurar, sorria satisfeito imaginando, sem duvida, que elle resava á santa.

A verdade

—

Assegurando-se de que o aprisco ficara bem fechado com a sua rija tranca, o velho pastor tomou o cajado, cobriu-se com o melote e, vagarosamente, cantarolando uma suave cantiga, baixinho, como se não quizesse interromper o somno das arvores, tomou o atalho que levava mais ligeiramente á planicie por entre fraguedos negros e altos carvalhos ramalhosos.

A lua, muito alva e redonda, alumiava toda a montanha: a sua claridade era um fino véo diaphano que se estendia por toda a agrura. Entre os ramos piavam passaros e a brisa respirava tão branda que as folhas buliam apenas com um reluzir de laminas de prata.

O pastor caminhava precedido pela propria sombra. Ia a pensar no passado.

Tudo na serra conservava a antiga belleza — as arvores pareciam mais verdes, as fontes mais copiosas, cantando com mais alegria, só elle envelhecera e co-

meçava a sentir a aspereza dos caminhos e o rigor dos invernos.

Ah! o bom tempo d'antanho! Que era uma rampa para quem galgava penedias e saltava, como os cervos, as torrentes fragorosas? Que era uma noite de neve para quem affrontava tempestades para ficar até a madrugada num palheiro, ao lado de certa zagala formosa? Ah! o tempo...

Lá ia o pastor pela poeira antiga dos mesmos caminhos da mocidade morta. Lá ia pensando, quando ouviu uma voz que cantava no bosque. Deteve-se a escutar.

Quem cantaria a horas taes em sitio tão deserto? Os pastores lá estavam no cimo do monte, agasalhados nos seus tugurios. Quem seria?

A voz era meiga, de um timbre delicado: «voz de mulher», pensou o pastor. E, resolutamente, embrenhou-se no bosque.

Caminhou guiando-se sempre pela voz maviosa e, ao clarão do luar, descobriu, sentada á borda de uma cisterna, uma linda rapariga toda núa, com os cabellos tão louros que rebrilhavam á claridade. Cantava penteando os cabellos e o seu corpo de neve alvejava ao luar.

O velho pastor deteve-se á distancia comtemplando-a extasiado. Nunca vira belleza tão pura e logo suspeitou que se achava em presença de uma oreada, talvez da propria Artemis que encantara o pastor Endymião.

Ousadamente adeantou-se afastando os ramos e, ao rumor dos seus passos, a moça voltou a cabeça.

Não pareceu perturbar-se, não fez movimento algum de assustado pudor para esconder o lindo corpo nú e, penteando os cabellos finos, continuou a cantar na claridade esplendida que a envolvia.

O pastor afoito avançou, falando á apparição:

— Quem és? Que fazes tão só e núa nesta floresta triste onde nem faunos apparecem? A moça voltou-se e o pastor ficou deslumbrado com o esplendor dos seus olhos.

— Sou a Verdade, disse. Vim refugiar-me na solidão da floresta porque fui banida dos grandes centros. A minha nudez escandalisa, a minha palavra revolta, porque é limpida como as aguas limpidas que só reflectem o real. Andei de terra em terra: dos paços repelliam-me, enxotavam-me das cabanas. Mal eu abria a boca para falar logo me impunham silencio e, a pretexto de me agasalharem, cobriam-me com os pesados estofos da conveniencia e da polidez. Os poucos que me quizeram seguir soffreram o martyrio. Fui corrida á pedrada e, refugiando-me em cavernas, os cães farejavam o meu rastro denunciando-me aos homens. Foi então que resolvi habitar a floresta.

— E de que vives?

— Do esplendor. A luz é o meu sustento e eu refuljo. Sou a prophetisa dos deuses. Os meus oraculos resplandecem no futuro. Não conheço a sombra: a projecção do meu olhar é mais rutilante que o sol.

— Que fazes?

— Illumino e guio. Aos que me procuram mostro todas as profundidades, descubro todos os arcanos. Sou como a frecha que rompe a illusão.

Quando me afasto de um ponto nelle se aboletam a Utopia, a Intriga, o Fanatismo e a Lisonja; estendem-se todos os fios da teia dessa aranha — a Mentira. Nunca me ouviste falar? queres ouvir-me?

— Fala! Fala do meu amor, do meu amor que é morto. A Verdade sorrio.

— O teu amor foi um sonho. Tu viveste d'uma illusão. Tua amada trahia-te.

— Mentes, disse o pastor. E a apparição continuou tranquilla.

— Não a conheci. Sempre que ella jurava eu tinha de recuar atropellada pelas falsidades. Nunca senti o perfume da boca da tua amada. Era a propria perfidia.

— Mentes! insistiu o pastor. Dize-me a côr dos seus cabellos.

— Louros. O pastor sorrio triumphante, clamando:

— Negros! Tinha os cabellos negros.

— Porque os pintava.

— O seu nome?

— Chloris.

— Ainda mentes! Em todas as arvores, em todas as rochas ha o seu nome gravado por mim. Ahi mesmo, na borda dessa cisterna, vel-o-ás, se quizeres: Lycia.

—Chloris era o seu nome como a sua patria era Mytilena. Dizia-se de Athenas e dava o nome de Lycia para esconder a sua origem e velar o seu passado. Antes de a conheceres zagala outros a viram em estragulos, núa, vendendo beijos.

—Mentes! bradou o pastor, investindo furioso. E a apparição continuou tranquilla.

—Tinha um signal na espadua.

—Um lindo signal que, por modestia e pudor, sempre escondia. Era ali que os meus beijos se juntavam quando deixavam a boca onde vivia o meu nome.

—Era o stygma da escrava: Chloris foi mulher de mercado.

—Mentes! a apparição sorria.

No seu coração nenhum amor deixou rastro—era como as aguas do mar que se fecham, mal as quilhas das fundas naves por ellas deslisam. Nunca te amou nem jámais conheceu o amor. Queres ouvil-a? Chama-a, invoca-a: o seu coração deu azas a uma borboleta nocturna que anda a errar pelo bosque. Chama-a! E o pastor, allucinado, bradou o nome suave: «Lycia!»

As folhas pallidas tremeram e no fundo da brenha os egypans gargalharam. Ouves! são os capros que riem de ti.

—Mentes! Mentes! Fitou os olhos na formosa virgem, e, repentinamente empurrando-a, fel-a rolar no fundo da cisterna. Então, com uma idéa cruel, retro-

cedeu ao viso da montanha, galgando, com agilidade incrivel, as rochosas escarpas.

Despertou os pastores e, no meio d'elles, fallou:

«Ha um monstro na floresta — mostrou-m'o o luar. Vendo-o, invoquei o nosso divino patrono e avancei resoluto. Pan ia commigo, a meu lado, invisivel, e foi elle, de certo, que me ajudou a vencer a hydra que vinha assolar e entristecer a serra benigna. Vagaroso, cauteloso, aproveitando o somno que dormia, cheguei-me ao monstro e, forte com a protecção do deus sylvestre, fil-o rolar na cisterna. Lá está! Urge que o acabemos para que não volte á Terra plana. E todos os pastores em chusma amotinada, seguiram precipitadamente acompanhando o pastor que mentira.

Chegaram á floresta em tumulto. Alguns debruçaram-se á beira da cisterna e viram um clarão no fundo lugubre. Um bradou: «Que esplendor!» Outro exclamou: «E' um astro!» Mas o pastor insistiu:

— E' o monstro... E, para animar os companheiros, atirou para o abysmo o primeiro tronco e todos correndo, bradando, puzeram-se a imital-o. Até a hora d'alva, trabalharam em soterrar o monstro e o fulgor, á medida que se despenhavam toros e pedrouços, ramalho e torrões das barrancas, subia trémulo como se fluctuasse.

Quando o entulho chegou ás bordas o velho pastor saltou sobre elle espesinhando-o, tripudiando, a rugir: «Mentira vil! mentira infame!» Mas os pastores re-

cuaram deslumbrados, o mesmo velho tombou por terra, como ferido do raio e, núa e linda, clara, de pé á borda da cisterna, a apparição brilhava.

Houve um clarão mais fulgido do que o romper do sol, depois a fórma luminosa ergueu-se, leve no ar, e, suavemente, librando-se, foi ascendendo direita, serena e radiante.

Os homens rojados viam-na subir sempre rutila. Fez-se no espaço como uma lua, diminuiu e não foi mais que uma estrella, ainda scintillou como centelha no céu e perdeu-se. Abriu-se esplendidamente o Olympo e os deuses, deixando o zodiaco, sahiram a receber a pulcherrima deusa.

Fecharam-se de novo os batentes elyseos, a sombra ficou victoriosa na terra e as illusões enxamearam o mundo. E nunca mais a Verdade appareceu entre os homens senão como a pallida luz que desce do corpo de um planeta morto.

FIM

INDICE

Passionarias

Visões e sonhos

Illuminuras

Livro das illusões

ERRATAS

—

Pag.	linha	onde se lê	leia-se
17	3	vesga	nesga
»	9	dizias	dirias
24	4	contar	conter
26	19	melancalia	melancolia
33	3	se vae	se a vae
35	19	moribudo	moribundo
37	10	sydeal	syderal
48	3	trinchas	frinchas
49	26	sobe	sob
51	13	aturar	atinar
54	9	Vendo-as	Vendo-a
66	17	amo	anno
73	11	beijeia-a	beijei-a
80	1	jequitebá	jequitibá
»	10	mariboudos	maribondos
81	21	jequitebá	jequitibá
82	4	deixou exhausto	deixou cahir exhausto
93	16	manda fazer	mandas fazer
»	19	visita a casa	visita á casa
108	28	expiar	espiar
111	25	discuido	descuido
144	8	cavana	cabana
157	9	em casa tão rico	em casa mais rico
169	8	mostrando-se	mostraram-se
170	25	anafés	anafís
177	23	lagarejo	Lugarejo
203	9	Voltaram-se	votaram-se